

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
FACULDADE DE GESTÃO E NEGÓCIOS – FAGEN**

CAMILA MENDONÇA CARISIO

**CHICO XAVIER, CARIDADE E O MUNDO DE CÉSAR:
UM OLHAR SOBRE O MODO DE GESTÃO DA
ASSISTÊNCIA SOCIAL ESPÍRITA EM UBERABA-MG.**

UBERLÂNDIA
2008

CAMILA MENDONÇA CARISIO

**CHICO XAVIER, CARIDADE E O MUNDO DE CÉSAR:
UM OLHAR SOBRE O MODO DE GESTÃO DA
ASSISTÊNCIA SOCIAL ESPÍRITA EM UBERABA-MG.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Faculdade de Gestão e Negócios - FAGEN, da Universidade Federal de Uberlândia - UFU como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Administração.

Linha de Pesquisa: Estratégia e Mudança Organizacional

Orientador: Prof. Dr. Valdir Machado Valadão Júnior

Uberlândia
2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

- C277c Carisio, Camila Mendonça, 1981-
Chico Xavier, caridade e o mundo de César : um olhar sobre o modo de gestão da assistência social em Uberaba-MG / Camila Mendonça Carisio. - 2008.
154 f. : il.
- Orientador: Valdir Machado Valadão Júnior.
- Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Administração.
Inclui bibliografia.
1. Associações sem fins lucrativos - Administração - Teses. 2. Terceiro setor - Teses. 3. Espiritismo - Uberaba (MG) - Assistência social - Teses. I. Valadão Júnior, Valdir Machado. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

CDU: 658.114.8

CAMILA MENDONÇA CARISIO

**CHICO XAVIER, CARIDADE E O MUNDO DE CÉSAR:
UM OLHAR SOBRE O MODO DE GESTÃO DA
ASSISTÊNCIA SOCIAL ESPÍRITA EM UBERABA-MG.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Faculdade de Gestão e Negócios - FAGEN, da Universidade Federal de Uberlândia - UFU como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Administração.

Linha de Pesquisa: Estratégia e Mudança Organizacional

Aprovada em 27 de setembro de 2008

Banca Examinadora

Professor Dr. Valdir Machado Valadão Júnior – FAGEN/UFU

Professor Dr. Luiz Henrique de Barros Vilas Boas – FAGEN/UFU

Professora Dra. Adriana Machado Casali - UFPR

Ao Instones e à Sandra Maria,
leitores atentos (e corujas),
com essenciais contribuições.
Ao Leandro (melhor: Leléó),
companheiro de diversas aventuras,
sempre paciente e disponível.
À Leca e à Lila,
imprescindíveis para minha tranquilidade.
Ao Valdir,
responsável pela existência deste trabalho.

AGRADECIMENTOS



Watterson, Bill. *Calvin e Haroldo*: e foi assim que tudo começou. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2007, p.22

Para não correr o risco de esquecer algum nome, deixo meu abraço de tigre, forte e espremido, a todos aqueles que fizeram, de alguma forma, parte desta conquista. Agradeço a todos, sem exceção.



RESUMO

Uberaba passou a ser foco das atenções públicas em função da presença do famoso médium Chico Xavier, a partir de 1959, quintuplicando o número de centros espíritas e reforçando as práticas assistenciais ali realizadas. Dentro do universo doutrinário do Espiritismo, a caridade ocupa um lugar privilegiado, pois é essencial para a evolução espiritual e, por esse motivo, todos os centros espíritas realizam atividades de assistência social como meio de se praticar a caridade. O objetivo de pesquisa foi identificar e compreender o modo de gestão da Assistência Social Espírita em Uberaba-MG. Entende-se modo de gestão como um conjunto de práticas administrativas executadas pela organização visando a atingir os seus objetivos (CHANLAT, 1996). O trabalho foi guiado pelos princípios da *Grounded Theory* (GLASER; STRAUS, 1967), método de pesquisa qualitativa em que existe um estreito relacionamento entre a coleta e análise de dados e a teoria, substantiva, que se desenvolve como consequência. A entrevista em profundidade foi o principal instrumento de coleta de dados, assim como gravação de palestras. Foram pesquisados, também, documentos das organizações espíritas. A técnica de análise e interpretação de dados utilizada foi a Análise de Conteúdo (BAUER, 2002) com auxílio do software Atlas/TI, que possibilitaram encontrar aos poucos as categorias de análise mais apropriadas: “Chico Xavier, Uberaba e a espontaneidade”, “Fora da caridade não há salvação” e “Relações com o mundo de César”. Como resultado dessa análise, percebeu-se que, no caso uberabense, o tradicionalismo, ligado à figura de Chico Xavier, prevalece e se tem como princípio a espontaneidade, estando esta no cerne de um constante confronto entre dicotomias – livre arbítrio e determinismo, espiritual e material, humano e divino – que povoam o universo espírita de Uberaba. Reforça-se a confiança nos “bons espíritos”, ou “guias espirituais”, ou “espíritos superiores”, ou “espiritualidade”, que são orientadores, norteadores dos trabalhos assistenciais. Contraditoriamente, portanto, à qualidade de espontâneo, pois as ações humanas são fruto de deliberada influência espiritual. De qualquer forma, os dirigentes espíritas uberabenses afirmam e reafirmam o caráter espontâneo da gestão da assistência social espírita e há uma nítida resistência em assimilar os ditames do “Mundo de César” – leis, regras, normas dos homens – por acreditarem que os preceitos divinos são suficientemente bons.

Palavras chave: modo de gestão, assistência social espírita, terceiro setor, espiritismo, centros espíritas, Chico Xavier, Uberaba

ABSTRACT

Uberaba turned to be the center of public attention when the famous medium Chico Xavier arrived in the city, in 1959. Since then, the number of spiritist centers has quintupled and the practices of assistance have increased. Inside the doctrinaire universe of Spiritism, charity occupies a privileged place because it is essential for the spiritual evolution. Therefore, all spiritist centers do social assistance as a way of practicing charity. The main goal of this research was to identify and to understand the means of management of Spiritist Social Assistance in Uberaba-MG. Chanlat (1996) understands “means of management” as a set of administrative practices implemented by the organization to achieve their objectives. This research was guided by Grounded Theory principles (GLASER; STRAUSS, 1967), qualitative research method in which exists a close relationship between data gathering, data analysis and the substantive theory that develops as a consequence. Intensive interview was the main instrument of data gathering. Recording lectures as well. Spiritist organizations’ documents were also researched. The technique of analyzing and interpreting data used was the Content Analysis (BAUER, 2002) supported by the software Atlas/TI. They both led to the categories of analysis: “Chico Xavier, Uberaba and the spontaneity”, “Without charity there is no salvation” and “Relationships with the world of Cesar”. As a result of this analysis, we realized that, in the case of Uberaba, the traditionalism, linked to Chico Xavier, prevails and the spontaneity is a principle which is in the core of a constant confrontation between dichotomies – freewill and determinism, spiritual and material, human and divine – that constitute the spiritist universe in Uberaba. They trust in “good spirits”, or “spiritual guides”, or “superior spirits”, or “spirituality” whose are the orientation leaders to the tasks of assistance, in contradiction to the spontaneity quality because the human actions are the result of deliberate spiritual influence. Nevertheless, the spiritists managers in Uberaba assure and reassure the spontaneous feature of the spiritist social assistance management. There is also a clear resistance to assimilate the dictates of the “World of Cesar” – human laws and rules – because they believe that the divine commandments are sufficiently good.

Keywords: means of management, spiritist social assistance, third sector, Spiritism, spiritists centers, Chico Xavier, Uberaba

RESUMEN

Uberaba pasó a ser foco de las atenciones públicas en función de la presencia del famoso médium Chico Xavier, a partir de 1959, quintuplicando el número de centros espiritistas y reforzando las prácticas asistenciales allí realizadas. Dentro del universo doctrinario del Espiritismo, la caridad ocupa un sitio privilegiado, ya que es esencial para la evolución espiritual y, por lo tanto, todos los centros espiritistas realizan actividades de asistencia social como medio de se practicar la caridad. El objetivo de pesquisa fue identificar y comprender el modo de gestión de la Asistencia Social Espiritista en Uberaba-MG. Se entiende el modo de gestión como un conjunto de prácticas administrativas ejecutadas por la organización con intención de alcanzar sus objetivos (CHANLAT, 1996). El trabajo fue guiado por los principios de la *Grounded Theory* (GLASER; STRAUS, 1967), método de investigación cualitativa en que existe una estrecha relación entre la recogida y la análisis de datos y la teoría, substantiva, que se desarrolla como consecuencia. La entrevista en profundidad fue el principal instrumento de recogida de datos, así como grabación de coloquios. Fueran investigados, también, documentos de tales organizaciones. La técnica utilizada, fue la Análisis de Contenido (BAUER, 2002) con auxilio del software Atlas/TI, que posibilitó encontrar poco a poco las categorías de análisis más apropiadas: “Chico Xavier, Uberaba y la espontaneidad”, “Fuera de la caridad no hay salvación” y “Relaciones con el mundo de Cesar”. Como resultado de esa análisis, se constató que, En el caso de la ciudad de Uberaba, el tradicionalismo, ligado a la figura de Chico Xavier, prevalece y se tiene como principio la espontaneidad, estando esta en el núcleo de una constante confrontación entre dicotomías – libre-albedrío y determinismo, espiritual y material, humano y divino – que pueblan el universo espiritista de Uberaba. Se refuerza la confianza en los “buenos espíritus”, o “guías espirituales”, o “espíritus superiores”, o “espiritualidad”, que son orientadores, guías de los trabajos asistenciales. Contradictoriamente, por lo tanto, a la cualidad de espontáneo, pues las acciones humanas son fruto de deliberada influencia espiritual. De cualquier forma, los dirigentes espiritistas de la ciudad de Uberaba afirman y reafirman el carácter espontáneo de la gestión de la asistencia social espiritista y hay una nítida resistencia en asimilar los dictámenes del “Mundo de César” – leyes, reglas, normas de los hombres – por creyeren que los mandamientos divinos son suficientemente buenos.

Palabras llave: modo de gestión, asistencia social espiritista, tercer sector, espiritismo, centros espiritistas, Chico Xavier, Uberaba

RÉSUMÉ

Uberaba est devenu un centre d'intérêt public grâce à la présence du célèbre medium Chico Xavier, à partir de 1959, multipliant par cinq le nombre de centres spirites et renforçant les pratiques d'assistance réalisées dans cette ville. Au sein de la doctrine spirite, la charité occupe une place privilégiée car elle est essentielle pour l'évolution spirituelle et, par conséquent, tous les centres spirites réalisent des activités d'assistance sociale comme moyen de pratique de la charité. L'objectif de la recherche a été d'identifier et comprendre le mode de gestion de l'assistance sociale spirite à Uberaba (MG). On considère le mode de gestion comme un ensemble de pratiques administratives réalisées par l'organisation visant à atteindre ses objectifs (CHANLAT, 1996). Le travail a été guidé par les principes de *Grounded Theory* (GLASER; STRAUS, 1967), une méthode de recherche qualitative dans laquelle existe un lien étroit entre la collecte ainsi que l'analyse de données et la théorie, substantive, qui se développe en conséquence. L'entretien en profondeur a été le principal instrument de collecte de données, ainsi que l'enregistrement de conférences. La recherche a également porté sur les documents de ces organisations. La technique utilisée fut l'Analyse de Contenu (BAUER, 2002) à l'aide du logiciel Atlas/TI, qui a permis de rencontrer progressivement les catégories d'analyse les plus appropriées : "Chico Xavier, Uberaba et la spontanéité", "Hors la Charité point de salut" et "Relations avec le monde de César". Comme résultat de cette analyse, on a constaté que, dans le cas de Uberaba, le traditionalisme, lié à la figure de Chico Xavier, prévaut et la spontanéité est un principe qui est au cœur d'une confrontation constante entre les dichotomies – libre arbitre et déterminisme, spirituel et matériel, humain et divin – qui peuplent l'univers spirite d'Uberaba. La confiance dans les "bons esprits", "guides spirituelles", "esprits supérieurs" ou "spiritualité", qui sont guides, directeurs des travaux d'assistance, se renforce. Contradictoirement, pourtant, à la qualité de spontané, car les actes humains sont le fruit de l'influence spirituelle délibérée. Quoiqu'il en soit, les dirigeants spirites d'Uberaba affirment et réaffirment le caractère spontané de la gestion de l'assistance sociale spirite et il existe une réelle résistance à assimiler les diktats du "Monde de César" – lois, règles, normes des hommes – en croyant que les préceptes divins sont suffisamment bons.

Mots clés: mode de gestion, assistance sociale spirite, troisième secteur, Spiritisme, centres spirites, Chico Xavier, Uberaba.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Fontes de dados – Aproximação Inicial	50
Quadro 02: Fontes de dados – Organizações Representativas	51
Quadro 03: Fontes de dados – Organizações Espíritas em Uberaba	52
Quadro 04: Rede de Relacionamento das Fontes	53
Quadro 05: Guia de entrevista	55
Quadro 06: Modelos de espiritismo	75
Quadro 07: Esquema Comparativo Jurídico-Doutrinário.....	81

LISTA DE ABREVIATURAS

ABONG	–	Associação Brasileira das Organizações Não-Governamentais
ACIU	–	Associação do Comércio e Indústria de Uberaba
AME	–	Aliança Municipal Espírita
CDL	–	Câmara dos Dirigentes Lojistas
CEATS	–	Centro de Empreendedorismo Social e Administração do Terceiro Setor
CETS	–	Centro de Estudos do Terceiro Setor
CMAS	–	Conselho Municipal de Assistência Social
CNAS	–	Conselho Nacional de Assistência Social
CRE	–	Conselho Regional Espírita
FEB	–	Federação Espírita Brasileira
GIFE	–	Grupo de Institutos, Fundações e Empresas
GT	–	<i>Grounded Theory</i>
IBGE	–	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	–	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ISER	–	Instituto Superior de Estudos da Religião
LOAS	–	Lei Orgânica da Assistência Social
ONG	–	Organização Não-Governamental
OS	–	Organização Social
OSCIP	–	Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público
SEDET	–	Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo
SEDS	–	Secretaria de Desenvolvimento Social
UEM	–	União Espírita Mineira
UMEU	–	União da Mocidade Espírita de Uberaba

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	15
1.1 – O que é diferente chama a atenção	18
1.2 – A aproximação inicial.....	19
1.3 – Novas visões, novas perspectivas	25
2 – SOBRE O TERCEIRO SETOR E SUA GESTÃO	29
2.1 – Terceiro Setor: história	29
2.2 – Terceiro Setor: conceitos.....	33
2.3 – Terceiro Setor: gestão	38
2.4 – Modo de Gestão	44
3 – METODOLOGIA.....	45
3.1 – Problema e objetivos da pesquisa.....	45
3.2 – O método: <i>Grounded Theory</i>	45
3.3 – As fontes de dados.....	49
3.4 – A Coleta de dados	54
3.5 – Análise e interpretação dos dados	56
3.6 – Limites da pesquisa	58
4 – CONHECENDO O ESPIRITISMO	60
4.1 – Espiritismo: história, conceitos e ícones	60
4.2 – Espiritismo: Brasil.....	63
4.3 – Espiritismo: sua(s) organização(ões) e a assistência social espírita	65
5 – CHICO XAVIER, UBERABA E A ESPONTANEIDADE	72
6 – FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO.	85
6.1 – Por amor ou pela dor.....	87
6.2 – Trabalho voluntário	90
6.2.1 – “Labor-terapia”: motivação e dedicação	90
6.2.2 – Espontaneidade: Organização, Controle e Conflitos	94
6.3 – Pão material e Pão espiritual.....	100
6.3.1 – Sopa.....	102
6.3.2 – Foco na criança	104

7 – RELAÇÕES COM O MUNDO DE CÉSAR.....	109
7.1 – Leis divinas X leis humanas	109
7.2 – Recursos financeiros: conflitos	114
7.3 – Relações com o poder público.....	118
7.4 – Relações com o segundo setor.....	123
7.5 – Relações entre pares	126
8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
Recomendações para pesquisas futuras	139
REFERÊNCIAS	141
GLOSSÁRIO	145
Apêndice A – Rede de relacionamento de códigos: “Fora da caridade não há salvação”	147
Apêndice B – Rede de Relacionamento de códigos: “Mundo de César”	148
Apêndice C – MAPA 1: GLOBAL	149
Apêndice D – MAPA 2: ALIMENTOS	150
Apêndice E – Quadro 07: Atividades de Assistência Social	151
Apêndice F – Quadro 08: Atividades Religiosas.....	152
Apêndice G – Quadro 09: Atividades de Assistência Espiritual	153
Apêndice H – Quadro 10: Distribuição das atividades assistenciais em Uberaba (periodicidade)	154

1 – INTRODUÇÃO

A primeira tarefa ao se redigir uma introdução, é contextualizar. Pergunta-se: o que é um “contexto”? Acha-se a seguinte definição no Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999): “encadeamento das idéias dum escrito.”. Simples, esse conceito será o guia inicial para este trabalho. Ou seja, será feito um encadeamento não só de idéias como também de acontecimentos, sem os quais não será possível afirmar a relevância e explicitar a questão de pesquisa, enumerar os objetivos, explanar o método e justificar o estudo.

Portanto, dentro dessa lógica, convém esclarecer que o presente “escrito” – a introdução – é um relato disposto cronologicamente, como um diário, contendo as constatações e experiências vividas pela pesquisadora. Em função dessa escolha, tomou-se a decisão de utilizar a primeira pessoa do singular para facilitar o desenvolvimento do texto. Portanto, EU, pesquisadora, relato as minhas vivências na cidade foco do meu trabalho – Uberaba – e em outros locais onde tive contato com o assunto em pauta. São a partir dessas vivências que o trabalho foi se estruturando e é somente a partir desse discurso pessoal que será possível explicar, descrever e fundamentar a presente pesquisa, seus objetivos e sua relevância.

Todas essas escolhas serão devidamente esclarecidas e justificadas quando forem tratadas as opções metodológicas feitas por mim, com o auxílio do meu orientador do mestrado. No entanto, creio ser conveniente adiantar que são os princípios da *Grounded Theory* que guiam o trabalho. A “teoria fundamentada” – sua tradução brasileira – é um método de pesquisa qualitativa em que existe um estreito relacionamento entre a coleta de dados, a análise e a teoria que se desenvolve como consequência. Em outras palavras, é por meio do processo de pesquisa, a partir da coleta e análise de dados empíricos extraídos da realidade observada, que a teoria emerge. Portanto, é somente à medida que acontece o avanço do trabalho de campo, com o uso de uma estratégia indutiva de pesquisa, que é possível o desenvolvimento das “*grounded theories*”. É gerada teoria substantiva, com pequeno grau de generalização por ser fruto de um estudo em profundidade de poucos casos ou de um caso apenas, e que, apesar disso, tem grande poder explicativo da realidade estudada e pode se caracterizar como um primeiro passo para o desenvolvimento de uma teoria formal com grande poder de generalização teórica.

Para auxiliar o método, o software de análise qualitativa, Atlas/TI, foi uma escolha feita que muito me ajudou no desenvolvimento desta pesquisa. Grosso modo, ele é um organizador de documentos e idéias, que depende única e exclusivamente do elemento humano. O software permite a análise de arquivos de texto, áudio e vídeo. No entanto, no presente trabalho só foram utilizados arquivos de texto. Em um primeiro momento, os dados brutos são analisados, os textos são segmentados e codificados e são redigidas notas de análises (*memos*). Em um segundo momento, são construídas estruturas de relacionamento dos códigos, conceitos e categorias para a formação das redes teóricas. Em suma, são procedimentos que estão firmemente baseados nos princípios da geração de *grounded theory*.

A opção por esse método é, pois, a principal justificativa para o relato que a seguir se vê, no qual são descritos acontecimentos, observações, constatações, discursos, enfim, “dados” preliminares que extraí da realidade não só observada, como vivenciada por mim. Tudo o que for relatado faz parte da contínua construção da teoria substantiva que explicará, em parte (tendo em vista os limites da pesquisa), a realidade que me propus a investigar.

A partir desse processo de investigação chegou-se ao seguinte objetivo de pesquisa: identificar e compreender o modo de gestão da Assistência Social Espírita em Uberaba-MG.

Localizada na micro-região do Estado de Minas Gerais, chamada “Triângulo Mineiro”, Uberaba é um município com uma população de mais de 250 mil habitantes, segundo dados do IBGE do Censo 2000. É referência nacional e internacional em função de ser um dos maiores centros promotores de leilões bovinos do Brasil, com foco no gado zebu, motivo pelo qual também é conhecida como “Capital do Zebu”.

“Capital do Espiritismo” foi outro título dado à cidade mineira. Um nome está ligado à explicação para essa denominação tão honorífica: Chico Xavier. Médiun nascido em 2 de abril de 1910, em Pedro Leopoldo-MG, mudou-se para Uberaba em 1959, e, em função de sua fama, atraiu os olhos do Brasil e do mundo para a cidade mineira. Faleceu em 30 de junho de 2002, deixando uma “herança” de quatro centenas de livros por ele psicografados, cuja renda proveniente dos direitos autorais sempre foi revertida para a caridade por Chico preconizada. Essa renúncia, seu poder mediúnico e a notoriedade de seu trabalho social, tornaram Chico Xavier um ícone nacional, culminando até na indicação do médium mineiro ao Prêmio Nobel da Paz.

A “herança” deixada por Chico não se restringe apenas a suas obras literárias. Foi a partir da fama do médium que houve um crescimento vertiginoso do Espiritismo no Brasil. Segundo dados do IBGE, Censo 2000, a população espírita brasileira gira em torno de 2,3 milhões pessoas. Esse é o número de brasileiros que se declaram espíritas. No entanto, ele não leva em consideração aqueles indivíduos que não admitem ser adeptos da religião, mas que têm algum tipo de envolvimento, regular ou não, com as instituições e práticas espíritas. Segundo a Federação Espírita Brasileira – FEB (2007b), são dez mil o número de organizações espíritas cadastrados junto a ela.

A influência de Chico Xavier no crescimento do Espiritismo fica mais evidente quando analisados os dados de Uberaba, em específico, aqueles relativos à evolução do número de organizações espíritas. No município, a criação formal da primeira organização espírita, o Centro Espírita Uberabense, foi em 1911. Após essa data, outras instituições surgiram, contando, até 1959 (data da chegada de Chico Xavier), um total de vinte e três. Dessa data até a atualidade, esse número passou para cento e nove¹, ou seja, quintuplicou.

É uma quantidade que, para o universo populacional de Uberaba, é bastante significativa. Mais relevante ela se torna quando pensamos nos trabalhos sociais que essas instituições espíritas realizam. Como será explicado mais adiante, algumas têm como fim esse trabalho, outras o têm como uma de suas atividades. Segundo Fernandes (2005), “não há centro espírita que não faça, ao menos, uma obra de caridade – uma creche, um ambulatório, campanhas de atendimento” (FERNANDES, 2005, p.28). O autor faz essa assertiva ao discutir as dimensões, ainda não mensuradas e nem devidamente analisadas, do que ele chama de “Terceiro Setor”. Não só Fernandes (2005), como outros autores (SALAMON, 1994, 2005; LANDIN, 1997, 2005; SALAMON; ANHEIER, 1998; ALVES, 2002; TENÓRIO, 2004), utilizam esse termo para designar o que Fernandes (2005) definiu como sendo o

composto de organizações sem fins lucrativos, criadas e mantidas pela ênfase na participação voluntária, num âmbito não-governamental, dando continuidade às práticas tradicionais da caridade, da filantropia e do mecenato e expandindo o seu sentido para outros domínios, graças, sobretudo, à incorporação do conceito de cidadania. (FERNANDES, 2005, p. 27)

Portanto, de forma bem ampla, o Terceiro Setor é tudo aquilo que não é o Estado, chamado de Primeiro Setor, e tudo aquilo que não tem o lucro como finalidade,

¹ Dado fornecido pela Aliança Municipal Espírita de Uberaba.

ou seja, o Mercado, chamado de Segundo Setor. Dentro dessa lógica, as organizações espíritas são caracterizadas como pertencentes ao Terceiro Setor.

É exatamente em todo esse contexto que se insere a pergunta de partida da presente pesquisa: como se caracteriza o modo de gestão da Assistência Social Espírita em Uberaba/MG?

Especificamente, pergunta-se: quais são as convergências e divergências discursivas dentro do movimento espírita, em relação à Assistência Social Espírita? Quais são as possíveis relações (e suas dinâmicas) entre a Assistência Social Espírita, o Primeiro e o Segundo Setores em Uberaba/MG? Como se configura o modo de gestão real (Chanlat, 1996) da Assistência Social Espírita em Uberaba?

É a busca por essas respostas que guia a construção da “teoria fundamentada” nos dados a seguir descritos.

1.1 – O que é diferente chama a atenção

O estranhamento em relação àquilo que é diferente do que estamos acostumados é um dos primeiros sentimentos que temos quando nos inserimos em um novo ambiente. Foi exatamente essa sensação que vivenciei em meados de 2005, quando saí de minha vida belo-horizontina e passei a ser mais uma moradora da cidade (relativamente) grande, com traços interioranos, chamada Uberaba. Tal sentimento é ainda, por diversas vezes, vivenciado por mim à medida que vou me acostumando com o jeito de ser uberabense.

Um dos aspectos que mais me chamou a atenção foi o fato de eu estar rodeada por pessoas que tinham uma característica em comum. Não era unanimidade, ou seja, nem todos com quem tive contato se caracterizavam dessa forma. No entanto, uma generalização me permito fazer: em todos os ciclos da minha vida social em Uberaba (e região), eu encontrava uma ou mais pessoas que declaravam ser espíritas. Mesmo aquelas que afirmavam ser de outra religião, apresentavam, em seu discurso sobre as concepções de vida (e morte), aspectos da doutrina espírita. Essas mesmas pessoas, quando falam de um dos maiores ícones da história uberabense (talvez, o maior), não deixam de ter palavras respeitadas, quase reverenciosas, em relação a Chico Xavier.

Isso, de início, foi um estranhamento no sentido acima exposto. Era diferente do que até então tinha vivido. Em Belo Horizonte, local onde nasci e passei grande parte da

minha vida, tive pouquíssimo contato com pessoas que tinham o Espiritismo como religião. Antes de me mudar para Uberaba, uma das poucas informações que possuía a respeito dessa cidade era exatamente a referência da fama de Chico Xavier, um dos mais conhecidos símbolos dessa religião que me era estranha.

Por todos esses aspectos expostos, eu não podia deixar de me intrigar com esse ambiente tão distinto do qual eu estava acostumada. Foi exatamente o que aconteceu: tive minha curiosidade avivada, e por isso, queria entender melhor o mundo no qual estava vivendo. Essa busca por respostas é que me motivou a realizar a presente pesquisa.

1.2 – A aproximação inicial

Em um primeiro momento, como havia me proposto a estudar o movimento espírita, voltei o meu foco para os centros espíritas. A minha primeira aproximação foi feita por meio de uma visita a um dos centros mais antigos e conhecidos de Uberaba, que escolhi em função de indicações de conhecidos meus e pelo conveniente fato de ser próximo à minha residência.

Em um dia, à noite, fui a esse centro e assisti a duas palestras, além de ouvir às mensagens psicografadas por um médium². Tais mensagens são solicitadas pelas pessoas que vão a esse centro em busca de notícias dos entes mortos, ou melhor, usando um termo espírita, dos “entes desencarnados”. Para tanto, os interessados chegam ao centro e preenchem, em um papel, o nome da pessoa falecida, sua data de nascimento e a data de falecimento. Nenhuma outra informação. O médium concentra-se nesses dados fornecidos e, enquanto as palestras estão em andamento, com a mão sobre a testa, como se a tampar a sua visão, passa a escrever compulsivamente, sendo auxiliado por uma pessoa que faz a troca das folhas. Ao término do trabalho de psicografia, o próprio médium lê cada uma das mensagens.

Uma das mensagens lidas em especial me comoveu. Na verdade, eu não sei se foi a mensagem ou se foi a reação da mãe do rapaz falecido. Ela estava sentada na minha frente e, ao perceber, pela leitura, que se tratava de seu filho, começou a chorar convulsivamente. À medida que era lida a mensagem, descrevendo em detalhes o

² Algumas expressões e/ou termos espíritas utilizados nessa explanação inicial serão devidamente explicados ao longo do trabalho ou podem ser consultados no glossário apresentado ao final.

acidente de carro sofrido por seu filho e citando nomes de parentes, aumentava o seu desespero. Foi uma situação que fugia completamente a qualquer tipo de experiência antes por mim vivida e que me deixou mais interessada em continuar a minha pesquisa.

Antes de começar essa reunião espírita, abordei um homem que percebi ser integrante do centro. Comentei sobre a intenção que tinha de fazer a minha dissertação, para fins do mestrado na área de Administração, sobre os centros espíritas. Uma das primeiras reações desse membro foi me mostrar o balanço contábil da casa espírita, afixado em um mural próximo à porta de entrada do centro, afirmando a sua transparência. Expliquei para ele que o meu foco não seria o lado financeiro dos centros, e sim, que eu gostaria de entender a dinâmica de funcionamento dessas organizações, além de afirmar a minha curiosidade em entender o trabalho voluntário que faz o centro funcionar. A partir desse momento, ele passou a me contar, rapidamente, sobre as atividades do centro, e declarou que todos os trabalhadores do centro são voluntários, desde a faxineira até o médium. Disse, ainda, que este doava para o centro os direitos autorais dos livros escritos/psicografados.

Descreveu, também, algumas atividades do centro e me falou da sopa de domingo. Convidou-me a participar, explicando de forma sucinta como e onde funcionava. Aceitei o convite, e, no domingo que se seguiu, às 7h30 da manhã fui participar da produção da sopa. O evento ocorre todos os domingos de todos os meses do ano, à exceção de eventos especiais como o Natal. Encontrei o local já aberto, mas apenas uma pessoa presente: uma senhora. Apresentamo-nos (eu estava acompanhada do meu namorado), e dissemos que estávamos lá para ajudar. Nesse momento, ela abriu um sorriso e disse que todos que querem ajudar são bem-vindos. Expliquei para ela que eu tinha conversado com um dos membros do centro espírita e que tinha sido ele quem me indicou para ir participar da sopa. Contei para ela, também, que eu era estudante e que tinha interesse em fazer um trabalho sobre o centro espírita. Ela se mostrou bastante receptiva e começou a falar sobre as atividades da organização.

Explicou-me, ainda, o que havia acontecido no dia anterior: o centro havia recebido uma doação de mais de mil quilos de frango e no sábado tinha sido o dia da entrega. Além dessa doação, eles tinham ganhado uma geladeira e todo o frango tinha sido acondicionado nesta e nos três freezers que o centro possui. Foi-me explanado, também, que parte do frango seria doado aos presentes na sopa daquele dia, pois tal alimento não agüentaria na geladeira até o próximo domingo, dia no qual seriam

distribuídos junto com as cestas básicas e os brinquedos (motivo: Natal) para as famílias cadastradas.

Além desse fato (doação dos frangos), essa senhora contou-nos sobre outras atividades do centro, como o atendimento médico gratuito que um participante do centro, médico de profissão, faz nos finais de semana. Atende por volta de oito pessoas e essa senhora trabalha como assistente, anotando os atendimentos e fazendo as fichas dos pacientes. Ao descrever e caracterizar esse atendimento, ela, em sua simplicidade, disse ser o dia que “o doutor passa receitas”.

Perguntada se ela participava de mais alguma atividade, ela disse que ajuda, como médium, duas vezes por semana, a dar o passe³, no centro. Fica, na porta da sala do passe, responsável por organizar a entrada das pessoas que estão na fila esperando. Perguntei se ela já solicitou que fosse psicografada alguma mensagem de um ente desencarnado, e ela retrucou rapidamente que não, pois tinha medo. Contou também que outros dois dias da semana, na parte da tarde, é feito um encontro de costura, no qual são confeccionados enxovais de bebê para gestantes carentes, além de roupas para crianças.

Falou, ainda, sobre os dias voltados para o Natal. No sábado, estava planejado um mutirão para a montagem das cestas básicas com os mantimentos tanto doados como comprados com o dinheiro que foi arrecadado em um jantar beneficente realizado com esse fim. Convidou-nos para ajudar nessa montagem e para participar na distribuição no domingo.

Antes da realização desse evento natalino, realizei a primeira entrevista gravada. Quando visitei pela primeira vez um centro espírita, o homem com quem o tive o primeiro contato, tinha se disposto a me conceder uma entrevista. Tínhamos combinado que, na segunda-feira, logo após a minha participação na produção da sopa, faríamos esse encontro à noite, no centro.

Em toda a entrevista, ele se mostrou bastante calmo e disposto a me contar a sua história de vida, seu envolvimento com o movimento espírita, seu trabalho dentro da casa e, de forma bastante enfática, a situação do voluntariado do centro. Enfático, incisivo, repetitivo para caracterizar o funcionamento da casa como baseado em trabalho voluntário de pessoas que não ganhavam absolutamente nada, em termos

³ Vide glossário.

financeiros. Quando perguntado em relação a como surgem esses voluntários, era mais enfático ainda ao utilizar a palavra “espontaneamente”.

Fiquei com a sensação de que ele estava bastante preocupado em me provar que não havia interesses financeiros por trás da casa espírita. Suponho que tal preocupação seja em função de uma impressão de que, por eu ser da área da administração, eu estaria interessada na parte contábil do centro. Tal comportamento eu percebi no dia da entrevista e também no nosso primeiro contato, como já explanei.

O foco que foi dado nessa entrevista foi o trabalho voluntário. Como eu ainda não tinha bem formada uma idéia em relação ao que eu queria especificamente pesquisar, essa foi a explicação dada por mim sobre o que eu gostaria de estudar: a lógica/dinâmica do movimento voluntário espírita. Todas as minhas perguntas foram no sentido de tentar entender as motivações pessoais do entrevistado, por se tratar ele próprio de um trabalhador voluntário, e apreender a percepção dele sobre dinâmica que existe dentro do centro em questão. Para tanto, perguntei sobre sua história, suas experiências, sua rotina e a de sua família, suas atividades, tanto externas quanto internas ao centro. Ao responder a essas questões, ele, de forma espontânea, acabou por explicar o funcionamento do centro.

Ao final da entrevista, pedi para que ele me indicasse outras pessoas que, na opinião dele, poderiam ser entrevistadas e poderiam contribuir com meu trabalho. De imediato, ele sugeriu um dos mais antigos membros da casa. Disse que talvez eu conseguisse entrevistá-lo naquela noite mesmo. Sugeriu também, o presidente do centro. Levou-me até o senhor, membro antigo do centro, e me apresentou. Expliquei rapidamente a minha intenção de entrevistá-lo e ele pediu que fosse outro dia, pois estava para começar a leitura das mensagens psicografadas pelo médium. Peguei o contato dele e disse que ligaria para marcar um horário.

Em seguida, o meu entrevistado daquela noite levou-me até a livraria que tem instalada dentro do centro e me deu uma cópia do balanço contábil da casa e me mostrou o livro-caixa da livraria, com toda a movimentação. Ficou um bom tempo me explicando tais questões financeiras. Não me lembro de nenhuma explanação, pois realmente não me interessava. O que ficou marcada na minha memória foi a insistência dele em querer me provar uma coisa para a qual eu não estava atrás de provas.

Dois dias depois, no dia e local marcados, realizei a entrevista com o citado senhor, membro antigo do centro. O encontro se deu em seu local de trabalho. Expliquei com mais detalhes a intenção do meu estudo e perguntei se havia algum local mais

tranquilo para que eu pudesse realizar a gravação da entrevista. Tal local não existia. Fomos para um cantinho improvisado do lado de fora, um pequeno corredor que levava para o banheiro. Ele fechou a porta para que o barulho das máquinas não atrapalhasse a conversa. Não havia lugar para sentar. Nessa situação (longe da ideal), comecei a entrevista, que, em função da situação precária, não durou muito.

Contou-me sobre sua história pessoal, seu primeiro contato com o Espiritismo, suas experiências, seu contato com Chico Xavier, mas não entrou em detalhes sobre o centro que frequenta. A conversa praticamente se restringiu a uma explicação doutrinária.

A fala que me marcou foi quando ele caracterizou a obra de assistência social. As três partes envolvidas – os trabalhadores voluntários, os doadores (financeiros) e as pessoas que recebem os benefícios – todas elas são beneficiárias da assistência. Ainda complementa:

Dizem os Espíritos que isso aí funciona para que os espíritos se aproximem entre si. Quem é o mais necessitado? Talvez o mais necessitado é aquele que está trabalhando na obra, o voluntariado, tem um coração preguiçoso. Ou tem uns que é o que está recebendo. Às vezes o mais beneficiado é aquele que está dando os recursos pecuniários, aprendendo a desprender. Então a vida é assim. Os Espíritos explicam que o que ajuda os espíritos a evoluir são reencarnações. Quando você reencarna, você precisa reencarnar como rico para aprender, dizem os Espíritos, a beneficência, a botar a mão no bolso e doar. Você começa a aprender ali. Você precisa depois reencarnar como operário pobre, para você aprender a humildade. Depois em uma outra encarnação você tem que aprender a arte, aprender o discernimento, aí você vem como um professor. Você tem que reencarnar, às vezes, para ser um administrador, um político. Tem casos que os Espíritos mostram, em uma encarnação, o sujeito foi rei, na outra, próxima, ele foi humilde. Então a gente tem que aprender... as reencarnações é que são aulas, são períodos escolares na vida eterna do espírito. E a encarnação só é um tempo minúsculo na vida do espírito.

Ao final da entrevista, eu pedi que ele me indicasse alguém com quem eu pudesse também conversar, que ele acreditava ser importante o meu contato. Indicou um representante da Aliança Municipal Espírita (AME) de Uberaba.

Depois, já com o gravador desligado e quando ele estava procurando o endereço da AME para me passar, eu comentei sobre as divergências de postura que existe dentro do movimento espírita entre caracterizar o centro como uma associação, ou uma entidade religiosa. Ele ficou um pouco aborrecido com a pergunta e me respondeu de forma seca que não vê problemas nessa questão, porque, afinal de contas, trata-se sim de uma entidade religiosa. Acredito ter sido essa a expressão de duas questões polêmicas enfrentadas pelo Espiritismo e as linhas de pensamento dentro do movimento. A primeira relaciona-se à pergunta: Espiritismo é uma religião ou não?

Bom, para os europeus, por exemplo, não é uma religião, é uma doutrina científica. A segunda questão está ligada à relação, muitas vezes dicotômica, entre as leis divinas e as leis dos homens, mais especificamente, no caso aqui relatado, refere-se à repercussão junto ao movimento espírita das mudanças trazidas pelo novo Código Civil, em 2002. São temas que serão tratados em outro momento. Agora, retomo o relato e passo para quatro dias adiante.

Um domingo, a uma semana do Natal, foi o dia marcado para a distribuição das cestas natalinas. No dia anterior, foi realizada a montagem de tais cestas com os alimentos arrecadados para tal fim. Não estive presente em tal montagem e, infelizmente, não consegui chegar cedo o suficiente no domingo para presenciar o início das atividades de organização e distribuição. De toda forma, ao chegar no local, já havia um grande movimento do lado de fora da casa. Havia uma fila organizada em um dos portões e uma segunda fila, no portão secundário. A primeira se destinava à entrada das mães que tinham em mãos a senha previamente entregue (somente as famílias pré-cadastradas receberam tal senha) e a segunda era voltada para as crianças para o recebimento de brinquedos. As mães recebiam as cestas e depois passavam por outra mesa para receberem roupas e calçados, de acordo com o tamanho que convinha para os membros de sua família.

Assim que chegamos (eu e meu namorado), cumprimentamos quem nós conhecíamos e a senhora do dia da sopa nos incumbiu com a responsabilidade de encher baldes com os frangos congelados e levar até o local da entrega das cestas. Fizemos isso até os freezers se esvaziarem. Em seguida, tive tempo de começar a observar o movimento das pessoas assistidas. Estava instaurada uma certa confusão devido ao grande interesse desse pessoal pelos alimentos, roupas e brinquedos que estavam sendo distribuídos. Depois de finalizado o atendimento a todas as pessoas pré-cadastradas, os organizadores do centro decidiram distribuir o restante das cestas para as pessoas que se encontravam do lado de fora. Resolveram, para tanto, desmembrar as cestas para distribuir cada componente separadamente. Dessa forma, mais pessoas saíam com algo nas mãos. A situação ficou no limite de um grande tumulto, em função dessas pessoas estarem empurrando o portão para que ele fosse aberto de forma completa, já que se encontrava semi-cerrado para a passagem de uma pessoa por vez.

Fui para fora da casa no intuito de observar o movimento melhor. A impressão que tive foi que as pessoas que ali se encontravam não estavam em busca de alguma coisa além da ajuda pontual e material. Ao perguntar a uma mãe com diversas crianças

(não sei se realmente eram filhos dela) se sempre ia a essa distribuição, ela me respondeu que desde pequena tinha esse hábito. Falou isso alvoroçada do que jeito que estava em busca de um táxi para levar os “bônus” conseguidos. No táxi, mal coube o tanto de gente que ela tinha levado ao evento. Ainda lá fora, observei o movimento das crianças que entravam mais de uma vez na fila para ganhar mais de um brinquedo. Dois fatos que, posteriormente, percebi serem exemplos de situações pelas quais esse tipo de assistência é criticado e que os espíritas têm consciência de tais críticas.

Quando encerrada a distribuição e fechadas as portas da casa, todos os voluntários começaram o trabalho de organização do local. Finalizada tal atividade, foi feita uma breve reunião de todos os envolvidos. Foi encabeçada pelo presidente do centro que fez um rápido discurso sobre a importância daquele momento e da necessidade cada vez maior de voluntários para ajudar nas atividades da casa.

1.3 – Novas visões, novas perspectivas

Nessa mesma época, encontrei-me com uma amiga, uberabense de criação, e cujo pai possui uma indústria em Uberaba. Como uma boa chata-fazedora-de-tese (FREITAS, 2002), não fugi à regra e a minha pesquisa foi assunto de um longo papo. Bastante interessada, minha amiga fez diversos comentários sobre a experiência dela enquanto responsável pela contratação de mão-de-obra para indústria de seu pai. Uma dessas observações me deixou mais intrigada ainda com o meu objeto de estudo. Ela falou da dificuldade que tem em encontrar pessoas para empregar. O trabalho realizado nessa indústria requer indivíduos de baixa qualificação, e segundo ela, quando consegue contratá-los, o índice de abandono é perturbador. Ou ainda, a pessoa procura a empresa dizendo que precisa trabalhar de qualquer forma, pois está muito necessitada, acaba sendo contratada e, pouco tempo depois, sai do emprego. Na opinião dela, esses fatos estão diretamente ligados ao excesso de “assistencialismo” em Uberaba.

E, pelos contatos que essa minha amiga tem com outros industriários e até mesmo varejistas, tal problema de mão-de-obra é enfrentado por vários deles. Contou-me ainda que ela teve conhecimento de que dois grandes varejistas recém chegados na cidade, na época da instalação de seus estabelecimentos comerciais, tiveram muita dificuldade em encontrar trabalhadores para a construção dessas lojas.

Depois dessa conversa, diversos novos questionamentos povoaram a minha mente à medida que me aproximava mais de meu objeto

Essa aproximação se deu não apenas no Brasil como também na França, país no qual passei trinta dias no início de 2006, e em Portugal, onde fiquei apenas uma semana. Viajei a passeio, mas aproveitei para dar continuidade à minha pesquisa. Pesquisei na internet por websites dos centros na Europa, encontrei alguns e mandei e-mails para os de Lyon, Paris, Barcelona e Porto. Escolhi essas cidades por um simples motivo: estavam no meu roteiro turístico na Europa. Obtive respostas de dois em Lyon, um em Paris, um em Porto, e nenhum de Barcelona.

Em Lyon, consegui visitar um dos centros e entrevistei o presidente. Arranhando meu pobre francês, suando até não poder mais, mas perguntando o que me propus a perguntar, o que deu, no final das contas, uma conversa gravada de trinta minutos. Nesse encontro, várias surpresas se apresentaram para mim. O entrevistado afirmou que o Espiritismo na França é marginalizado, no sentido de estar à margem da sociedade e das instituições políticas, sendo rejeitado pela religião católica, dominante nas terras francesas. Ainda concluiu: “Nós estamos no estágio embrionário, na França. Somos muito pequenos.”. Tais assertivas iam contra o pré-conceito que eu tinha de que na França, especificamente, em Lyon, o movimento espírita seria bastante forte por esta ser a cidade natal de Allan Kardec, precursor do Espiritismo.

Já em Barcelona, como não obtive resposta por e-mail e como só fiquei lá três dias, descartei essa possibilidade.

Em Porto, fui muito bem recebida pelo presidente do centro português. Conversei com ele e com outro membro da casa, durante cerca de uma hora e quarenta. Na entrevista, aquilo que mais me chamou a atenção foi quando comentei que somente em Uberaba são mais de 100 centros espíritas. Houve um espanto dos dois entrevistados, que comentaram não chegar a esse número a soma de todas as organizações espíritas da Europa.

Em Paris, agendei uma entrevista com o presidente de um dos centros parisienses: um brasileiro. Na verdade e na prática, esse centro não existe mais. O que ainda existe é a perseverança de seu presidente de não deixar morrer a iniciativa. Ainda são realizadas algumas poucas reuniões, dirigidas por esse brasileiro, e que contam com a presença de um número de pessoas bem reduzido. Mesmo assim, a conversa com ele foi bem interessante em função de sua longa experiência dentro do movimento espírita francês. Foi ele quem me deu a explicação histórica para a marginalização do Espiritismo não só na França, como no resto da Europa: as guerras. Segundo ele, ao ser declarada guerra, qualquer tipo de reunião de pessoas é encarada com desconfiança,

vigiada e, quase sempre, cerceada. Então, as seguidas guerras vividas na Europa diminuíram a possibilidade de crescimento e estabelecimento de uma doutrina que surgiu em meados do século XIX.

Portanto, após essa aproximação inicial, que envolveu duas entrevistas e alguns contatos com as atividades de um centro espírita brasileiro, conversas informais com conhecidos meus de Uberaba e três entrevistas com presidentes de centros espíritas europeus, vários questionamentos foram surgindo. Perguntava-me sobre o impacto da existência de tantas organizações espíritas em um universo tão reduzido como Uberaba; sobre influência disso nas ações das organizações com fins lucrativos, genericamente caracterizadas como “Mercado” e sobre o caráter “assistencialista” que possui o movimento espírita uberabense, da forma como é organizado, assim como foi afirmado por minha amiga; sobre o posicionamento do poder público frente a tudo isso.

Foram essas algumas das perguntas que “cutucaram” ainda mais a minha curiosidade. No entanto, percebi que o ponto mais iminente a ser pesquisado antes de todos os outros era: a forma como é organizada a assistência social espírita uberabense. Em outras palavras, seu modo de gestão. Isso inclui não só a maneira como se organizam internamente, mas também como se relacionam com o mundo externo, tendo em vista a consecução da atividade de assistência social. Só depois de entender essa forma de gerir suas atividades, será possível entender os impactos disso em Uberaba. Entender essa influência passou a ser, portanto, um objetivo para futuras pesquisas, e não para a presente. Logo, foi a partir da escolha desse foco, voltado para a descoberta do modo de gestão da assistência social espírita, que estruturei o problema, o objetivo geral e os objetivos específicos que serão expostos após o próximo tópico que trata sobre os aspectos gerais do Terceiro Setor e sua gestão, a seguir.

Antes, porém, é importante ressaltar que o presente trabalho traz uma proposta de pesquisa diferente em relação à maioria dos trabalhos acadêmicos na Administração. A começar pela metodologia escolhida: a *Grounded Theory* ainda é pouco utilizada nas pesquisas da área, e, menos ainda, naquelas em nível de mestrado (como a presente o é).

A utilização do software Atlas/TI, em pesquisas de mestrado, é rara, o que torna o presente trabalho uma contribuição para a divulgação do mesmo e expansão de seu uso em pesquisas acadêmicas, tendo em vista ser ele uma extraordinária ferramenta de auxílio à análise dos dados.

O modo de gestão da assistência social espírita em Uberaba é um tema ainda não explorado pela literatura da Administração. Não foram encontradas referências de

estudos prévios acerca do mesmo assunto. Portanto, esta pesquisa contribui para minimizar essa carência da literatura acadêmica da Administração.

Por último, trata-se de um olhar, como o próprio título já demonstra, que pode contribuir para os gestores da assistência social espírita por se tratar de um outro olhar, externo às organizações aqui estudadas. Essa outra percepção da gestão da assistência social pode ser um incentivo para a (re)organização dos trabalhos espíritas.

2 – SOBRE O TERCEIRO SETOR E SUA GESTÃO

As organizações espíritas podem ser classificadas como pertencentes ao que se convencionou chamar de “Terceiro Setor”, termo que gera algumas controvérsias e implicações que serão a seguir expostas.

Em um primeiro momento será abordado o aspecto histórico de conformação do que hoje se chama de “Terceiro Setor”, para em seguida, serem discutidos alguns conceitos envolvendo o termo. Serão expostas, ainda, as questões em torno da gestão das organizações que compõem o setor e, por último, explanado o que é “modo de gestão”, segundo Chanlat (1996).

2.1 – Terceiro Setor: história

Desde os tempos coloniais, o ato de doar tempo e dinheiro para benefício público e sem fins lucrativos é uma característica que perpassa toda a história da América Latina. A ação voluntária, a caridade e a filantropia têm seus primórdios ligados à colonização portuguesa e espanhola e, preponderantemente, às atividades da Igreja Católica. Esta difundiu as idéias e práticas da caridade e da benevolência, sendo que as primeiras instituições (católicas) de assistência social datam do início do século XVI. Esse tipo de atuação tem continuidade ao longo dos séculos seguintes e a caridade, além da maneira pela qual se proporciona alívio aos pobres, aos necessitados e aos marginalizados (sentido religioso), foi também um instrumento essencial para a evangelização dos nativos sul americanos (LANDIM; THOMPSON, 1997), e, por consequência, serviu para a dominação feita pelos colonizadores.

É importante ressaltar que foi somente a partir do final do século dezenove que houve o fim do estreito relacionamento entre Estado e Igreja. Esta desempenhava, até então, o papel de agência governamental na organização da sociedade civil. Até por volta da metade do século XIX, as instituições educacionais, de saúde e de bem-estar social eram, em sua grande maioria, de responsabilidade da Igreja. No entanto, mesmo depois do estabelecimento do Estado Laico, e até os dias atuais, ainda é notável a presença da Igreja Católica, não só como a religião dominante, mas também nas atividades de filantropia e voluntariado dentro da esfera social. (SALAMON, 1994; LANDIM, 1997; LANDIM; THOMPSON, 1997). Foi nesse ambiente dominado pelo

catolicismo que se deu a introdução do Espiritismo e de suas práticas no Brasil, em meados do século XIX. Importante salientar, entretanto, que o início do Espiritismo brasileiro coincide com o período entre o processo de Independência e a Proclamação da República, época na qual novas idéias e concepções sociais e políticas estavam em voga. Uma das conseqüências dessa efervescência de novas idéias e do processo de criação do estado-nação brasileiro foi exatamente o já citado rompimento entre Igreja e Estado.

Além disso, data dessa época, também, o processo de industrialização e urbanização do país, que possibilitou o surgimento de diversas associações ligadas à cultura, ao esporte, aos assuntos comunitários e ao lazer. Foi um período em que houve a proliferação de sociedades de auxílio e benefício mútuos e auto administradas, algumas das quais acabaram por atrair os trabalhadores das indústrias e, por conseqüência, a consciência política floresceu e a participação sindical se fortaleceu. Portanto, de fins do século dezenove até as primeiras décadas do século XX, propagou-se esse “associativismo politizado”, que teve sua origem ligada à vinda dos imigrantes europeus. “Solidariedade, assistência social e formação de consciência política foram elementos introduzidos por tais entidades, que buscavam inserção em um sistema político elitista e fechado predominante no Brasil no início do século XX” (FISCHER, 2002, p.48)

Tal liberdade associativa não perdurou, pois, já na década de 30, o Estado brasileiro passou a exercer maior controle sob esse tipo de organização. Regimes populistas e autoritários se sucederam, muitas vezes assumindo a forma ditatorial, o que significou uma forte centralização em torno do Estado, restrição dos direitos civis e políticos e controle, ou praticamente, monopólio exercido pelo governo em relação aos serviços sociais e educacionais, inibindo e limitando a intervenção cidadã junto às causas públicas. (LANDIM, 1997; LANDIM; THOMPSON, 1997). Tal intervenção estatal foi a responsável pela criação e estabelecimento da legislação e de agências de regulação das relações entre as organizações sem fins lucrativos e o Estado.

Interessante notar, no entanto, que houve a preservação do papel desempenhado pelas instituições que proviam assistência social, educacional e de saúde, entre as quais, as religiosas, de cunho caritativo, eram as mais fortes, e não tiveram seu crescimento inibido.

A cultura política da América Latina foi profundamente marcada pelo populismo, “com implicações para o setor não lucrativo, particularmente naqueles

países onde esses tipos de regimes políticos obtiveram mais sucesso na construção do estado de bem-estar social ‘a la latinomamericana’, como a Argentina, o Brasil e o Peru” (LANDIM; THOMPSON, 1997, p.344). Tal característica se confirma não só porque

as atividades das organizações não lucrativas foram controladas ou desmanteladas, mas também por causa da forma com a qual os cidadãos delegaram os seus direitos para o estado. Construindo sobre a herança de uma sociedade colonial, o populismo reforçou a colonização da sociedade pelo estado” (LANDIM; THOMPSON, 1997, p.344, tradução nossa).

O populismo foi substituído pela repressão do regime ditatorial que se instalou no Brasil a partir da década de 60. Paradoxalmente, surgiu a oportunidade para que diversas organizações voluntárias emergissem (com ideologia de oposição ao Estado) mesmo que em um ambiente no qual eram consideradas subversivas. A perspectiva arraigada de aspectos ideológicos oposicionistas é uma das heranças que as organizações sem fins lucrativos carregam dessa época. Mesmo após a instalação de regimes democráticos a partir da década de 80, as organizações não-governamentais e sem fins lucrativos ainda têm dificuldades para mudança de concepções frente ao relacionamento com o Estado. Com esse histórico de repressão e oposição, o desafio, para ambas as partes, “é saber se conseguirão baixar as armas e encontrar meios de colaborar.” (SALAMON, 2005, p.107).

A redemocratização brasileira teve como consequência a abertura da economia para a competição de livre-mercado. Esse processo, contudo, teve como características ajustes econômicos, redução dos programas sociais, aumento do desemprego e inflação, em função do estabelecimento de políticas econômicas que não privilegiavam as populações pobres (THOMPSON, 2005). Diversas crises econômicas se sucederam, sendo que nos anos noventa, o Brasil acabou por adotar políticas liberalizantes e por enfrentar os desafios da modernização, consequências do movimento de globalização da economia. A indústria brasileira, sem as medidas protecionistas estatais, não suportou a forte competição. A transformação do cenário da economia brasileira foi radical sem, entretanto, que houvesse “a erradicação dos desequilíbrios econômicos e sociais que agravam cada vez mais a vida dos brasileiros.” (FISCHER, 2002, p.45)

O quadro institucional que se apresentava era determinado por um pensamento que tinha a sua marca diferenciadora no fato de o Estado, entre outras medidas, ‘livrar-se’ do seu patrimônio, via privatizações, e de ‘enxugar’ a burocracia pública por meio de sua desmobilização. A lógica era que os agentes econômicos atenderiam às necessidades da sociedade por intermédio do

mercado, podendo, em algum momento, carências sociais serem atendidas por aquilo que veio se denominar terceiro setor. (TENÓRIO, 2004, p.10).

Todos esses processos explicam, em parte, o crescimento do Terceiro Setor. Para Salamon (1994), foram quatro crises e duas mudanças revolucionárias que fizeram com que ocorresse o que ele chamou de “revolução associativa”. Houve a convergência simultânea desses seis fatores, levando à diminuição do papel do Estado e à abertura do caminho para o crescimento das ações de caráter associativo. São eles: (1) a crise do *Welfare State* moderno nos anos 80 que explicitou a impossibilidade do Estado em prover todos os tipos de serviços sociais; (2) a crise do desenvolvimento nos “países do sul”, que se seguiu à crise do petróleo na década de setenta e as recessões nos anos 80, e que teve como consequência o fracasso das políticas de desenvolvimento até então vigentes, passando-se a pensar em um “desenvolvimento participativo”, no qual comunidades e populações locais se comprometessem com a definição e execução de projetos de desenvolvimento; (3) a crise do meio ambiente global, que levou ao surgimento e crescimento de organizações não-governamentais guiadas pela preocupação ambiental; (4) a crise do socialismo e dos partidos socialistas, que conduziu para uma busca de novas formas de satisfazer as necessidades sociais e econômicas; (5) a revolução das comunicações que aconteceu a partir dos anos 70 e que disseminou o uso dos computadores, cabos de fibra ótica, satélites, fax, televisão, aumentando a comunicação entre as pessoas em nível global e facilitando a difusão do conhecimento; e (6) o crescimento da economia mundial nos anos 60 e começo dos 70 fez com que ocorresse uma “revolução burguesa” em que houve o aumento da classe média urbana cuja organização e liderança foram importantes para a emergência de formas organizativas privadas e sem fins lucrativo.

Em síntese, a história do Terceiro Setor é marcada por um início focado na assistência (com o caráter da caridade religiosa), passando a ideológico (fazendo frente a regimes ditatoriais) e, hoje, atua em áreas do Estado, tendo em vista as crises acima explanadas. São momentos históricos em que tais focos são predominantes, não significando, contudo, que não existam organizações atuais cujas atividades sejam de cunho assistencial, ou ideológico, ou de atuação em serviços típicos do Estado. É uma diversidade que passou a ser categorizada sob o termo “Terceiro Setor”, cuja conceituação e utilização tem implicações que serão a seguir expostas.

2.2 – Terceiro Setor: conceitos

Fernandes (2005) considera ser o Terceiro Setor uma expressão de linguagem, cuja afirmação sobre sua permanência entre todos ainda é prematura. É, no entanto, necessária a sua discussão, por se tratar de um termo que “carrega implicações que a todos importam” (FERNANDES, 2005, p.25). Alves (2002) considera que o termo tem suas origens nos Estados Unidos, na década de 70, sendo o texto “The Untapped Potencial of the ‘Third Sector’”, de Amitai Etzioni, publicado em 1972, na revista *Business and Society Review*, uma de suas primeiras aparições no mundo acadêmico.

De forma resumida, conforme explanado por Fernandes (2005), já citado anteriormente, pode-se dizer que o Terceiro Setor compõe-se de organizações sem fins lucrativos, cuja criação e manutenção estão fortemente ligadas à participação voluntária, e que estão localizadas numa esfera não-governamental. Suas atividades não só dão continuidade às tradicionais práticas de caridade, filantropia e mecenato, como também, é expandido o seu sentido para outros domínios a partir do momento que se incorpora o conceito de cidadania e de suas diversas expressões na sociedade civil.

No intuito de tentar classificar aquilo a que o termo Terceiro Setor se propõe, diversos outros nomes são também utilizados, cada qual com as suas próprias características e seus próprios limites: “setor sem fins lucrativos”, “setor das organizações sem fins lucrativos”, “setor de caridade”, “setor das organizações não-governamentais – ONGs”, “sociedade civil”, “organizações da sociedade civil – OSCs”, “sociedade civil organizada”, “organizações da sociedade civil de interesse público – OSCIP”, “organizações sociais – OS”, “setor filantrópico”, “setor voluntário”, “fundações e associações sem fins lucrativos – Fasfil”, “setor beneficente” e “setor social-econômico” (ANHEIER, 2000; ABREU MENDES, 1999; HUDSON, 1999; SALAMON; ANHEIER, 1998; ALVES, 2002; FISCHER, 2002; TENÓRIO, 2004; FERNANDES, 2005; LANDIM, 2005; SALAMON, 2005)

Em função da existência de diversos desacordos em torno do termo “Terceiro Setor”, Landim (2005), em um artigo cujo objetivo é comentar os dados obtidos por meio da pesquisa realizada em ação conjunta da Associação Brasileira das Organizações Não-Governamentais (ABONG), do Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE), do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), afirma que em busca de um consenso para a

denominação daquilo que se propuseram a estudar, chegaram ao termo “Fasfil”, que seriam as “fundações privadas e associações sem fins lucrativos”.

Para chegar ao número das organizações pesquisadas, levaram-se em consideração cinco critérios baseados na “metodologia do *Handbook on Nonprofit Institutions in the System of National Accounts* (Manual sobre as Instituições sem Fins Lucrativos no Sistema de Contas Nacionais) elaborado pela Divisão de Estatísticas das Nações Unidas, em conjunto com a Universidade John Hopkins, em 2002” (ABONG et al., 2004). Estabelecidos com o objetivo de construir estatísticas passíveis de comparação em âmbito internacional, os critérios selecionaram as seguintes organizações: (1) privadas, não integrantes do aparelho de Estado; (2) sem fins lucrativos, ou seja, não têm a geração de lucros como razão principal de existência, mas que, quando gerados, aplicam-nos nas atividades fins, além de não haver a distribuição de eventuais excedentes entre os proprietários ou diretores; (3) institucionalizadas ou legalmente constituídas; (4) auto-administradas, ou seja, com capacidade de gerenciamento de suas próprias atividades; e (5) voluntárias, isto é, livre constituição (qualquer grupo de pessoas). (ABONG et al., 2004).⁴

A pesquisa explica que, no Brasil, a partir desses critérios, aparecem três figuras jurídicas de acordo com o novo Código Civil: associações, fundações e organizações religiosas. Portanto, as organizações ligadas ao movimento espírita, objetos do presente estudo, podem ser denominadas como “Fasfil”.

No entanto, por mais que a intenção fosse a busca de um consenso e que tivesse sua origem a partir de pesquisadores de instituições de peso no cenário brasileiro, tal termo não se encontra suficientemente difundido e entranhado no linguajar acadêmico, especificamente, o da área de Administração. Basta fazer uma simples pesquisa pela palavra “Fasfil”, ou mesmo pela expressão completa “fundações privadas e associações sem fins lucrativos”, nos principais websites que são referência em relação a congressos, eventos e/ou publicações da área, que tal assertiva encontra apoio.

Essa mesma busca, se realizada com o termo “Terceiro Setor”, é bastante significativa a quantidade de resultados encontrados. Para Teodósio (2005), trata-se de um verdadeiro modismo, e por esse mesmo motivo, torna-se um relevante objeto de pesquisa, mais especificamente, sob o olhar dos estudos críticos em organizações. O presente trabalho não terá tal perspectiva, mas não quer dizer que será um estudo

⁴ Essa é a mesma definição divulgada por dois dos maiores ícones quando o assunto é organizações sem fins lucrativos: Lester Salamon (1994, 2005) e Helmut Anheier (2000) da Universidade John Hopkins

acrítico. Não se elimina, contudo, a necessidade de futuros estudos para um maior aprofundamento conceitual, o que, no entanto, não é objetivo desta pesquisa.

“Terceiro Setor”, portanto, é o termo escolhido para a categorização das organizações que são foco deste estudo. Tal opção se deu não só pela constatação de que na literatura brasileira, em específico, da área da Administração, utiliza-se freqüentemente o termo. Sua justificativa está na lógica metodológica, que já foi preliminarmente apresentada, para a construção da “teoria fundamentada”. A partir dos dados encontrados em campo, foi possível a citada escolha. Especificamente, a fala de um representante da Federação Espírita Brasileira (FEB) que, em palestra proferida na cidade de Uberlândia, em junho de 2006, ao apresentar os aspectos jurídicos relativos às organizações espíritas e ao serviço de assistência e promoção social espírita⁵, fez as seguintes afirmações:

Eu acho importante falar sobre o terceiro setor, para saber o nosso endereço, pois a gente não sabe “onde estou”. Primeiro é interessante a gente saber que o terceiro setor tem uma composição própria. (...) Eu vou ter uma divisão, não é uma divisão sobre a ótica da economia não, é uma divisão aqui sobre a ótica social. (...) É como se eu dividisse a sociedade em três setores, em três pedaços. O primeiro setor é o Estado. (...) E aí, para o Estado se manter, do que ele precisa? De dinheiro. E como é que ele consegue dinheiro? Impostos. O segundo setor não é o Estado. (...) O que é o segundo setor? A iniciativa privada. E sobrevive de quê? De lucro. Então nós temos o Estado, que sobrevive de impostos. Nós temos a iniciativa privada, que é o segundo setor, que sobrevive do lucro. Mas e os centros espíritas? As ONGs? E aqueles que não têm nem impostos e nem lucros? O que eles são? O terceiro setor. Que é o quê? Sociedade civil organizada. Sobrevive de doações, convênios, parcerias, atividades comerciais. Nesse caso elas podem ter lucros, mas estes lucros tem que ser voltados não para diretores, mas para as próprias atividades. Eu posso ter lucro num jantar do meu centro? Posso, mas eu tenho que usar este lucro para o meu bolso? Não! Vai lá para as atividades assistenciais.

Importante ressaltar que fica explícita a concepção tri-setorial e a utilização do termo “Terceiro Setor” para a classificação dos centros espíritas e de suas obras de assistência social, uma idéia que não foi rebatida durante o evento. Ou seja, nenhuma pessoa presente nesse encontro foi manifestadamente contra os conceitos por ele apresentados e afirmados. Em função disso, imperou um aparente consenso entre os ali presentes. Resta ainda ressaltar que são idéias difundidas por uma das mais importantes entidades da história do movimento espírita brasileiro, o que por si só já justifica a legitimidade inerente às concepções por ela repassadas.

⁵ O encontro realizado em Uberlândia, na sede da Aliança Municipal Espírita da cidade, com palestras de representantes da Federação Espírita Brasileira e da União Espírita Mineira, teve como foco a apresentação do “Manual de Apoio ao Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita” (SILVEIRA, 2006).

A escolha por utilizar o termo “Terceiro Setor”, porém, tem implicações que não podem ser ignoradas. Por esse motivo, serão expostos, a seguir, os motivos pelos quais se torna interessante essa opção.

De acordo com Fernandes (2005), existem quatro razões principais para o agrupamento de organizações tão variadas sob um mesmo termo: (1) faz contraponto às ações do governo; (2) faz contraponto às ações do mercado; (3) empresta um sentido maior aos elementos que o compõem; e (4) projeta uma visão integradora da vida pública.

A primeira razão fundamenta-se na idéia de que bens e serviços públicos são resultados das ações do Estado como também de iniciativas privadas. Em suma, não há serviço público em que exista o impedimento de ser trabalhado, em alguma medida, pelas iniciativas particulares. Ao se utilizar uma única denominação, “obtem-se uma idéia maior de sua escala, que, na verdade, é co-extensiva à própria noção de Estado”. (FERNANDES, 2005, p.29). Internalizar e universalizar a idéia de que a manutenção da ordem é direito e responsabilidade de todos, prevista na própria Constituição de 1988, traz “implicações profundas para a cultura cívica do país, que se desdobra em novos modos de conduzir as políticas públicas” (FERNANDES, 2005, p.29).

Ao fazer contraponto às ações do mercado, o agrupamento sob a égide do Terceiro Setor possibilita que haja a atuação da iniciativa individual no campo dos interesses coletivos. “Ou melhor, empresta-lhe uma nova forma e uma nova visibilidade, uma vez que os indivíduos sempre foram chamados, [sobretudo pelas instituições religiosas], em alguma medida, a contribuir para o bem comum.” (FERNANDES, 2005, p.29). A associação com o conceito de “cidadania” faz com que se transponha a diferenciação entre o profano e o sagrado, como também a distinção entre consciência pessoal e o mandato das instituições. Em suma, há o rompimento da dicotomia entre o privado e o público. Da mesma forma que em relação ao Estado, o Terceiro Setor também é co-extensivo com o mercado. São os investimentos sem fins lucrativos que atendem grande parte das condições que o mercado necessita, pois este é incapaz de satisfazer as demandas que gera e ainda não consegue repor os recursos humanos, simbólicos e ambientais que utiliza. Cabe não só ao Estado como à própria iniciativa privada, a função de zelar pela efetivação de tais investimentos e cabe em às organizações do Terceiro Setor o papel de pressionar “a cultura empresarial para que se torne mais consciente de suas limitações e mais aberta àquela dimensão difusa, porém

decisiva, vizinha às apostas da fé, que se traduz nos cálculos de longo prazo.” (FERNANDES, 2005, p.30)

A terceira razão elencada por Fernandes (2005) é a assertiva de que o agrupamento de organizações tão diversas sob termo “Terceiro Setor” empresta um sentido maior aos elementos que o compõem, e tem como consequência: (a) a modificação de uma visão contrastante sobre dicotomia *Estado x mercado*, pois se salienta o valor político e econômico das ações voluntárias sem fins lucrativos; (b) a dignificação de expressões de práticas de amor, de solidariedade social e de valores da caridade, aspectos que tinham caído em desuso, ou mesmo desprezados, e que voltam a ter a atenção da opinião pública; (c) o reconhecimento da participação cidadã como sendo uma essencial condição para que as instituições se consolidem; (d) o estímulo da filantropia empresarial que se torna um indicador de qualidade e uma forma de se obter maior valor enquanto investimento de longo prazo; e (e) difusão da “idéia do voluntariado como expressão de existência cidadã, acessível a todos e a cada um, indispensável à resolução dos problemas de interesse comum.” (FERNANDES, 2005, p.31)

Por fim, a quarta razão liga-se à projeção de uma visão integradora da vida pública, em que, ao se chamar de terceiro, supõe-se a existência de um primeiro e um segundo. “Enfatiza, portanto, a complementaridade que existe (ou deve existir) entre ações públicas e privadas” (FERNANDES, 2005, p.31). Na ausência do Estado, as ações do Terceiro Setor tornam-se anárquicas e correm o risco de fragmentação por conta das contradições inerentes aos valores e às intenções. Nesse sentido, o Estado institui e mantém o sistema legal para tornar claros os limites das ações voluntárias, já que o Terceiro Setor, por ser constituído por uma diversidade de indivíduos, grupos e instituições, não é capaz de regulamentar-se de acordo com normas de aceitação universal, carecendo, pois, de mecanismos de representação geral. Além disso, em função de ser voltado para objetivos coletivos, interessa ao Terceiro Setor, via de regra, que o Estado, na execução dos serviços públicos, seja o mais eficaz possível.

De forma semelhante, sem o mercado, o Terceiro Setor não teria a característica de ser sem fins lucrativos, já que se subentende a existência de lucro em outro plano. Se o mercado não fosse autônomo, as organizações sem fins lucrativos também não o seriam. O Terceiro Setor distingue-se do mercado, não só por não se caracterizar pelo uso intensivo de capital, mas também em função do uso abrangente do trabalho voluntário, com muita criatividade. Em contrapartida, é um setor que sofre com

problemas de produtividade e “é mais rico em eficácia simbólica (com sua relevância) do que em resultados quantitativos” (FERNANDES, 2005, p.32).

Essas são, de forma resumida, as dinâmicas que se estabelecem entre os três setores, cujas fronteiras são pouco definidas, e cuja integração e interdependência são características inerentes.

A visão integradora, dada pela complementaridade entre os três setores, não exclui conflitos, é claro. Pressupõe mesmo que existam, no interior de cada setor e entre eles. Projeta cenários eivados de tensões, que devem ser resolvidas na dinâmica social. É uma visão dinâmica, geradora de muitas histórias possíveis. (...) A complementaridade entre o Estado, o mercado e o Terceiro Setor pode dar-se ou não, pode ser mais ou menos feliz, mais ou menos eficaz. Sua sorte depende de múltiplos fatores, alguns previsíveis, outros não. Entre esses fatores de combinação imponderável está a própria crença de que a integração é possível e desejável. Nessa modesta medida, a disseminação do conceito do Terceiro Setor e de suas expressões correlatas aumenta as oportunidades da integração (FERNANDES, 2005, p.32)

As dinâmicas de relacionamento dos três setores, portanto, dependem de diversos fatores. Um deles são as particularidades das próprias organizações do Terceiro Setor, entre elas, sua(s) maneira(s) de gerir suas atividades. Esse é, pois, o próximo tópico.

2.3 – Terceiro Setor: gestão

As diversas mudanças políticas, sociais e econômicas dos últimos trinta anos fizeram com que as organizações do Terceiro Setor se vissem obrigadas a ajustarem suas estruturas e formas de ação na sociedade. Acabaram por alcançar e influenciar a opinião pública assuntos como a profissionalização dos recursos humanos, marketing social, administração sem fins lucrativos, desenvolvimento de fundos para assegurar recursos, aumento da eficiência etc. Tal fato fez com que essas preocupações se tornassem tema de cursos e seminários, chamando a atenção, também do mundo acadêmico (LANDIM, THOMPSON, 1997). Isso fica explícito, por exemplo, na área da Administração, quando observadas as iniciativas voltadas para o estudo do Terceiro Setor e sua gestão, tais como o Centro de Estudos em Administração do Terceiro Setor (CEATS), da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, o Centro de Estudos do Terceiro Setor (CETS), da Fundação Getúlio Vargas de São

Paulo, o Núcleo de Estudos em Administração do Terceiro Setor da PUC-SP, entre algumas outras. (MARÇON; ESCRIVÃO FILHO, 2001).

A partir desses estudos, aliados à crescente preocupação com a profissionalização das organizações do Terceiro Setor, surgiram diversas questões relativas à gestão das mesmas. Percebeu-se que, para ocorrer um ajuste às regras e demandas do mercado, técnicas e modelos gerenciais provenientes do mundo empresarial passaram a ser transpostas, acriticamente, para a realidade do Terceiro Setor, fazendo com que fossem perdidas as características inerentes a esse tipo de organização ou que estas entrassem em choque com o novo mundo (gerencial) que estava sendo imposto sem as devidas adaptações.

Existe, portanto, uma resistência para a adoção das práticas gerenciais empresariais, o que se justifica principalmente pelos traços da cultura organizacional das organizações do Terceiro Setor, cuja atenção está voltada para questões sociais, e não econômicas. São organizações que em sua gênese possuem um alto grau de informalidade e flexibilidade e que, muitas vezes, relutam em se profissionalizar de acordo com os ditames do mundo da administração, rejeitando-os, pois são receosas de que fazê-lo seria uma descaracterização dos seus ideais, um desvio de valores, uma ameaça à coerência ideológica.

Dado esse contexto, são diversos os autores que apontam ser o desenvolvimento de uma estrutura de gestão adequada às peculiaridades das organizações do Terceiro Setor um de seus maiores desafios. (ANHEIER, 2000; FISCHER, 2002; HUDSON, 1999; SALAMON, 2005; SALAMON; ANHEIER, 1998; TENÓRIO, 2004). Existe, portanto, um consenso entre esses autores de que a administração nessas organizações deve se desenvolver tendo-se em vista suas particularidades, seu perfil e suas demandas específicas.

Segundo Hudson (1999), tornou-se uma idéia do passado a visão de que a administração é parte da cultura do mundo dos negócios e não apropriada para organizações orientadas por valores. Esse ponto de vista modificou-se por meio de uma abordagem cada vez mais profissional dessas organizações. No entanto, o autor ressalta que não pode haver uma imposição da administração importada do mundo dos negócios ou da esfera pública sem as devidas alterações e adaptações, pois existe a necessidade de compreensão das diferentes naturezas dessas organizações. Para tanto, “o terceiro setor precisa de teorias de administração próprias adotadas e adaptadas para adequar-se às suas necessidades.” (HUDSON, 1999, p.XIII).

Apesar de toda a multiplicidade que se encontra no Terceiro Setor, Hudson (1999) acredita que a característica comum dessas organizações é o fato de terem sua criação e manutenção feita por pessoas que crêem na necessidade de mudanças e que elas mesmas tomam providências nesse sentido. Em suma, são organizações orientadas por valores (HUDSON, 1999).

A missão muitas vezes permeia todos os aspectos dessas organizações. Os membros do conselho doam seu tempo voluntariamente porque apóiam a missão; o corpo técnico freqüentemente faz hora extra porque acredita nela, e os financiadores dão dinheiro para demonstrar sua solidariedade para com a missão. (HUDSON, 1999, p.XII).

Da mesma forma, Domènech e outros (1998) acreditam que o diferencial das organizações do Terceiro Setor é estabelecido por valores como, por exemplo, a igualdade, a liberdade, a tolerância, a justiça, a participação, o compromisso, a responsabilidade, a humanidade, o civismo, a amizade, a paz, a não violência, a solidariedade, o respeito às diversas culturas, ao meio ambiente e à qualidade de vida. São valores fundamentais presentes em toda sociedade democrática e que podem criar condições propícias para que estas iniciativas das organizações do Terceiro Setor se convertam, primeiramente, em uma prática de participação democrática para os seus membros e, segundo, em um espaço aberto para que as pessoas que as integram experimentem novas idéias.

Os autores previnem, entretanto, que a dinâmica de desenvolvimento interno possui quatro perigos para os valores das organizações de Terceiro Setor: (1) a reprodução de estruturas hierárquicas e autoritárias que questionam os valores democráticos e a igualdade defendida pelas organizações; (2) o empobrecimento das relações pessoais e o sentimento de perda de identidade, o que é contrário aos valores de humanismo e respeito às pessoas; (3) a formalização das relações internas podem fazer com que se torne rígido o código burocrático, dando prioridade ao cumprimento de normas e à obtenção de resultados, prejudicando a satisfação de critérios morais ou o código de ética universalmente aceito pela sociedade, e freando a liberdade e o universalismo, pregados pelo movimento associativo; (4) as estruturas organizacionais dificultam a participação das pessoas na tomada de decisão. (DOMÈNECH *et al.*, 1998)

Tenório (2004), de forma análoga, concorda que pautar a gestão das organizações do Terceiro Setor segundo a teoria e prática individualistas mercadológicas é um contra-senso, já que o propósito daquelas é que a gestão atenda ao bem comum da sociedade e não aos interesses individuais. Não se pode, contudo, de

forma ingênua, desprezar as tecnologias gerenciais, sejam aquelas provenientes do primeiro setor (políticas públicas) ou aquelas do segundo setor (produtividade), pois elas podem ser reconstruídas, criticamente, a partir de uma perspectiva voltada para “uma racionalidade que promova, politicamente, a intersubjetividade deliberativa das pessoas alicerçada no potencial do sujeito soberano na sociedade, isto é, na *cidadania*.” (TENÓRIO, 2004, p.33, grifo do autor). Esse é um dos pressupostos utilizados para o desenvolvimento do que ficou denominado como “gestão social” do Terceiro Setor, e que se fundamenta na democratização das relações sociais, diferentemente da gestão estratégica que tem como foco os resultados.

A gestão social se aproxima, portanto, de um processo no qual a hegemonia das ações possui caráter intersubjetivo. Isto é, no qual os interessados na decisão, na ação de interesse público, são participantes do processo decisório. A gestão social é uma ação que busca o entendimento negociado e não o resultado, o que é típico do mundo empresarial privado. Na gestão social todos os envolvidos têm direito à fala. Deve ser uma prática gerencial à qual, na relação sociedade-Estado, seja incorporada a participação da cidadania desde o momento da identificação do problema à implementação de sua solução. (TENÓRIO, 2004, p.11)

Segundo essa perspectiva, reconfigura-se a tradicional relação entre poder público e sociedade, cuja direção pode ser graficamente representada por “Estado-sociedade”. Para Tenório (2004) a inversão “sociedade-Estado” significa que tal relação tem início nas demandas que são propostas pela primeira para o poder público, por meio da negociação. Da mesma forma, a relação tradicional “capital-trabalho” também é invertida, na medida em que a tomada de decisão é compartilhada por meio de propostas feita pelo “trabalho” para os agentes econômicos.

Em resumo, o que passamos a estudar foi a possibilidade de verificar até que ponto é possível sair da dicotomização Estado e mercado ou mercado e Estado, divisão ora preconizada pelos partidários do intervencionismo estatal por um lado e, de outro, daqueles que têm no mercado a referência principal, para uma outra percepção que tem na sociedade civil o determinante das relações sociais e de produção. (TENÓRIO, 2004, p.12)

Fischer (2002) vislumbra possibilidades de sucesso na consecução de parcerias ou alianças intersetoriais, envolvendo organizações do Terceiro Setor e empresas, com vistas à elaboração e implementação de programas para benefício da comunidade. De forma distinta do que Tenório (2004) preconiza ao inverter a relação para “trabalho-capital”, a autora expõe iniciativas provenientes de organizações do mercado (capital), que, no intuito de terem uma atuação social como estratégia empresarial, “começaram a concretizar suas ações de responsabilidade social aproximando-se de organizações da

sociedade civil” (FISCHER, 2002, p. 60). De forma sucinta, ela considera que as alianças estratégicas intersetoriais são meios promissores que estimulam o fortalecimento da sociedade democrática. Nesse processo, há o estabelecimento de uma rede de cooperação entre diferentes tipos de organizações que visa a atingir objetivos comuns e sustentáveis de desenvolvimento social.

Ainda, segundo a autora, a formação de alianças entre empresas e organizações do Terceiro Setor é uma das conseqüências de um continuado processo de redução das atividades do Estado na prestação de serviços públicos. Ela faz a ressalva, no entanto, que existe a preocupação por parte das organizações envolvidas nessas alianças de que não haja a substituição da ação do Estado, já que se busca influenciar a elaboração das políticas sociais e o fortalecimento da “comunidade para que ela exerça o controle sobre a operacionalização dessas políticas” (FISCHER, 2002, p.36). De maneira resumida, ela coloca da seguinte forma as vantagens que cada setor tem ao realizar alianças estratégicas:

Para as empresas de mercado, as alianças estratégicas, embora ainda recentes e na maioria das vezes imaturas, vêm representando uma oportunidade ímpar de ampliação e aperfeiçoamento do exercício da responsabilidade social. (...)

No caso das organizações do Terceiro Setor, a formação de alianças deverá possibilitar o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de sua atuação, principalmente quando parceiros inseridos na iniciativa privada se propõem a transferir conhecimentos e [capacidades] para que elas venham a lidar, com mais eficiência e familiaridade, com seus problemas de custos, economia de escala, foco de ação e eficácia de resultados.

Para os órgãos da Administração Pública, em qualquer das suas três esferas de atuação, o compartilhar a elaboração das políticas sociais com as organizações dos demais setores só pode lhes trazer o benefício do aperfeiçoamento técnico-administrativo e da legitimação junto à sociedade civil. (FISCHER, 2002, p.159)

A crítica que surge para tal perspectiva está ligada ao que já foi aqui discutido: o funcionamento de organizações do Terceiro Setor segundo regras do mercado. As alianças intersetoriais, por exemplo, podem ser fonte de imposições por parte das organizações do segundo setor para que as organizações da sociedade civil se reestruturem e se tornem eficientes e eficazes para atenderem aos ditames mercadológicos.

É nesse mar de variáveis que as organizações do Terceiro Setor estão passando por um processo de busca de sua identidade. A tendência que se percebe é que está ocorrendo uma (aparente) transição entre um modelo assistencialista para outro pautado no conceito de desenvolvimento sustentável, entendido como a satisfação das necessidades das gerações atuais sem o comprometimento da possibilidade de satisfação

das necessidades das gerações futuras, havendo, para tanto, a promoção da igualdade de oportunidades para que cada membro da comunidade participe como cidadão das decisões relativas aos seus destinos.

Sob o impacto de um Estado que vem diminuindo sua ação social e de uma sociedade com necessidades cada vez maiores, cresce a consciência nas pessoas – tanto físicas quanto jurídicas – de que é necessário posicionar-se proativamente no espaço público, se o que se deseja é um desenvolvimento social sustentado. (IOSCHPE, 2005, p.II)

Tenho convicção de que o conceito de Terceiro Setor descreve um espaço de participação e experimentação de novos modos de pensar e agir sobre a realidade social. Sua afirmação tem o grande mérito de romper a dicotomia entre público e privado, na qual público era sinônimo de estatal e privado de empresarial. Estamos vendo o surgimento de uma esfera pública não-estatal e de iniciativas privadas com sentido público. Isso enriquece e [torna complexa] a dinâmica social. (CARDOSO, 2005, p.8).

Essas são expressões dos anseios em relação à promessa que se tornou o Terceiro Setor. A elas soma-se a concepção de que a reconstrução de uma sociedade cuja base sejam princípios de responsabilidade social e de convivência solidária é a grande contribuição das organizações do Terceiro Setor. Dado esse contexto, estas se vêm pressionadas a atender todas essas esperanças.

Um consenso existe: elas não podem sucumbir a essas pressões de tal forma que as faça assumir feições de organizações do mercado ou do Estado, fugindo, assim, de sua característica original. Os objetivos das organizações de Terceiro Setor são distintos, tanto com relação aos do primeiro quanto aos do segundo setor.

Essa distinção deve se estender para a sua gestão por meio do desenvolvimento de uma maneira particular de administrar. Para tanto, recorre-se ao conceito de Chanlat (1996) que, de forma ampla e flexível, define o modo de gestão como sendo as práticas administrativas que a organização executa para atingir os seus objetivos. Portanto, para o caso das organizações do Terceiro Setor, tais práticas devem ser condizentes com suas peculiaridades e seus valores em busca da consecução de objetivos sociais.

E são a partir de tais premissas que se quer entender o modo de gestão das organizações que têm o Espiritismo como doutrina e que realizam trabalhos de assistência social no município de Uberaba. Primeiramente, faz-se necessário saber um pouco mais sobre o que se entende como “modo de gestão”.

2.4 – Modo de Gestão

O uso da palavra “modo”, em um sentido geral e flexível, é condizente com a definição encontrada no Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999), no qual constam sinônimos tais como “maneira”, “feição”, “forma particular”, “jeito”, “sistema”, “prática”, “método”⁶. Tal flexibilidade está em harmonia com as organizações espíritas pesquisadas, que, de acordo com as suas realidades e especificidades, construíram seu jeito particular de administrar.

Modo de gestão, em conformidade com a definição de Chanlat (1996), já citado anteriormente, é um conjunto de práticas administrativas executadas pela organização visando a atingir os seus objetivos. De forma bem ampla, mas voltada para a lógica empresarial, esse autor caracteriza o método de gestão como compreendendo: (a) a organização do trabalho; (b) o estabelecimento de condições de trabalho; (c) o tipo de estruturas organizacionais; (d) a natureza das relações hierárquicas; (e) os sistemas de controle e avaliação dos resultados; (f) as políticas de gestão do pessoal; e (g) os objetivos, os valores e a filosofia de gestão.

Chanlat (1996) afirma que existem diversas influências sobre o modo de gestão, provenientes de fatores tanto internos como externos. Podem-se citar os recursos, a estratégia perseguida, o tipo de pessoal, a tecnologia utilizada, as culturas, a história, as tradições e as personalidades dos dirigentes como fatores internos. Já os externos envolvem questões relativas aos contextos político, econômico, cultural e social.

Divide, ainda, o modo de gestão em dois componentes: um que o autor qualifica como abstrato, formal e estático, chamando-o de *modo de gestão prescrito*, e outro concreto, informal e dinâmico, denominado de *modo de gestão real*.

Em suma, é na dinâmica entre os elementos internos e externos das organizações e na relação entre aquilo que está prescrito e aquilo que é real que o modo de gestão é concebido.

Portanto, será a partir do conceitual proposto por Chanlat (1996) que será construído o entendimento em relação ao modo de gestão da Assistência Social Espírita. Trata-se, no entanto, de um referencial encarado sem rigidez, mesmo porque é essa a flexibilidade que encontra consonância com o perfil administrativo das organizações do Terceiro Setor.

⁶ Ao longo do trabalho, quando for utilizada alguma das palavras mencionadas, ela estará se referindo a uma mesma significação, ou seja, serão sinônimos da palavra “modo”.

3 – METODOLOGIA

3.1 – Problema e objetivos da pesquisa

A partir dos diversos questionamentos que foram surgindo à medida que me aproximava do meu objeto de pesquisa, e também, fundamentada no referencial teórico estudado, formou-se a seguinte pergunta de partida, ou problema de pesquisa: **como se caracteriza o modo de gestão da Assistência Social Espírita em Uberaba/MG?**

Portanto, de forma geral, o objetivo é **identificar e compreender o modo de gestão da Assistência Social Espírita em Uberaba/MG.**

Especificamente, os objetivos são encontrar as respostas para as seguintes perguntas:

- Quais são as convergências e divergências discursivas dentro do movimento espírita, em relação à Assistência Social Espírita?
- Quais são as possíveis relações (e suas dinâmicas) entre a Assistência Social Espírita, o Primeiro e o Segundo Setores em Uberaba/MG?
- Como se configura o modo de gestão real (concreto, informal e dinâmico) da Assistência Social Espírita em Uberaba?

3.2 – O método: *Grounded Theory*

Grounded Theory é um método de pesquisa qualitativa proposto por Barney Glaser e Anselm Strauss, em 1967, em uma obra de autoria conjunta chamada “*The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research*” (GLASER; STRAUSS, 2006). Desde essa época, algumas divergências sobre o tema surgiram já que cada um desses autores seguiu um caminho próprio e continuou desenvolvendo e aprimorando o método a seu modo. Ichikawa e Santos (2001) acreditam que a disseminação do(s) método(s) pode ter sido prejudicada em função da diferença de perspectivas entre os seus criadores.

Mas a verdade é que, ao longo de mais de trinta anos [agora, quarenta anos], as discussões sobre G.T. continuaram, e o método ganhou novas releituras. A literatura sobre o tema mostra que os pesquisadores que utilizam a G.T., muitas vezes fazem um mix das abordagens tanto de Glaser como de Strauss (ICHIKAWA; SANTOS, 2001, p.10)

Para Glaser e Strauss, a *Grounded Theory* é uma teoria derivada de dados empíricos coletados e analisados de forma sistemática por meio do processo de pesquisa. É um método em que existe um estreito relacionamento entre a coleta de dados, a análise e a teoria que se desenvolve como consequência. Ou seja, a não ser que o propósito do pesquisador seja melhor desenvolver uma teoria já existente, o pressuposto da *Grounded Theory* é de que o projeto de pesquisa possa se iniciar sem uma teoria pré-concebida. Dessa forma, os autores entendem que, em função das “*grounded theories*” serem baseadas em dados extraídos da realidade observada, elas estão aptas a oferecerem *insights*, aumentando o entendimento e fornecendo um significativo guia para a ação (STRAUSS; CORBIN, 1998).

O que se entende por “teoria”? Strauss e Corbin (1998) explicam:

Teoria denota um conjunto de categorias bem desenvolvidas (ex.: temas, conceitos) que são sistematicamente inter-relacionados por meio de enunciados/afirmações [*statements*] de relacionamento para formar uma estrutura teórica que explica um relevante fenômeno social, psicológico, educacional, assistencial [*nursing*] ou outro fenômeno (STRAUS; CORBIN, 1998, p.22, tradução nossa)

Diferencia-se, ainda, a teoria formal da teoria substantiva. Teoria substantiva, segundo a *Grounded Theory*, é uma teoria com pequeno grau de generalização, pois é gerada a partir de um estudo em profundidade de poucos casos. Apesar disso, ela tem grande poder explicativo da realidade investigada e pode se constituir em um primeiro passo para o desenvolvimento de uma teoria formal, essa sim, com grande poder de generalização teórica.

Para os autores, gerar teoria sobre fenômenos, ao invés de simplesmente gerar um conjunto de achados, é importante para o desenvolvimento do campo de conhecimento.

Em suma, a *Grounded Theory* “se prop[õe] a ser uma estratégia indutiva, que t[em] por objetivo desenvolver teorias à medida que o trabalho de campo avança.” (ICHIKAWA; SANTOS, 2001, p.5). A principal idéia defendida por seus autores originais era que se o pesquisador se comprometesse apenas com uma teoria pré-concebida, havia o perigo de não conseguir olhar além da teoria escolhida, tornando-se, portanto, doutrinário (ICHIKAWA; SANTOS, 2001). No entanto, não se pode dizer que o processo de pesquisa baseado na *Grounded Theory* seja a-teórico, pois não há possibilidade do pesquisador se isentar e fugir do conhecimento de teorias e de outros

trabalhos empíricos que ele traz consigo. Portanto, existe a liberdade de se recorrer a fundamentos teóricos para auxiliar o tratamento dos dados (BIANCHI; IKEDA, 2006).

A utilização desse método de pesquisa é recomendada em situações em que pouco se conhece o assunto e não existem referências sobre o mesmo. Esse é, portanto, o principal motivo pelo qual o método de pesquisa escolhido para o presente trabalho foi estruturado a partir dos princípios da *Grounded Theory*.

Uma das opções feitas para a presente pesquisa é a não adoção ou construção de uma matriz teórica pré-determinada que direcione a busca por evidências que revelem ou não os conceitos e categorias previamente selecionados. Por isso, a fase inicial de aproximação, relatada no início deste trabalho, e a investigação histórica e teórica são importantes na medida em que estimulam os primeiros questionamentos sobre o objeto e os possíveis caminhos na busca por informações. Como recomenda a *Grounded Theory* (STRAUSS; CORBIN, 1998), acontece uma sobreposição natural destas etapas do estudo com as posteriores. Em resumo, nesse método, há uma simultaneidade entre a coleta e análise de dados, e isso é um processo bastante interessante já que a reflexão sobre as descobertas feitas em campo pode levar à busca de novos dados que esclareçam ou complementem aqueles já existentes. A ida a campo leva a questionamentos que faz voltar à literatura, o que, por sua vez, chama a atenção para outros pontos.

Tal dinâmica é a utilizada para se chegar a um entendimento sobre o modo de gestão da assistência social espírita em Uberaba. É um tema ainda não explorado pela literatura da Administração. Não foram encontradas referências de estudos prévios acerca do mesmo tema. Encontraram-se pesquisas sobre o Espiritismo, seus conceitos, histórias, ícones e a assistência social em outras áreas, como, por exemplo, a antropologia (CAVALCANTI, 2005; GIUMBELLI, 1997, 1998, 2003; LEWGOY, 2001, 2004a, 2004b; STOLL, 2002, 2004), a história (SANTOS, 2004; SILVA, 2002), a psiquiatria (ALMEIDA, 2004), o jornalismo (FERNANDES, 2002; SOUTO MAIOR, 2003), a saúde (PIETRUKOWICZ, 2001). Quando o foco é a gestão desse tipo de organização religiosa, a literatura acadêmica da Administração carece de pesquisas.

Em função do contexto acima descrito, a opção pela pesquisa qualitativa é interessante na medida em que se torna possível dedicar um tempo maior ao conhecimento do objeto e do ambiente onde este está inserido. Utiliza-se, para tanto, uma técnica indutiva para o desenvolvimento das categorias e variáveis de análise que, diferentemente do padrão tradicional, não foram extraídas da literatura, mas emergiram da leitura interpretativa dos dados.

Charmaz (2006) deixa claro que o desenvolvimento da “teoria fundamentada” é uma construção interpretativa do indivíduo pesquisador. A autora inicia e finaliza seu livro, “*Constructing Grounded Theory: a practical guide through qualitative analysis*” (“Construindo *Grounded Theory*: um guia prático através da análise qualitativa”, tradução nossa), com um discurso direcionado para o leitor, usando pronomes sempre de terceira pessoa, “você”, “seu”, “suas”, denotando o caráter subjetivo da pesquisa:

Este livro leva você por uma jornada para a construção da ‘teoria fundamentada’ através dos passos básicos da *grounded theory*. (...) Nós podemos compartilhar a jornada, mas a aventura é sua. (...) A cada fase do processo de pesquisa, *suas* [destaque da autora] leituras do seu trabalho guiam os seus próximos movimentos. Essa combinação de envolvimento e interpretação conduz você para o próximo passo. O ponto final da sua jornada emerge de onde você começa, para onde você vai, com quem você interage, o que você vê e ouve, e como você aprende e pensa. Em resumo, o trabalho final é uma construção – a sua. (CHARMAZ, 2006, p.XI, tradução nossa)

Os métodos da *grounded theory* aumentam as possibilidades de você transformar conhecimento. Assuntos que incendeiam suas paixões conduzem você a fazer pesquisa que pode ir além do preenchimento de requisitos acadêmicos ou de créditos profissionais. Você entrará no fenômeno estudado com entusiasmo, abrindo-se para a experiência de pesquisa e indo até onde ela leva você. O caminho pode apresentar inevitáveis ambigüidades que atiram você em um atordoante deslocamento existencial. Mesmo assim, quando você traz paixão, curiosidade, abertura, e cuidado com o seu trabalho, novas experiências sucederão e suas idéias surgirão. (...) Sua jornada através da *grounded theory* pode transformar você. (CHARMAZ, 2006, p.185, tradução nossa)

O caráter subjetivo da pesquisa baseada nessa metodologia foi o motivador para a estruturação da Introdução do presente trabalho da forma como foi esclarecida. A utilização da primeira pessoa do singular para o desenvolvimento do texto passa a ser, portanto, uma simples consequência.

Deve-se, contudo, tomar diversos cuidados com essa característica de subjetividade da pesquisa. Um deles é que, como intérprete, cabe ao pesquisador traduzir os significados socialmente construídos pelos sujeitos. O pesquisador constrói interpretações de segunda mão, ele interpreta interpretações. Ele faz a leitura do contexto social por sobre os ombros dos nativos. São os próprios sujeitos sociais que interpretam em primeira mão a sua realidade social. (JAIME, 2001)

Tal pensamento tem como base a Sociologia Compreensiva ou Sociologia Interpretativa preconizada por Max Weber, que entende que o conhecimento acerca do fenômeno social advém da extração do conteúdo simbólico da ação ou ações que o configuram. Weber compreende que “ação” tem seu sentido pensado pelos indivíduos, que orientam seu comportamento tomando como referência o comportamento dos

outros. O método compreensivo, portanto, é o entendimento do sentido do conteúdo das ações de um sujeito e não somente as características exteriores dessas ações. Em suma, a lógica de Weber baseia-se nos entendimentos das atitudes interpretativas dos sujeitos.

É exatamente essa interpretação das interpretações que guia a presente pesquisa. Seguindo essa prerrogativa, optou-se por não se fazer o mergulho na literatura espírita, para que, com isso, a pesquisadora não corresse o risco de “tornar-se uma nativa”, não tendo o afastamento necessário para se fazer a leitura “por sobre os ombros” dos indivíduos envolvidos. Em outras palavras, as concepções aqui expostas em relação ao modo de gestão da assistência social espírita e em relação à própria doutrina espírita, seus conceitos e práticas, são as interpretações dos sujeitos de pesquisa ou dos autores pesquisados (na maioria, sociólogos ou antropólogos), ou seja, uma interpretação de “segunda mão” da pesquisadora.

3.3 – As fontes de dados

A pesquisa de campo envolveu primeiramente a aproximação inicial relatada na Introdução deste trabalho. A partir dos questionamentos que foram surgindo nesse processo, foi possível chegar ao problema e aos objetivos de pesquisa. Além disso, ao longo das primeiras entrevistas, alguns nomes foram indicados, o que caracterizou o uso inicial da técnica “bola de neve” para a escolha dos sujeitos de pesquisa, que consiste em identificar, inicialmente, algumas pessoas elegíveis e entrevistá-las. A todas é solicitado que indiquem os nomes de amigos(as) ou conhecidos(as) que considerem ser semelhantes a si mesmas e/ou que considerem possuir conhecimento notório sobre o assunto. Cada pessoa indicada é contatada, informada de quem indicou seu nome e convidada a participar no estudo. No entanto, como será explanado mais à frente, não se restringiu a tal técnica para a seleção das fontes, tendo em vista que foi necessário proceder a escolhas deliberadas para fugir dos discursos homogêneos. O contato com a fala de indivíduos pertencentes às organizações representativas nacional, estadual e municipal também foram de vital relevância para se ter uma visão mais ampla sobre o movimento espírita não só em Uberaba, como também em outras regiões. Portanto, chegou-se ao que se vê nos quadros a seguir:

	ORGANIZAÇÃO	CÓDIGO	CONTATO COM	DATA DO CONTATO	CARACTERÍSTICAS, RAZÕES E IMPORTÂNCIA DA ESCOLHA	OUTROS MATERIAIS
APROXIMAÇÃO INICIAL	Centro Espírita em Uberaba 01	CEU-01	Representante A-CEU-01 (Gravação: 1h)	dez/06	Organização espírita escolhida para ser a primeira na aproximação inicial por dois motivos: foi indicada por pessoas conhecidas da pesquisadora e, também, por ser próxima a sua casa; Não possui vínculo formal com o CMAS; Criada antes da década de sessenta, fornece uma perspectiva histórica da assistência social espírita; Primeira entrevista foi com a primeira pessoa que encontrei na organização, que me recepcionou.	Escalas de trabalho
	Centro Espírita em Uberaba 01	CEU-01	Representante B-CEU-01 (Gravação: 30')	dez/06	O Entrevistado A-CEU-01 indicou o Representante B-CEU-01, tendo em vista sua antiguidade dentro do centro e sua experiência na doutrina espírita.	
	Centro Espírita Europeu 01	CEE-01	Representante CEE-01 (Gravação: 40')	jan/07	Organização espírita francesa, uma das poucas que lá existem; Dirigida apenas por franceses; Importante para a presente pesquisa por ter fornecido subsídios para um entendimento inicial do Espiritismo, suas origens e as proporções que tomou no Brasil; Relevante, também, por permitir algumas comparações com as organizações espíritas brasileiras, apesar de não ser este um objetivo do presente trabalho, e por isso mesmo, tal estudo comparativo não será explorado em profundidade.	Website com histórico, objetivos, estatuto, atividades, programação etc; Vídeo de apresentação do centro, disponível no YouTube.
	Centro Espírita Europeu 02	CEE-02	Representante CEE-02 (Não gravado: 1h)	fev/07	Organização espírita portuguesa. Além de ter sido importante para o entendimento inicial do Espiritismo, foi possível verificar algumas diferenças e semelhanças em comparação com as organizações espíritas brasileiras; O intercâmbio entre espíritas portugueses e brasileiros parece ser mais intenso, tendo em vista que a literatura espírita brasileira está amplamente presente em solo português.	Estatuto; Regimento Interno; Escala de trabalho; Website
	Centro Espírita Europeu 03	CEE-03	Representante CEE-03 (Gravação: 2h)	fev/07	Organização espírita francesa, outra das poucas que lá existem; Presidida por um brasileiro; Da mesma forma, importante para a presente pesquisa por ter fornecido subsídios para um entendimento inicial do Espiritismo, suas origens e as proporções que tomou no Brasil. Relevante, também, por permitir algumas comparações com as organizações espíritas brasileiras, apesar de não ser este um objetivo do presente trabalho, e por isso mesmo, tal estudo comparativo não será explorado em profundidade.	

Quadro 01: Fontes de dados – Aproximação Inicial

Fonte: Dados da pesquisa

	ORGANIZAÇÃO	CÓDIGO	CONTATO COM	CARACTERÍSTICAS, RAZÕES E IMPORTÂNCIA DA ESCOLHA	OUTROS MATERIAIS
ORGANIZAÇÕES REPRESENTATIVAS	Federação Espírita Brasileira	FEB	Representante A-FEB (Gravação: 1h30') jun/07	Instituição que representa a doutrina espírita em âmbito nacional; O contato se deu por meio de um encontro promovido com o intuito de apresentar o "Manual de Apoio à Assistência e Promoção Social Espírita"; Foram tratados aspectos administrativos e jurídicos das organizações espíritas	Website, com link "O que é a FEB", no qual explica-se missão, história, estrutura física, organograma etc; Apresentação em PowerPoint da palestra; Texto: "Alterações do Código Civil e as Organizações Espíritas"
			Representante B-FEB (Gravação: 1h40') jun/07		Manual de Administração de Instituições Espíritas;
	União Espírita Mineira	UEM	Representante UEM (Gravação: 1h30') jun/07	Instituição que representa a doutrina espírita em âmbito estadual; O contato se deu por meio de um encontro promovido com o intuito de apresentar o "Manual de Apoio à Assistência e Promoção Social Espírita"; O Representante apresentou sua experiência à frente da direção da organização e os diversos casos de experiências em todo o estado.	Website
	Aliança Municipal Espírita	AME	Representante A-AME Representante B-AME Representante C-AME (Gravação: 1h50') jul/07	Indicação feita pelo Representante B-CEU-01; Instituição que representa a doutrina espírita em âmbito municipal; Uma visão mais abrangente do movimento espírita em Uberaba, por se tratar de uma organização que visa à unificação do movimento espírita em Uberaba; Fonte de diversas outras indicações de centros espíritas.	Estatuto; Histórico da organização; Histórico de atividade específica; Históricos de departamentos específicos; Dados dos centros espíritas em Uberaba.

Quadro 02: Fontes de dados – Organizações Representativas

Fonte: Dados da pesquisa

ORGANIZAÇÕES ESPÍRITAS EM UBERABA	ORGANIZAÇÃO	CÓDIGO	CONTATO COM	CARACTERÍSTICAS, RAZÕES E IMPORTÂNCIA DA ESCOLHA	OUTROS MATERIAIS
	Centro Espírita em Uberaba 02	CEU-02	Representante CEU-02 (Gravação: 4h10') jan/08	Centro indicado pela Aliança Municipal Espírita; Menos de dez anos de criação, o que possibilitou verificar a existência de um tipo de nova postura frente à organização da assistência social espírita.	Estatuto; Projeto de desenvolvimento social sustentável
	Centro Espírita em Uberaba 03	CEU-03	Representante CEU-03 (Gravação: 2h20') jan/08	Foi escolhido em função de sua vinculação ao CMAS; Foi criado há cerca de quinze anos; Posteriormente, foi indicado, espontânea e positivamente, pelo Representante CEU-07, o que deu apoio, validando a escolha.	Estatuto
	Centro Espírita em Uberaba 04	CEU-04	Representante CEU-04 (Gravação: 1h30') fev/08	Indicado também pela AME; Não tem vínculo formal com o CMAS; Criado há mais de trinta anos.	Extrato do Estatuto; Declaração de Utilidade Pública; DVD com o histórico e apresentação da organização
	Centro Espírita em Uberaba 05	CEU-05	Representante CEU-05 (Gravação: 1h) fev/08	Indicado pela AME; Vinculado ao CMAS; Criado há mais de trinta anos; Posteriormente, foi citado, espontânea e positivamente, pelo Representante CEU-07, o que deu apoio, validando a escolha.	
	Centro Espírita em Uberaba 06	CEU-06	Representante CEU-06 (Não gravado: 30') fev/08	Indicado pela AME e pelo Representante CEU-04; Não tem vínculo formal com o CMAS; Tem mais de sessenta anos de criação.	
	Centro Espírita em Uberaba 07	CEU-07	Representante A-CEU-07 Representante B-CEU-07 (Gravação: 3h) fev/08	Citado pela AME como um centro cujo entorno não é mais carente e que, por isso, fazem seus trabalhos assistenciais em outra região, carente; Mais de quarenta anos de criação.	Estatuto; Histórico da organização; Histórico da Evangelização; "Dossiê" dos Projetos Sociais do organização; Qualificação de Utilidade Pública.
	Centro Espírita em Uberaba 08	CEU-08	Representante CEU-08+OEU-01 (Gravação: 2h) fev/08	Indicado pela AME, pelos Representantes CEU-02 e CEU-03; Vinculado ao CMAS em função de possuir um departamento que se tornou a Obra Espírita 01; Mais de cinquenta anos de atuação;	Estatuto
	Obra Espírita em Uberaba 01	OEU-01	Representante OEU-01 fev/08	Departamento do CEU-08; Vinculado ao CMAS.	Regimento Interno
	Centro Espírita em Uberaba 09	CEU-09	Representante CEU-09+OEU-02 (Não gravado: 30') fev/08	Indicado pela AME e pelos Representantes CEU-03, CEU-04, CEU-05, CEU-06 e CEU-07; Vinculado ao CMAS;	Estatuto; Histórico da organização;
	Obra Espírita em Uberaba 02	OEU-02	Representante OEU-02 fev/08	Departamento do CEU-09; Vinculado ao CMAS.	Histórico da Obra Espírita; Apresentação completa e detalhada da Obra Espírita

Quadro 03: Fontes de dados – Organizações Espíritas em Uberaba

Fonte: Dados da pesquisa

discurso bastante homogêneo. Tal constatação acaba por reafirmar a importância de não se ter limitado apenas à técnica “bola de neve”, pois foi a partir de escolhas deliberadas, seja em função de uma menção espontânea ou de características específicas da organização (data de criação, vínculo com o CMAS etc), que discursos destoantes foram captados.

Vale ressaltar, ainda, que a posição ou cargo ocupado pelo indivíduo na hierarquia da organização escolhida não se caracterizou como um direcionamento rigoroso. A estratégia utilizada foi a busca por aquela pessoa com um conhecimento notório, reconhecido por outros, acerca daquela instituição em que trabalha. Por meio de conversas informais com outras pessoas, vinculadas à organização ou não, foi possível chegar ao nome desse indivíduo que é referência. No entanto, mesmo com essa preocupação de não se restringir aos ocupantes de alguma posição hierárquica privilegiada, as pessoas consideradas como referência eram ou presidente, ou vice, ou tesoureiro, ou pertencente à diretoria. Nenhum caso fugiu a essa regra.

Além das entrevistas com os sujeitos de pesquisa acima relacionados, foi buscada também uma “literatura não técnica” que, de acordo com os preceitos da *Grounded Theory*, inclui cartas, biografias, diários, relatórios, vídeos, jornais, catálogos (científicos ou não) e uma variedade de outros materiais. Esses materiais, normalmente, não são usados como fontes de dados nos estudos quantitativos, mas têm um papel essencial na “teoria fundamentada”. Eles complementam as entrevistas e observações. É possível, por exemplo, conhecer mais sobre a organização, sua estrutura e como ela funciona (o que não está imediatamente visível nas observações e entrevistas) estudando seus relatórios, correspondências e memorandos. (STRAUSS; CORBIN, 1998).

3.4 – A Coleta de dados

O principal instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista em profundidade. O tipo, em um primeiro momento, o de aproximação inicial, foi a entrevista não estruturada, conduzida de forma bem livre, como se fosse uma “conversa” sobre o movimento espírita em Uberaba e sobre a forma de administrar as atividades nos centros espíritas. Posteriormente, as entrevistas foram conduzidas de maneira mais focalizada, de forma semi-estruturada, mantido, no entanto, o caráter informal delas, ou seja, podendo também ser definida como uma conversação informal,

sendo alimentada por perguntas abertas, ou de sentido genérico, o que proporcionou maior desenvoltura para o informante. (LAKATOS; MARCONI, 2001). Foi uma entrevista focalizada e semi-estruturada no sentido de se utilizar um roteiro com os tópicos principais ligados ao assunto da pesquisa, o que possibilitou liberdade e fluidez maiores sobre os assuntos discutidos. Tal roteiro foi definido após a aproximação inicial, depois do contato com as organizações representativas e pela leitura do referencial teórico. Foi a partir da pré-análise dos dados obtidos por meio desses contatos iniciais que se formulou o Quadro 05: Guia de Entrevista:

1 - HISTÓRIA PESSOAL: - Envolvimento com o Espiritismo - Envolvimento com o Centro - Envolvimento com o trabalho voluntário / assistência social	5 - RELAÇÕES COM AS FEDERATIVAS: - FEB - UEM - CRE / AME
2 - HISTÓRIA DO CENTRO: - Criação / Fundação - Objetivos - Funções - Valores / Filosofia - Atividades	6 - RELAÇÕES COM OS OUTROS CENTROS: - Divisão de trabalho? - Divisão “territorial”? - Realização de parcerias?
3 - MODO DE GESTÃO: - Divisão de trabalho - Organização do trabalho - Gestão de pessoas - Condições de trabalho - Estrutura da organização - Natureza das relações hierárquicas - Controle e Avaliação dos Resultados	CONSIDERAÇÕES FINAIS LEMBRAR DE PEDIR: - Estatuto e/ou Regimento Interno - Escala de trabalho - Balanço contábil - Produtos de comunicação - Outros documentos que julgar interessante
4 - RELAÇÃO COM OS PÚBLICOS: - Internos: - trabalhadores / voluntários - freqüentadores - assistidos - financiadores - Externos - financiadores - poder público - iniciativa privada - comunidade em geral	PEDIR INDICAÇÕES (COM OS CONTATOS): - De outros centros - De outras pessoas do movimento espírita de Uberaba - De outras pessoas do próprio centro

Quadro 05: Guia de entrevista

Fonte: Dados da pesquisa

Em todas as entrevistas, foi garantido o anonimato, motivo pelo qual nenhuma pessoa foi identificada nominalmente. No contato inicial, seja por telefone, ou pessoalmente, era feita uma explanação geral sobre a pesquisa e, no momento da

entrevista, antes de iniciá-la, novamente se explicava, com mais detalhes o tipo de assunto que seria abordado ao longo da conversa.

A grande maioria das entrevistas e palestras foi gravada e transcrita. Das únicas três que não têm registro de áudio arquivado, uma foi em função de uma fatalidade digital, em outras palavras, “arquivo corrompido” (entrevista em Portugal); a segunda foi porque a pessoa não se sentiu apta para falar sobre as questões relativas à minha pesquisa e preferiu indicar outro integrante da mesma organização e este, por sua vez, teve uma reunião marcada de última hora, o que fez com que me atendesse muito rapidamente. Nesses dois últimos casos, apesar da não possibilidade de gravação, a conversa durou em torno de meia hora cada uma e os pontos mais importantes foram anotados após o contato. Ocorreram, ainda, dois casos em que a entrevista foi realizada com mais de uma pessoa simultaneamente.

Destacam-se, ainda, as anotações no diário de campo que ocorreram sistematicamente após cada contato e/ou entrevista, nas quais foram colocadas as percepções da pesquisadora sobre os discursos dos entrevistados, as contradições (no próprio discurso) e as semelhanças discursivas com os entrevistados anteriores, o contexto e ambiente da entrevista etc.

A pesquisa documental (LAKATOS; MARCONI, 2001), foi outra técnica de pesquisa empregada. Como já explicado, aquilo considerado como “literatura não-técnica” foi alvo de coleta, como comprova, nos quadros “Fontes de dados”, os documentos listados na coluna “outros materiais”.

3.5 – Análise e interpretação dos dados

A partir da análise dos dados, foi possível encontrar aos poucos as categorias de análise mais apropriadas. A formulação dessas categorias requer, segundo Lüdke e André (1986), a leitura e releitura do material, possibilitando que o material seja dividido em seus elementos componentes, não perdendo de vista a relação entre esses elementos e todos os outros componentes.

A técnica utilizada, basicamente, foi a Análise de Conteúdo (BAUER, 2002), aliada à forma de análise com auxílio do software Atlas/TI, esclarecida por Pandit (1996):

Há duas maneiras de se analisar os dados com o ATLAS: primeiramente, o “nível textual” que foca os dados brutos e inclui atividades tais como a segmentação de texto, a codificação e a redação de notas de análise [“memos”]; e, em um segundo momento, o “nível conceitual” que foca atividades de construção de estruturas tais como o interrelacionamento de códigos, conceitos e categorias para formar as redes teóricas. Em geral, acreditamos que os procedimentos no ATLAS são eficientes e firmemente baseados nos princípios da geração de *grounded theory*. (PANDIT, 1996, p.13, tradução nossa)

Foi necessário o aprendizado do software para utilizá-lo como um instrumento de auxílio à análise dos dados. Grosso modo, ele é um organizador de documentos e idéias, que depende única e exclusivamente do elemento humano. Assim como esclarece Bauer (2002):

Computadores, por mais úteis que sejam, são incapazes de substituir o codificador humano. A análise de conteúdo permanece um ato de interpretação, cujas regras não podem ser realisticamente implementadas com um computador dentro de limitações práticas. O codificador humano é capaz de fazer julgamentos complicados rápida e fidedignamente, se auxiliado (BAUER, 2002, p. 212)

Casali (2006) resume bem, segundo a experiência da pesquisa por ela realizada, como se dá o processo de descoberta amparado pelo software:

O Atlas.ti permite a análise de arquivos de texto, áudio e vídeo, mas nesta pesquisa foram processados apenas documentos de texto. Os códigos e categorias analíticas são escolhidos pelo pesquisador e podem ser renomeados ou reagrupados a qualquer momento da análise. Além disso, o software possibilita seleção de trechos, agrupamento e seleção das respostas. As relações entre códigos, categorias e conceitos podem ser construídas (modificadas e reconstruídas) em redes de análise, as quais integram os dados analisados. (CASALI, 2006, p.98-99)

O processo de descoberta da presente pesquisa guarda bastante semelhança com o acima descrito. Restringiu-se apenas a documentos de texto e a análise dos dados foi feita a partir do cruzamento dos trechos selecionados nos diversos documentos, e dos códigos a eles relacionados. Por meio desse processo de análise, foi possível chegar às categorias de análise que representam conjuntos de códigos utilizados para interpretação dos dados. As categorias e subcategorias de análise encontradas foram:

1. Chico Xavier, Uberaba e a espontaneidade
2. Fora da caridade não há salvação.
 - 2.1. Por amor ou pela dor
 - 2.2. Trabalho voluntário
 - 2.2.1. Labor-terapia: motivação e dedicação
 - 2.2.2. Espontaneidade: Organização, Controle e Conflitos

- 2.3. Pão material e Pão espiritual
 - 2.3.1. Sopa
 - 2.3.2. Foco na criança
- 3. Relações com o mundo de César
 - 3.1. Leis divinas X leis humanas
 - 3.2. Recursos financeiros: conflitos
 - 3.3. Relações com o poder público
 - 3.4. Relações com o segundo setor
 - 3.5. Relações entre pares

Algumas categorias ou subcategorias acima são fruto do que o software denomina de “código *in vivo*”. São termos, expressões ou frases retirados do próprio texto analisado, transformados em códigos e relacionados a vários outros trechos/citações. São exemplos disso: “Fora da caridade não há salvação”, “Por amor ou pela dor”, “Labor-terapia” e “Pão material e pão espiritual”.

O Atlas/TI permite a criação de redes de relacionamento entre esses e outros códigos, integrando-os e facilitando o processo de análise e o conseqüente aflorar de teoria fundamentada. Tem-se representadas graficamente as relações que se estabelecem entre os diversos assuntos abordados ao longo da pesquisa. A partir da interpretação das redes “Fora da caridade não há salvação” e “Mundo de César”, apresentadas nos Apêndices A e B, foi possível a apresentação dos resultados que serão vistos nos capítulos que se seguem. Para a primeira categoria de análise, “Chico Xavier, Uberaba e a espontaneidade”, não foi produzida uma rede de relacionamento exclusiva, pois ela está essencialmente imbricada à segunda categoria, “Fora da caridade não há salvação”, em cuja rede encontram-se os códigos utilizados para análise dos assuntos ligados a Chico Xavier, a cidade alvo deste estudo e a espontaneidade pelo médium preconizada.

3.6 – Limites da pesquisa

As escolhas dos sujeitos de pesquisa, por si só, já representam um fator limitante. Pela impossibilidade de realização de uma pesquisa que abrangesse todo o universo de organizações espíritas uberabenses, a opção por delimitar a pesquisa é a única estratégia viável.

Outro limite é a tentativa de se abranger a pesquisa para se ter uma visão do todo de Uberaba, e, nisso, perde-se a profundidade de análise. Ou seja, não foi realizado um mergulho nas particularidades de uma organização apenas, foram abordados diversos casos. Em resumo, ganha-se em abrangência, mas se perde em profundidade.

Importante ressaltar, porém, que tal universo de análise ficou restrito às organizações que se identificam como “centros espíritas” (ou “casas espíritas”, ou “grupos espíritas”). Aquelas definidas como “obras espíritas” ou “obras sociais” (GIUMBELLI, 1998) foram alvo de pesquisa, para se conhecer um pouco mais sobre o movimento espírita em Uberaba, mas não foram foco de uma análise aprofundada, pois se percebeu, ao longo das entrevistas, que essas organizações possuem um modo de gestão que é particular à sua realidade, o que difere, em muitos aspectos, do modo de gestão dos centros espíritas. As entrevistas com os Representantes OEU-01 e OEU-02, portanto, foram pouco aproveitadas neste trabalho, mas foram essenciais para se perceber a diferença acima mencionada. Especificamente, apenas uma fala do Representante OEU-01 foi exposta por se tratar de uma opinião de um espírita sobre a doação de sopa em Uberaba.

Além disso, Uberaba é um exemplar único em função de ter sido considerada “Meca” ou “Capital” do Espiritismo, denominações vinculadas ao ícone Chico Xavier. A peculiaridade, portanto, é um limite que dificulta a generalização da teoria gerada sobre esse caso.

Por fim, trata-se de um olhar, como o próprio título já expõe. Será desenvolvida uma teoria substantiva a partir desse olhar. Não é o único, não contém verdades universais e, principalmente, não exclui a necessidade de futuros olhares, sendo estes essenciais para um melhor entendimento do assunto aqui discutido e para a construção de teorias formais.

4 – CONHECENDO O ESPIRITISMO

4.1 – Espiritismo: história, conceitos e ícones

Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais conhecido como Allan Kardec, pseudônimo que adotou após o início de suas publicações espíritas, é o precursor do que conhecemos hoje como Espiritismo Kardecista.⁷ Nascido em Lyon, França, em 3 de outubro de 1804, foi apenas em 1854 que Kardec ouviu falar das mesas girantes, fenômeno mediúnico que, em meados do século XIX, tinha grande repercussão na Europa. Era com intensa agitação que, nos ambientes freqüentados pela burguesia da época, buscava-se a comunicação com os espíritos. Esse movimento tem sua origem atribuída a fenômenos envolvendo as irmãs Margaret e Katie Fox que, em 1848, nos Estados Unidos, propuseram mecanismos para que fosse realizada a comunicação com os espíritos. Elas passaram a interpretar as pancadas e os ruídos que eram imputados a essas entidades do mundo invisível. Desde essa época, houve um grande interesse por esses fenômenos, cuja manifestação mais freqüente (e popular) se dava por meio das chamadas mesas girantes. Consistiam na reunião de um grupo de pessoas que, em torno de uma mesa, colocavam as mãos sobre ela e se concentravam. Supunha-se que a manifestação dos espíritos acontecia por meio do deslocamento da mesa, e, portanto, a partir desse movimento, era possível receber informações e respostas a questões formuladas aos espíritos. (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB, 2007a; GIUMBELLI, 1998; SANTOS, 2004)

Em Paris, Allan Kardec, pedagogo formado numa tradição cientificista e liberal, fez os seus primeiros estudos do Espiritismo. Em sua residência, junto com um pequeno grupo, interrogou os espíritos, anotou e ordenou os dados que obteve. Por isso é chamado de o “Codificador do Espiritismo”. O resultado dessas sessões foi o lançamento de “O Livro dos Espíritos”, em 18 de abril de 1857, em Paris, constituindo-se por “um conjunto de verdades comunicadas diretamente do mundo espiritual, por intermédio de vários médiuns, ou seja, pessoas por meio das quais os espíritos se manifestavam” (SANTOS, 2004, p.10).

Kardec deu continuidade a seus estudos e, em janeiro de 1858, lançou

⁷ A utilização do termo “Espiritismo kardecista” é uma forma de distinção em relação a outras formas religiosas que não se declaram afiliadas a Allan Kardec e aos livros por ele codificados, apesar de se caracterizarem também como “espíritas” ou “espiritualistas”. É importante, pois, afirmar o seguinte recorte: o presente estudo foca as organizações que têm em Kardec a referência de sua doutrina, ou seja, o movimento espírita kardecista em Uberaba.

a Revue Spirite (Revista Espírita) e fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Em seguida, publicou O que é o Espiritismo (1859), O Livro dos Médiuns (1861), O Evangelho segundo o Espiritismo (1864), O Céu e o Inferno (1865) e A Gênese (1868). Kardec faleceu em Paris, em 31 de março de 1869, aos 64 anos, em razão da ruptura de um aneurisma. Seu corpo está enterrado no cemitério Père Lachaise, na capital francesa. Seus amigos reuniram textos inéditos e anotações de Kardec no livro Obras Póstumas, que foi lançado em 1890. (FEB, 2007a)

Em suma, para a explicação do que é o Espiritismo, o website da FEB faz uso das seguintes definições:

É o conjunto de princípios e leis, revelados pelos Espíritos Superiores, contidos nas obras de Allan Kardec que constituem a Codificação Espírita: O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese.

“O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.” Allan Kardec (O que é o Espiritismo – Preâmbulo)

“O Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança.” Allan Kardec (O Evangelho segundo o Espiritismo – cap. VI – 4)
(FEB, 2007b)

No website do centro espírita português pesquisado, é feita a mesma citação do livro “O que é o Espiritismo” acima exposta.

Já no do centro espírita francês, no qual foi realizada a entrevista com o seu presidente, é possível, também, encontrar algumas outras definições. A seção chamada *Qu'est-ce que le Spiritisme?* (O que é o Espiritismo?) explica que as instruções dadas pelos Espíritos elevados foram coletadas e organizadas cuidadosamente e constituem tanto uma ciência como uma doutrina moral e filosófica sob o nome de Espiritismo. Acrescenta que o

Espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se estabelecem com os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais decorrentes dessas relações. Allan Kardec definiu: ‘O Espiritismo é uma Ciência que trata da natureza, da origem e do destino dos Espíritos, e de suas conexões com o mundo corporal.’ [tradução nossa]

E ainda nega a concepção do Espiritismo como sendo uma religião:

Sob o ponto de vista religioso, o Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma, a imortalidade, as penas e as recompensas futuras; mas ele é independente de qualquer culto particular. O Espiritismo não é nem uma seita nem uma religião, não tem nem culto, nem

dogma, nem hierarquia; ele não faz proselitismo, não procura nem para convencer e nem para impor suas idéias [grifo nosso]. Ele respeita em todos a liberdade de consciência porque toda crença é respeitável a partir do momento em que traz o bem e dá ao homem o melhor. [tradução nossa]

As obras kardecistas sustentam que a existência dos espíritos se dá antes e após a vida na Terra, e, portanto, a idéia estrita de morte desaparece, pois esta é apenas o processo que os espíritas chamam de desencarnação, condição na qual o espírito deixa, em caráter definitivo, o seu corpo físico (carne). Logo, a encarnação liga-se ao nascimento e a reencarnação é a sucessão de existências físicas. O objetivo da reencarnação é a evolução, ou seja, os espíritos reencarnam tantas vezes quantas forem necessárias ao seu aprimoramento. A relação dos espíritos com a Terra, entretanto, não se dá apenas por meio de suas encarnações e reencarnações. Para Kardec, as interferências espirituais no cotidiano terrestre são freqüentes e afetam a saúde e a existência dos encarnados, tanto para o bem como para o mal. Por conseguinte, a comunicação com os seres do mundo invisível é encarada como possível e desejável, já que é o meio pelo qual se obtém apoio e orientação de espíritos considerados evoluídos e se enfrentam as maléficas influências dos espíritos “mal-intencionados”.⁸ (SANTOS, 2004)

A evolução do espírito, referenciada acima, é a concepção em que se funda o Espiritismo de Kardec. Dentro da lógica evolucionista, que era a base das principais teorias científicas do século XIX, a Terra é considerada um local de provação e a evolução espiritual ocorre à medida em que transpõe etapas por meio das reencarnações.

Essa evolução era entendida como de caráter progressivo, sem retrocessos, e o progresso conduziria à perfeição, cujo ritmo ficaria na dependência do uso que cada qual fizesse de seu livre-arbítrio ao longo das sucessivas existências. (...) A noção de avanço e superioridade, ao longo das escalas de evolução, era muito comum nas teorias [do século XXI] sobre a cultura e a sociedade; no Espiritismo, então, ela é fundamental. (SANTOS, 2004, p.12-13)

Para complementar o entendimento acima, é relevante apresentar a explicação da antropóloga Cavalcanti (2005):

Em seu longo percurso cósmico, os espíritos diferenciam-se por meio das sucessivas encarnações, produzindo “mérito” ou “culpa” com seus próprios atos. O carma ou a “lei da causalidade cósmica” é essa balança na qual nenhum fato significativo do ponto de vista moral se perde. Desse modo, cada espírito produziria o seu carma e, inexoravelmente, com ele se enfrentaria a cada nova encarnação. Todos, entretanto, rumam em direção evolutiva – um espírito não

⁸ Segundo os espíritas, a ação dos espíritos malévolos é chamada obsessão, que acarreta problemas físicos, mentais e de ordem pessoal. A “terapêutica” espírita utilizada para combater essa interferência, chama-se, “desobsessão”, e trata-se de um “convencimento de espíritos malévolos para que deix[em] de importunar suas vítimas” (SANTOS, 2004, p.27)

regride nunca (a loucura, por exemplo, seria um tempo de suspensão do carma e conseqüentemente da evolução, uma “dívida a ser saldada”). Contudo, a cada encarnação um espírito sofre como que um “apagamento” dessa memória cósmica. Desse modo, cada nova encarnação preserva um espaço de indeterminação decisivo para o exercício do livre-arbítrio relativo que define o espírito encarnado/ser humano. (CAVALCANTI, 2005, p.9)

São essas algumas das características da doutrina espírita. Não é a intenção abordar todos os aspectos do Espiritismo, pois vários deles surgirão e serão explicados ao longo da pesquisa. Alguns outros pontos da doutrina, de qualquer forma, serão tratados nos próximos itens.

4.2 – Espiritismo: Brasil

A Igreja Católica brasileira se deparou com uma situação nova a partir do momento em que o Espiritismo se introduziu no Brasil, em meados do século XIX. Acostumada com a concorrência de religiões que antes ficavam restritas aos escravos (tradições religiosas de origem africana) e aos imigrantes europeus (protestantes), estranhou uma doutrina que “encontrou acolhida na população branca, de classe dominante, nos mais poderosos centros políticos e administrativos do país (Salvador e Rio de Janeiro).” (SANTOS, 2004, p.16). A hierarquia católica encarou como uma ameaça as concepções espíritas que entraram no Brasil por meio de livros que circulavam, inicialmente, em restritos grupos da elite brasileira. A leitura e compra de tais livros eram privilégios de uma pequena parcela da população do país e tal número diminuía ainda mais quando imaginada a quantidade de pessoas que estavam abertas para o debate de novas idéias e novos autores. Tais setores da elite acabaram por aceitar o Espiritismo não só por estarem sempre atentos às tendências européias, mas também pelo fato da doutrina ser uma “proposta de uma religião racional, baseada em textos organizados sistematicamente e atenta às tendências do conhecimento da época”. (SANTOS, 2004, p.18).

Os primeiros grupos espíritas organizaram-se de maneira familiar, reunindo parentes e conhecidos para a discussão de textos e questões espíritas e para a realização de sessões em que se procurava comunicação com os espíritos. Esse tipo de associação permanece até o presente. Não raro, tais grupos se organizam em torno de uma liderança carismática, seja por suas habilidades dirigentes, seja por sua condição de médium, e, freqüentemente, por ambos os motivos. Essa é a origem mais corriqueira dos centros espíritas no Brasil. Essa organização a partir da base, que, desde o início, marcou o Espiritismo no país,

foi mais um contraponto ao catolicismo dominante, em cujo contexto social procurava se firmar. (SANTOS, 2004, p.20)

Santos (2004) supõe ter havido uma predisposição cultural para explicar o sucesso que o Espiritismo teve na época de sua introdução. A aceitação das concepções espíritas, como, por exemplo, sua proposição de possibilitar a comunicação com o mundo dos espíritos, por meio de suas seções mediúnicas, segundo o autor, pode ter ligação com as influências indígena e africana na formação do Brasil. Além disso, “o próprio catolicismo apresentava-se de forma heterogênea no país, com muito lugar para o inexplicável, o fenomenal, o milagroso, no que dizia respeito às almas” (SANTOS, 2004, p.19). Portanto, é nesse contexto cultural que deve ser entendido o crescimento do Espiritismo no Brasil. Tal processo, no entanto, não foi isento de conflitos e divergências, tanto externos quanto internos.

Externamente, o movimento espírita encontrou barreiras não só pelo predomínio da religião católica, com já explicitado anteriormente, mas, também, por diversos entraves que o próprio Estado impôs. Dificuldades essas que, de certo modo, ao longo da história brasileira, foram vivenciadas não só pelas organizações espíritas, mas por diversas outras formas associativas da sociedade civil.

Internamente, a questão que no início era mais controversa era a caracterização do Espiritismo como uma ciência ou como uma religião. Os adeptos da primeira proposta davam ênfase para as pesquisas de fenômenos espíritas e para as experimentações controladas. Já os que seguiam a tendência religiosa, tinham uma maior preocupação com o aperfeiçoamento moral alcançado por meio do recebimento de mensagens e instruções espirituais.

Não só pelo crescimento do número de adeptos, mas também por causa de tais disputas internas, diversos novos grupos espíritas foram sendo criados. Mesmo havendo essa proliferação, vale lembrar que, em um ambiente em que existia a hostilidade do dominante catolicismo, essas divergências internas serviam para enfraquecer o movimento espírita.

Quando os espíritas reconheceram essa fragilidade, foi proposta a criação de uma entidade que possuísse poder de ampla representação e que tivesse como princípio a filiação de todos os grupos e tendências espíritas, independentemente de discordâncias de concepções. Foi nesse contexto que surgiu a Federação Espírita Brasileira (FEB), em 1884, que, atualmente, tem como missão:

Promover o estudo, a prática e a difusão do Espiritismo, com base nas obras da Codificação de Allan Kardec e no Evangelho de Jesus; a prática da caridade espiritual, moral e material, dentro dos princípios espíritas; e a união solidária e a unificação do Movimento Espírita, colocando o Espiritismo ao alcance e a serviço de todos. (FEB, 2007c)

A perspectiva de unificação do movimento espírita se tornou, já naquela época, uma das questões cruciais e controversas que a FEB passaria a enfrentar ao longo de sua história. Uma das soluções encontradas e que o próprio nome da entidade já indica, é o modelo de representação baseado na lógica federativa. Essa foi a forma encontrada para tentar dar um direção unificada a um movimento formado por núcleos espíritas autônomos. (SANTOS, 2004).

4.3 – Espiritismo: sua(s) organização(ões) e a assistência social espírita

Sob a perspectiva organizacional, o Espiritismo é composto de diversos tipos de instituições, sendo o centro espírita “uma espécie de unidade elementar e lugar privilegiado para o ensinamento e a prática da doutrina” (GIUMBELLI, 1998, p.126). Na maioria dos casos, ele é juridicamente formado e se mantém por meio das atividades de um grupo de pessoas, adeptas ao Espiritismo. As tarefas de administração e as atividades religiosas (algumas de acesso público, outras mais restritas), são realizadas por essas mesmas pessoas, e podem ser, de forma simplificada, classificadas em três grupos⁹: (1) aquelas destinadas ao estudo, discussão e divulgação da doutrina e ao desenvolvimento da mediunidade, ou seja, as propriamente religiosas; (2) aquelas que compreendem práticas tais como “passes”, “desobsessão” e “operações”, destinadas à produção de efeitos moral-psicológico e físico, agrupadas no que se chama de assistência espiritual; (3) aquelas destinadas a certos indivíduos ou grupos de população que consistem em auxílios (dinheiro, alimentos, vestuário, remédios etc.), ou na manutenção de serviços (internatos para crianças ou idosos, creches, educação, saúde etc.), denominadas de assistência material. Os espíritas denominam como “obra social” aquele caso em que a assistência material adquiriu dimensões suficientes para a formação de organização autônoma. (GIUMBELLI, 1998)

⁹ Segundo Giumbelli (1998), nem todos os centros espíritas mantêm todos os tipos de atividades, além de existirem várias possibilidades, a partir das funções propriamente religiosas, em relação ao perfil geral da instituição. E da mesma forma, não se pode generalizar a sua composição, pois uma mesma reunião pode ter atividades de diferentes tipos.

Já as federações e as uniões espíritas, segundo Giumbelli (1998), são entidades que, nas esferas municipal, regional, estadual ou federal, têm como pretensão desempenhar um duplo papel em relação às demais organizações espíritas: (1) normatizar a doutrina, fornecendo orientações e recomendações para a garantia de certa uniformidade quanto à doutrina e às práticas; (2) representar institucionalmente, procurando assegurar legitimidade para a atuação como porta-vozes das demais instituições, no sentido de serem mediadoras entre o universo institucional do Espiritismo e a sociedade mais ampla. Parte significativa dos centros, instituições filantrópicas e outros tipos de entidades espíritas preferem a não vinculação a nenhuma federação, já que não existe nenhuma obrigatoriedade para tanto. Tal fato, “confere ao universo espírita uma peculiar fragmentação organizativa e justifica um discurso baseado na idéia de autonomia institucional, assumido pelas próprias federações.” (GIUMBELLI, 1998, p.128)

Portanto, essa é a estrutura que permeia as organizações envolvidas no presente trabalho. A Federação Espírita Brasileira (FEB), a União Espírita Mineira (UEM), a União da Mocidade Espírita de Uberaba (UMEU), o Conselho Regional Espírita da Zona Sul do Triângulo Mineiro (CRE), a Aliança Municipal Espírita (AME) de Uberaba, os centros e as obras espíritas compartilham essa mesma autonomia organizativa. O que as une é a mesma doutrina e as características peculiares que tornam essas instituições como pertencentes ao Terceiro Setor: privadas, sem fins lucrativos, auto-administradas, baseadas no trabalho voluntário e legalmente constituídas.

Além das características religiosas que congregam as organizações espíritas, um aspecto também é uma constante, como já mencionado anteriormente: as atividades e serviços de assistência social. A partir da aproximação inicial realizada na presente pesquisa, foi constatado que existe uma expressiva preocupação com essa característica. A própria palestra que se realizou em junho de 2006 na cidade de Uberlândia, citada anteriormente, teve como foco a apresentação do manual de apoio ao serviço de assistência e promoção social espírita (SILVEIRA, 2006), demonstrando, claramente, a atenção dada ao assunto. Além disso, o primeiro centro espírita abordado nesta pesquisa possui um departamento de assistência social que cuida das diversas atividades realizadas pelos trabalhadores do centro. São provas disso a sopa dos domingos e a distribuição de Natal, eventos descritos na Introdução, além daquelas atividades voltadas para as crianças, gestantes e outros grupos foco de atenção do centro.

Giumbelli (1998) afirma que boa parte das instituições espíritas hoje existentes datam de antes da década de 70, época esta em que ocorreu a “revolução associativa” (SALAMON, 1994), descrita, aqui neste trabalho, no item “Terceiro Setor: história”. Para o universo uberabense, pode-se afirmar que foram diversas organizações espíritas criadas antes dessa época, no entanto, o número das mesmas cresceu estrondosamente, conforme explanado anteriormente, a partir da década de sessenta, momento em que Chico Xavier se instalou na cidade. Portanto, infere-se que tal crescimento das organizações espíritas, para o caso específico de Uberaba, pode estar ligado não só ao “boom” associativo mencionado, mas também à presença do famoso médium mineiro. Da mesma forma, esse aumento vertiginoso de instituições espíritas significa, também, a intensificação das suas práticas assistenciais.

Para Giumbelli (1998), existem duas explicações para a acentuada ênfase na assistência social que é dada pelo universo espírita: uma religiosa e outra de legitimação. O adepto do Espiritismo justifica tal foco remetendo-se, direta ou indiretamente, à caridade, entendida como parte e consequência de um compromisso com a doutrina espírita. Para esta, conforme explicado anteriormente, a evolução espiritual, como a única forma de se chegar à perfeição, acontece a partir das decisões que cada espírito toma e dos méritos por ele conquistados. Toda essa lógica gira em torno de um conjunto de leis divinas, entre as quais, a considerada mais importante é a “lei da justiça, de amor e caridade”. “Portanto, a caridade representa, na doutrina espírita, algo cuja prática é decisiva para a evolução. Daí a expressão cunhada por Kardec e sempre lembrada pelos espíritas: ‘fora da caridade, não há salvação’” (GIUMBELLI, 1998, p.134)

A segunda explicação para a ênfase assistencial está na forma com a qual o Espiritismo buscou sua legitimação no Brasil. As instituições espíritas brasileiras possuem uma intensa atuação nesse âmbito, diferentemente do que se percebe no modo como atuam as organizações espíritas, por exemplo, na França, país onde se originou a doutrina. A fala do presidente do centro espírita francês entrevistado explica o contexto em seu país:

Aqui na França, existem as associações [não espíritas] que são organizadas para a doação de alimentos. Elas percorrem as ruas em busca de pessoas que precisam de cobertores, roupas e alimentos. São reconhecidas pelo governo. (...) Não temos de fazer esse trabalho, de lidar com esse tipo de miséria. O trabalho do centro lida com outro tipo de miséria. A miséria moral e psicológica. Hoje em dia, entre os jovens, existe um alto índice de suicídio, pouca crença, e bastante depressão. Então, o trabalho do centro é voltado para

o desenvolvimento dos valores morais e cuidar dessa miséria mais moral que física para comer.¹⁰

Tal fala aliada à afirmação anteriormente feita por esse mesmo entrevistado em relação à marginalização do Espiritismo na França, denotam que este não se encontra arraigado à sociedade francesa e muito menos houve o desenvolvimento acentuado de sua característica assistencial.

O fato de isto ter ocorrido no Brasil remete às formas pelas quais, em nosso país, o Espiritismo construiu sua identidade e sua legitimação sociais. Desde o início de sua introdução no Brasil, o Espiritismo enfrentou a oposição não apenas eclesial e religiosa – como era de se esperar – mas também a reação de vários agentes e instituições seculares, preocupados com as conseqüências e implicações de suas dimensões mais práticas e públicas, especialmente aquelas que incidiam sobre o campo da “saúde pública”. Diante disso, as instituições que reivindicavam representarem o universo espírita, com destaque para as federações, procurar[am] mostrar que essas dimensões práticas e públicas não tinham a pretensão de invadir outras esferas, mas expressavam um princípio religioso – a caridade. A caridade, assim afirmada, não serviu apenas para justificar práticas anteriores, mas para remodelar estas e criar outras, funcionando como uma espécie de emblema sob o qual o Espiritismo podia atuar no espaço público. O resultado foi um processo que envolveu concomitantemente uma reformulação permanente das formas pelas quais se expressava a caridade e uma negociação dos espaços legítimos para a sua prática. (GIUMBELLI, 1998, p.132)

O autor complementa que todo esse processo deu ao Espiritismo duas de suas principais características: (1) um notável grau de legitimação social, no qual existe o repasse de recursos públicos para suas instituições sem que se abra mão de seu estatuto religioso ou práticas terapêuticas são mantidas sem serem perturbadas pelos organismos de regulação da atividade médica; (2) uma inserção consolidada em alguns espaços públicos, desenvolvendo feições diferentes das religiões modernas, voltadas basicamente para o cultivo da intimidade, característica que o Espiritismo parece ter assumido em outros países. (GIUMBELLI, 1998)

Essas duas características se explicitam no caso de Uberaba. Silva (2002), ao discutir o fortalecimento do imaginário social em função de seus bens simbólicos, descreve o contexto uberabense na primeira metade do século XX, no qual predominava o imaginário religioso católico,

uma vez que, além do clero local contar com a presença da Diocese – seu maior simbólico – outros iam sendo criados através da abertura das várias instituições religiosas: colégios, congregações, obras assistenciais dos vicentinos, entre outras, constituindo-se um sistema de símbolos católicos. (SILVA, 2002, p.88).

¹⁰ Tradução nossa.

Segundo a autora, qualquer religião, no intuito de confrontar e concorrer com esse imaginário, necessitava de criar e eleger também os seus símbolos. Foi dessa forma que o movimento espírita de Uberaba se mobilizou, e, por meio do primeiro centro criado na cidade, em 1918, o Centro Espírita Uberabense, criou o Sanatório Espírita, em 1933, “apresentando à sociedade sua primeira instituição assistencial local, ou melhor, seu primeiro bem simbólico” (SILVA, 2002, p.88). Além dessa obra, na década de quarenta, foi construído, por iniciativa da União da Mocidade Espírita de Uberaba, o Lar Espírita. A visão crítica da autora em relação aos interesses que existiam frente ao estabelecimento dessas duas instituições assistenciais fica explícita no seguinte excerto:

Quanto à consolidação do movimento espírita na cidade, podemos inferir que a significativa aceitação dessa religião, demonstrou ter uma estreita relação com os interesses das elites locais em disciplinarizar o espaço urbano. Isto pois, não podemos esquecer que o *Sanatório* e o *Lar Espírita*, sendo instituições asilares, acolhiam os excluídos, mantendo o controle da sociedade a partir de dispositivos e de práticas disciplinares que silenciavam a violência, mantendo “loucos” pobres e crianças abandonadas sob estreita vigilância. Nessa perspectiva, não se pode deixar de apontar a cumplicidade do movimento espírita com os interesses daqueles que, privilegiadamente, dirigiam a política local. Assim, sob a capa do assistencialismo, escondiam-se processos de exclusão social. (SILVA, 2002, p.113)

São diversas as críticas que giram em torno do trabalho assistencial espírita. As que são mais freqüentes ligam-se a termos como “paternalismo” e “assistencialismo”. Giumbelli (1998) afirma que novas reflexões estão sendo feitas pelo próprio movimento espírita (algumas lideranças) em relação a seu serviço assistencial, que critica, ele mesmo, as formas dominantes e tradicionais (paternalistas e assistencialistas) assumidas pela assistência social nas organizações espíritas. De acordo com a pesquisa realizada por esse autor, foi diagnosticada uma tentativa de se construir uma proposta de aproximação entre o princípio da caridade e a categoria de cidadania, esta última apropriada de maneira particular pelo discurso espírita, abrange inclusive características como a generosidade e a solidariedade. De acordo com tal perspectiva, a assistência social teria como objetivo a transformação pessoal mais ampla, “que estaria vinculada a um compromisso de construção de uma sociedade mais justa e igualitária e que, no limite, prescindiria da dimensão propriamente doutrinária”. (GIUMBELLI, 1998, p.139).

Nesse sentido, altera-se o entendimento em relação à pobreza, fazendo com que esta perca a conotação de expiação ou provação e passe a ser encarada como um problema humano explicado por relações sociais baseadas no “sentimento de egoísmo”

e pelo “desejo de exploração”. Desvincula-se, então, a caridade da “esmola”, ao considerá-la como a construção de uma relação fundamentada na idéia de direito, e não mais baseada na simples transferência de bens. Dessa forma, justifica-se o repensar do serviço assistencial espírita que está acontecendo por parte de alguns intelectuais do movimento espírita que “pretendem continuar fiéis às obras fundamentais do Espiritismo, estabelecendo um debate sobre a maneira mais adequada ou produtiva de interpretá-las.” (GIUMBELLI, 1998, p.141)

Essa perspectiva foi a apresentada na citada palestra de apresentação do Manual de Apoio da Assistência e Promoção Social Espírita (SILVEIRA, 2006), em que o acréscimo da palavra “promoção” já denota a intenção de se mudar a forma como é encarado o serviço assistencial. Segundo conceito apresentado nesse manual, a

Assistência e Promoção Social Espírita é, portanto, o exercício da caridade em todos os momentos; é a assistência material realizada sem paternalismos ou acordos; (...) é o esclarecimento quanto à valorização da vida corpórea e da oportunidade de aprendizado que a reencarnação proporciona. (SILVEIRA, 2006, p.31).

O sentido daquilo que é entendido como promoção é assim explicado:

Promover o ser humano é, acima de tudo, oferecer-lhe condições para superar a situação de penúria sócio-econômica-moral-espiritual em que se encontra. Na mais ampla acepção da palavra, promoção é auxílio para que o homem ultrapasse as suas limitações, reconhecendo que essas limitações, embora sejam características da sua atual personalidade, são transitórias em sua individualidade espiritual: nenhum ser foi criado para o mal ou para os infortúnios eternos. (SILVEIRA, 2006, p.30)

A opinião de representantes da Aliança Municipal Espírita de Uberaba frente a essas propostas se mostra bastante relevante para o contexto da presente pesquisa. Em entrevista realizada com três representantes dessa entidade, percebeu-se uma postura diferente da apresentada pelas federativas estadual e federal. Os próprios entrevistados declararam ser o movimento espírita da região abrangida pelo Conselho Regional Espírita do Sul do Triângulo Mineiro (Uberaba mais cerca de vinte cidades próximas) diferenciado em relação a qualquer outro lugar do Brasil. Tal característica se deve à presença de Chico Xavier, considerado pelos representantes da AME Uberaba como uma influência marcante. Segundo esses mesmos entrevistados, essa diferenciação é reconhecida pelas pessoas externas ao movimento espírita uberabense e está ligada à forma como é organizado o trabalho assistencial espírita na região, ou melhor, na maneira como ele não é “organizado”, sendo priorizado, e afirmado veementemente, o seu caráter “espontâneo”.

Pois é, aí vai surgir a primeira diferença entre nós e a federativa do estado e da nação. Nós preferimos, embora alguns centros possam adotar, porque são livres, nós preferimos a denominação de "assistência fraterna". Assistência fraterna e não assistência e promoção social, nós sabemos que vai cair quase que tudo no mesmo lugar, mas a gente prefere assistência fraterna, porque o próprio nome faz com que a gente, além de ficar mais humilde para fazer o trabalho, a gente não humilha aquele que recebe. Então a gente prefere assistência fraterna. Agora promoção perante a assistência fraterna, ela vai decorrer em consequência da vida e daquilo que cada pessoa armazenar. Eu posso ir para lá na periferia, dar excelentes cursos, mas se a pessoa não quiser, eu posso dar cesta básica e dá o ensinamento, mas se a pessoa não quiser absorver e modificar, não adianta. Então a gente trabalha muito na espontaneidade. (...) Chico foi o exemplo da espontaneidade no movimento espírita. Quantas vezes as pessoas falavam: "Chico, o fulano passou duas vezes na fila". "Não, meu filho, está treinando para ser pedinte na próxima prova", ou dizia, "o que é que tem, meu filho?". Porque a gente às vezes julga muito o outro: "nossa, mas este aqui vai levar duas cestas!" Mas a gente que tem comida em casa, tem onde tomar banho, onde dormir, tem sua roupa agasalhadinha, não é? Todo dia você tem e eles não, eles só eventualmente, então o que é que tem pegar? Tem gente que fala "ele está de carro, de carroça, está levando para vender na periferia". "Tem gente que ganha dinheiro nas costas dos espíritas!". Mas é lógico que deve existir uma pequena parcela, mínima, de pessoas, como em todo lugar, que não procedem bem, mas isso (...) não é o nosso problema, é problema deles, porque a gente quer atender. A gente quer fazer no natal uma ceia, por que eles não podem ter uma coisa a mais? Por que só nos podemos ter? Não pode ter lá um macarrãozinho, não pode ter lá um frango, não pode ter um refrigerante? Tem que ser na penúria? (REPRESENTANTE A-AME)

Fica clara a importância de Chico Xavier para Uberaba. Nesse sentido, faz-se necessário conhecer um pouco mais sobre a história desse ícone e seu envolvimento com a cidade do Triângulo Mineiro. No capítulo a seguir serão expostos alguns aspectos relativos ao médium e sua influência em Uberaba.

5 – CHICO XAVIER, UBERABA E A ESPONTANEIDADE

Francisco Cândido Xavier nasceu em Pedro Leopoldo, Minas Gerais, em 1910 e faleceu em Uberaba, em 2002, sendo as duas as únicas cidades em que fixou residência. Sua infância foi marcada por muitas dificuldades, como, por exemplo, a morte prematura da mãe. A manifestação de sua mediunidade aconteceu enquanto ainda era criança e foi encarada, inicialmente, sob a perspectiva que predominava na cidade: a católica. Enfrentada como “coisa do diabo”, Chico foi obrigado a seguir os preceitos que a Igreja tinha para lidar com a mediunidade: reprimir e inibir a manifestação, por meio de castigos corporais, muita oração e penitência. Sua conversão para o Espiritismo se deu aos dezessete anos, quando sua irmã foi submetida a uma sessão espírita de oração e passe para tratar os seus “acessos de loucura”. Em seguida, foi introduzido à obra de Kardec, acontecendo, então, sua cisão com o Catolicismo. (SOUTO MAIOR, 2003; STOLL, 2002, 2004)

Ao longo de sua vida, Chico Xavier dedicou-se intensamente às atividades mediúnicas, contando, para tanto, com a assistência, segundo ele próprio, de três espíritos principais:

Emmanuel, seu pai espiritual, que teria sido em sua última encarnação o padre Manuel da Nóbrega (1517-1570); André Luiz, que para muitas pessoas do movimento é o espírito do sanitarista Oswaldo Cruz (1872-1917); e Bezerra de Menezes. Os nomes de Emmanuel e André Luiz aparecem freqüentemente relacionados às obras publicadas pelo médium. Já Bezerra de Menezes estaria associado às prescrições homeopáticas em suas atividades de médium receitista. Inúmeros outros espíritos também estão associados às atividades mediúnicas de Francisco Xavier. (SANTOS, 2004, p.85)

Sua mediunidade rendeu centenas de livros psicografados, milhões deles vendidos no Brasil e no mundo afora, e cuja renda de direitos autorais era revertida para as obras sociais apoiadas por Chico Xavier. A notoriedade de suas atividades atraiu o foco das atenções públicas para Uberaba, no momento em que o médium se mudou para a cidade, em 1959. Como já mencionado, o número de centros espíritas em Uberaba aumentou vertiginosamente depois da chegada de Chico na cidade (vide Mapa 1, Apêndice C):

Você vai ver no decorrer do seu trabalho que o Chico Xavier deu um impulso maior no aumento dos centros, quando ele chegou aqui era um número, depois quadruplicou. (REPRESENTANTE A-AME)

Em pesquisa cujo objetivo era compreender a construção e a consolidação do imaginário que eleva Uberaba à condição de “Capital do Espiritismo”, Silva (2002) percebeu que a presença de Francisco Cândido Xavier teve enorme influência nessa consolidação. A autora faz uma comparação do número de espíritas kardecistas que se declaravam como tal para o levantamento realizado pelo ISER – Instituto Superior de Estudos da Religião. Segundo tais dados, em início dos anos 90, somente 3% dos brasileiros se declaravam espíritas kardecistas, sendo que, nessa época, em Uberaba esse índice era quatro vezes maior, visto que o percentual de fiéis que professavam a crença espírita era de 12,28%.

De acordo com as explicações populares, a justificativa para esse número elevado de adeptos deve-se à presença do médium Francisco Cândido Xavier. Em relação a Chico Xavier, vale ressaltar que em Uberaba, este desempenhou, por vários anos a função de médium receitista e psicógrafo e, por isso, recebeu caravanas de peregrinos vindos de lugares diversos tanto para conhecê-lo, quanto para receber dele “receitas” ou “mensagens psicografadas”. Segundo os noticiários divulgados pela imprensa, graças à presença deste médium, esta cidade transformou-se na “Meca” do Espiritismo brasileiro. (SILVA, 2002, p.4).

Analogia não foi apenas feita com a cidade de peregrinação dos mulçumanos. “Vaticano do Espiritismo” foi outro termo cunhado para caracterizar o que Uberaba se tornou. (SANTOS, 2004; SOUTO MAIOR, 2003; STOLL, 2002). Segundo Souto Maior (2003), Uberaba mudou em função do movimento em torno de Chico, que tinha uma escala quase industrial.

A rodoviária virou um inferno nos fins de semana. Os visitantes mais pobres chegavam em busca de Francisco Cândido Xavier e encontravam, na beira do ônibus, ao desembarcar, curandeiros de terreiros de macumba, prostitutas e agentes de hotéis e pensões, todos dispostos a faturar. Um mundo nada evangélico pegava carona no fenômeno. (SOUTO MAIOR, 2003, p.211)

Outras conseqüências dos trabalhos assistenciais realizados por Chico também são apontadas pelo autor:

Pobres de cidades vizinhas chegavam a Uberaba e ficavam por ali mesmo. Afinal de contas, os centros espíritas também distribuíam sopa todo dia ou toda semana e ainda providenciavam atendimento médico e dentário gratuitos. Chico nem respondia a quem o acusava de atrair miseráveis à cidade. Fazia caridade a qualquer preço. (SOUTO MAIOR, 2003, p.175)

Percebem-se, portanto, as críticas aos trabalhos assistenciais realizados por Chico Xavier. Existiam inclusive acusações de que o médium era um demagogo que se aproveitava da miséria alheia em prol da divulgação da doutrina. Outra crítica era que as doações eram apenas paliativos que remediavam o problema. Chico, ao longo do tempo,

foi criando argumentos eficientes com os quais enfrentava os ataques. Um deles era: “Se uma casa está pegando fogo, devo enfrentar o incêndio com alguns baldes de água antes da chegada dos bombeiros ou devo cruzar os braços?”. Outro, emprestado de madre Teresa de Calcutá, era a resposta para a questão entre dar o peixe ou ensinar a pescar: “Muita gente não tem nem força para segurar a vara”. (SOUTO MAIOR, 2003)

Apesar das diversas críticas, a fama de Chico fez com que ele recebesse diversos títulos de cidadania concedidos por diversas cidades brasileiras. Em Uberaba, tal título foi concedido em 1968, fruto de um projeto originado na Câmara Municipal.

O discurso que justificou a concessão desse título foi apresentado como um reconhecimento e um agradecimento conjunto – da classe política, empresarial e do movimento espírita – devido ao fato do médium representar uma presença tão valiosa e prestimosa para a cidade. (SILVA, 2002, p.163)

A fama do médium pode também ser explicada pela caracterização que Lewgoy (2004b) faz sobre o perfil de Chico Xavier:

O ideal espírita de homem público modelar, encarnado pelo exemplo de Chico Xavier, combina dois desses paradigmas culturais [fazendo referência às formulações de Roberto da Matta], o Caxias, o cidadão obediente e honesto, disciplinado, cumpridor de horários, seguidor de normas, igualitário e legalista e o “Renunciante” ou seja, aquele que se pauta pelos princípios do “outro mundo”, que combina renúncia e caridade cristã. A pessoa projetada em sua biografia insere-se num campo de possibilidades muito específico, sem autonomia ou individualização como sujeito moral. Sua margem de escolhas aloja-se entre regulamentos divinos e uma história cármica, que o conforma a imperativos anteriores ao nascimento e, mais tarde, ao predomínio de uma “missão”, descartando a própria possibilidade de realizar “opções”. Sua única saída é conscientizar-se da teia hierárquica em que está envolvido, resgatando suas dívidas cármicas através do “trabalho”. (LEWGOY, 2004b, p.62)

Lewgoy (2004a) não se restringe a denominar como “modelo” apenas a pessoa de Chico Xavier. Para o antropólogo, criou-se em torno da figura do médium um modelo de Espiritismo, o que é explicitado no quadro a seguir, em que se faz um contraponto entre Allan Kardec e Chico Xavier:

Modelo de Allan Kardec	Modelo de Chico Xavier
Racionalismo. Oposição ostensiva à Igreja Católica. Desimportância do médium. Espírito crítico mais importante do que a piedade.	Ênfase na “mediunidade com Jesus” – uma proposta sincrética. Suma importância do médium. Oposição mais branda à Igreja Católica, mas absorvendo muito de seu <i>ethos</i> e crenças.
Espíritos mentores giram entre pessoas comuns (identificação diluída ou subindivíduos) e espíritos históricos, ligados a uma herança cristã e clássica e alguns da nacionalidade francesa: Fénelon, Sócrates, Santo Agostinho, São Luís. Os espíritos signatários da doutrina são identificados entre clássicos, santos ou então anônimos, mas ainda assim pertencentes à classe de superindivíduos portadores de uma “nobreza espiritual” ou “superiores” na escala espírita.	Intervém os registros da mito-história nacional e de personagens do cotidiano. Há espíritos ligados à cristandade heróica dos primeiros tempos, à nação brasileira, ao mundo da literatura e à piedade espírita. Emmanuel/Manoel da Nóbrega, André Luiz/Estácio de Sá/Oswaldo Cruz, Meimei e os Literatos são exemplos típicos. Os espíritos são identificados, ou seja, sua identidade histórica predomina. Há preocupação com as provas da relação entre o espírito e o personagem histórico em vida, seja ele um herói nacional seja ele um cidadão comum. Quando são mentores, o nome espiritual é preponderante.
As redações da codificação são conjuntas mas há muitas mensagens assinadas que ocupam um lugar de destaque.	Os livros não têm autores anônimos, as mensagens são sempre assinadas pelos autores espirituais.
Sistema da dívida: abolição da graça e ênfase exclusiva no mérito. Racionalismo moral abstrato. Justiça cármica assentada na inflexibilidade da lei de causa/efeito. Ênfase na reforma íntima. A caridade é mais reflexiva.	Sistema da dádiva convivendo com o sistema da dívida cármica, múltiplas situações em que um engloba o outro. Reingresso do circuito da intercessão e da graça, uma característica da espiritualidade católica. Ou seja, conjuga-se graça e carma, dívida e perdão. Ênfase na caridade material tendo em vista simultaneamente a evolução espiritual e a graça.
Ênfase superlativa no estudo e na razão. Igualitarismo, cultura científica e ideologia do mérito como fator de evolução espiritual.	O estudo está subordinado ao culto e à piedade, como no culto do Evangelho no lar. Crítica ao intelectualismo. Piedade prática como tão ou mais importante do que a racionalidade. Enorme destaque ao papel condutor e relacional da mãe: <i>ethos</i> hierárquico e relacional associado ao papel dos “espíritos missionários”.
A unidade de trabalho é o centro espírita.	A unidade de trabalho está dividida entre o centro espírita e o lar, onde se pratica o culto do Evangelho no lar.
Kardec é compilador. Seleciona mensagens de acordo com preceitos metodológicos inspirados em princípios racionalistas. Não há subordinação pessoal imediata a um comando espiritual mas uma subordinação mediata através da interpretação humana da doutrina espírita.	A atuação de Chico é completamente comandada pelo “Plano Espiritual”, sob supervisão de Emmanuel e sua “falange”. A relação com o plano espiritual é de dependência imediata e de subordinação hierárquica. O serviço mediúnico, designado de “mediunato” tem o serviço militar e público como modelos.
Kardec funciona como um <i>ethos</i> burguês de honradez e como um ideal cientificista de probidade e neutralidade. A confiabilidade de suas afirmações é garantida, de um lado, pelo método que diz seguir e, de outro, pelo teor moral intrínseco das mensagens.	É o carisma de Chico, conferido por sua santidade e relação privilegiada com o mundo dos espíritos que funciona como penhor de sua probidade. É exemplo de sacrifício e renúncia originais no sistema espírita. A revelação está acima da razão.
Ainda que originado no racionalismo iluminista francês, há um universalismo na proposta religiosa.	Ligado à construção da nacionalidade, suas referências têm forte ênfase na história do Brasil.

Quadro 06: Modelos de espiritismo

Fonte: LEWGOY, 2004a, p.72-73.

O “modelo de Chico Xavier” é explicitado, também pelos dizeres do Representante CEU-02:

A palavra do Chico. O Chico realmente é um ícone no Espiritismo, um referencial. E tem um Espiritismo antes do Chico e depois do Chico. E as nossas atividades tem realmente uma grande influência do Chico, porque ele foi um dos discípulos de Jesus da atualidade que mais representou a vontade de Jesus. Ele foi um daqueles que não só falou, ele não ficou atrás de gabinete, só psicografando, punha a mão na massa da mesma forma que Jesus. Então essa nossa atividade, por exemplo, eu tenho uma saudade muito grande do Chico...

Um dos representantes da AME Uberaba, que expõe sua opinião sobre o manual de apoio à assistência e promoção social espírita, preparado pelas federativas nacional e estadual, diz o seguinte sobre o fato de Uberaba ter um movimento espírita diferenciado:

Existem as pessoas que aceitam e as que criticam. Porque o que ocorre em outros [lugares] – respeitando-se a liberdade de ação – é o tecnicismo. E o que a gente prefere é o “fraternismo”. É o aspecto fraterno. Então, nós estamos com Chico e não abrimos. Respeitamos... acho maravilhoso o trabalho da Federação, da UEM, dos outros companheiros de Uberlândia (...) porque cada um tem a sua característica. Mas aqui tem essa característica (...) pela espontaneidade com que o Chico realizou todas as tarefas (...) de assistência fraterna. (...) Ele não chegava com a cesta, antes ele chegava com o Evangelho, que é a novidade mais importante para todo o espírito. É ele se iluminar. Depois que a gente ilumina, você pode comer um pão de manhã cedo, a janta só uma vez por dia ou só o almoço, e você suporta. Mas se você tem revolta dentro de você, se você tem orgulho, em qualquer classe social, isso vai atrapalhar. Agora educando esta parte, a gente vai longe. Por isso que nós falamos que estamos com Chico e não abrimos. (REPRESENTANTE A-AME)

Em resumo, o “modelo de Chico”, adotado em Uberaba, seria o “fraternismo”, que faz contraponto com o “tecnicismo” difundido pela FEB, UEM e outras entidades espíritas.

A nossa assistência fraterna com a presença do Chico, ela ganhou uma conotação muito diferente, de respeito e de real compreensão. Quando você entrega alguma coisa para alguém você não entrega pensando que ele está necessitado e está na última escala de necessidade não, você procura entregar como se fosse levar para um irmão. (REPRESENTANTE A-AME)

Segundo os representantes da AME Uberaba, Chico Xavier não só trouxe a novidade do Culto do Evangelho no Lar, mas as demais atividades assistenciais (“fraternas”):

Foi o Chico quem trouxe a sopa também, não é? (REPRESENTANTE C-AME)

Todos os trabalhos fraternos, que nós lembramos, lá no [Centro Espírita] Batuíra, não tinha, era estudo. Antes de 1959 não tinha, eu não lembro.

(REPRESENTANTE A-AME)

Até os outros segmentos religiosos aprenderam com o Chico, antes a gente não via isso na Igreja Católica, os protestantes, não faziam isso. Hoje a gente sabe que eles têm cesta básica, cursos profissionalizantes, logo surgiram as pastorais. Eu acredito, não, eu tenho certeza que foi com o Chico.
(REPRESENTANTE B-AME)

Ainda complementam dizendo que foi Chico Xavier quem atraiu o progresso para Uberaba, que sofreu transformações não só econômicas, mas também comportamentais, como relata outro entrevistado:

E realmente se Uberaba tem tantas casas fraternas, Uberaba é uma cidade muito fraterna, muito espiritualizada. Se você olhar aí no dia a dia, nos domingos há, podemos dizer, “uma disputa de casas servindo”, entre aspas. Mas graças ao exemplo que o Chico deixou. A gente fala saudade, mas a gente entende que o Chico está muito mais presente hoje. (REPRESENTANTE CEU-02)

A presença de Chico Xavier, hoje, evidencia-se não apenas pelas obras que ele deixou e pelo exemplo de espontaneidade acima exposto. O médium também deixou como “herança” uma linguagem/discurso que foi incorporado pelos espíritas uberabenses. Segundo Souto Maior (2003), pela vigilância constante de seu guia espiritual Emmanuel, Chico construiu um discurso sob medida, tornando-se, assim, um mestre em eufemismos, pois acreditava na frase “o mal é o que sai da boca do homem”:

No seu mundo, não havia prostitutas, mas “irmãs vinculadas ao comércio das forças sexuais”. Os presos eram “educandos”, os empregados eram “auxiliares”, os pobres eram “os mais necessitados”, os mongolóides eram “nossos irmãos com sofrimento mental”, os adversários eram “nossos amigos estimulantes” e os maus eram os “ainda não bons”. Ninguém fazia anos e sim “janeiros” ou “primaveras”. Os filhos de mães solteiras deveriam ser encarados como filhos de pais ausentes. (SOUTO MAIOR, 2003, p.108)

O discurso sob medida de Chico Xavier foi reproduzido por diversas vezes ao longo das entrevistas realizadas na presente pesquisa. Um dos entrevistados incorporou um dos eufemismos: “Bom, eu comecei com o movimento espírita em 1971, já a trinta e poucas primaveras atrás.” (REPRESENTANTE A-CEU-01). Outro lembra expressões utilizadas por Chico:

Quando as pessoas nos hospedam, normalmente, a gente ganha hospedagem. A gente lembra do Chico, ele dizia assim: “Vocês vão hospedar corações.” Tão bonito, não é? Eu acho isso muito importante. Quando a gente recebe um companheiro espírita para hospedar, nós estamos hospedando corações.
(REPRESENTANTE A-AME)

As respostas às críticas que o médium recebia também são reproduzidas na atualidade:

(...) quantas vezes as pessoas falavam: "Chico o fulano passou duas vezes na fila". "Não, meu filho, está treinando para ser pedinte na próxima prova", ou dizia, "o que é que tem, meu filho?". (REPRESENTANTE A-AME)

O mesmo entrevistado que acima falou em “Espiritismo antes e depois do Chico” (curiosamente, “A.C.” e “D.C.”), também reproduz algumas falas do médium, entendendo-as como ensinamentos que ele deixou, assim como Jesus o fez:

Tem até uma parte muito interessante, que a gente entende porque ele fala isso. Perguntaram para ele, o que era mais difícil? Perguntaram para ele o que ele mais gostava de fazer? “Chico qual o seu hobby, o que você mais gosta de fazer?” E ele respondeu: “Ah, meu filho, o que eu mais gosto de fazer é a caridade”. Quer dizer, tudo que Jesus fazia. Perguntaram para ele em outra ocasião: O que ele achava mais difícil. “O que é mais difícil para você?” Ele respondeu: “Eu acho mais difícil é eu tentar ser o que as pessoas pensam que eu sou.”. Eu acho que ali ele deixou nas entrelinhas, um ensinamento para as pessoas, para o movimento, para os espíritas, porque da mesma forma que Jesus teve como discípulos pessoas comuns: é um pescador rabugento, o Pedro, era o outro que duvidava, era o outro que traiu. Então são pessoas comuns. Então naquela questão, eu não acredito que ele tivesse imperfeição, o Chico, mas ele queria dizer que nós não devemos cobrar perfeição, devemos buscar perfeição. Parece que ele era como Jesus, ele não gostava de perder chance de deixar um bom ensinamento. (REPRESENTANTE CEU-02)

Aparentemente, Chico tentou deixar um ensinamento para os espíritas, ao dizer para aqueles que o consideravam um ser perfeito, que ele era, na verdade, “Cisco Xavier”, como ele costumava se denominar. Tentar ser aquilo que as pessoas pensavam (ainda pensam) que ele era, Chico considerava sua tarefa mais árdua. É exatamente nesse ponto que surge uma crítica severa ao movimento espírita em Uberaba: a idolatria a um ícone. Foi mencionada em forma de uma advertência feita por um dos entrevistados:

Existe uma oposição muito grave a tudo isso, séria, uma oposição real, que está localizada na cidade de São José do Rio Preto. (...) A AME não comenta isso, mas existe uma briga ferrenha, uma briga, no plano mental e no plano jornalístico, terrível, (...) porque eles nos chamam de “Chiquistas”. E eu faço muitas advertências no centro. A minha fé é muito raciocinada, porque aqui em Uberaba, eles têm tendências a idolatrar o Chico. A AME então! (...) São meus companheiros de doutrina, mas a Aliança Municipal Espírita, (...) você deve ter sentido isso, SÃO CHIQUISTAS AO EXTREMO [grifo do entrevistado]. E o próprio Alan Kardec, fala o tempo todo na NÃO IDOLATRIA, nós não podemos idolatrar ninguém. Nós amamos Deus, causa primária de todas as coisas. Nós temos Jesus, nosso maior modelo, o espírito mais sábio que veio à Terra até o presente momento e temos todos os bons espíritos ou mensageiros do plano espiritual que seriam os grandes avatares. Mas nós não idolatramos ninguém, nós não idolatramos santos, nós não temos imagens de santos. (...) Nós não temos idolatria. E aqui em Uberaba se idolatra Chico Xavier, coloca-se ele como um santo. E ele mesmo falava que era um homem cheio de defeitos, ele mesmo falava, não obstante todas as qualidades dele. (REPRESENTANTE A-CEU-07)

Explicou, ainda, que a discussão surgiu há uns dez anos quando foi publicada uma crítica em um jornal espírita de São José do Rio Preto, fazendo uma advertência aos espíritas de Uberaba por essa tendência de idolatria. Os espíritas uberabenses ficaram indignados e responderam, por meio, também, dos jornais espíritas. Deu-se início, assim, ao atrito, que é velado, mas é real: não vai palestrante de Uberaba para São José do Rio Preto e vice-versa, ou seja, não há nenhum tipo de intercâmbio. “É como se fossem dois Espiritismos diferentes” (REPRESENTANTE A-CEU-07).

Eu diria que o Espiritismo de Uberaba é Chiquista. E nós amamos o Chico Xavier, você está entendendo, não estamos tirando o mérito dele. Mas não podemos permitir, porque se surgir um outro Chico Xavier, nós vamos idolatrar o outro, e vamos idolatrar o outro, e vamos idolatrar o outro? (REPRESENTANTE A-CEU-07)

E tem outra coisa, a partir do momento que eu começo a idolatrar um outro, eu impeço que outras pessoas surjam, enquanto aquela idéia estiver reinante, de desenvolver o seu trabalho. Porque se essa outra pessoa tenha os mesmos valores ou semelhantes ao do Chico não vai ser bem visto. Porque vai ser tratado por esse grupo como concorrente do Chico, dizendo o seguinte: ele quer ser mais que o Chico e isso a gente já escutou. (REPRESENTANTE B-CEU-07)

Além dessa censura severa à idolatria a Chico, outra crítica que é feita, ligada, também, às “heranças” deixadas pelo médium, relaciona-se à dificuldade do movimento espírita uberabense em aceitar a modernização.

Nós não somos contra a modernização, eu principalmente. Muitos espíritas aqui em Uberaba são tradicionalistas, são meios arcaicos, Uberaba tem um Espiritismo meio obsoleto. (REPRESENTANTE A-CEU-07)

Esse mesmo entrevistado comenta que um centro espírita em Uberaba resolveu colocar ar condicionado e data show, na tentativa de modernizar e criar um ambiente mais agradável para os freqüentadores. Tal centro, junto com sua iniciativa, não só foram criticados, como também isolados, “ninguém queria se relacionar com o pessoal de lá” (REPRESENTANTE B-CEU-07).

Essa postura avessa à modernização pode ser explicada pela seguinte colocação:

Então estamos aqui porque nós procuramos sempre ser autêntico e viver na simplicidade, porque o Chico já falava que a beleza está na simplicidade. Se você começar a criar isso, a criar aquilo outro, você acaba sofisticando. Aí foge do princípio da doutrina: “fora da caridade não há salvação”. Aí o pessoal mais humilde começa a afastar, não vem. (REPRESENTANTE CEU-05)

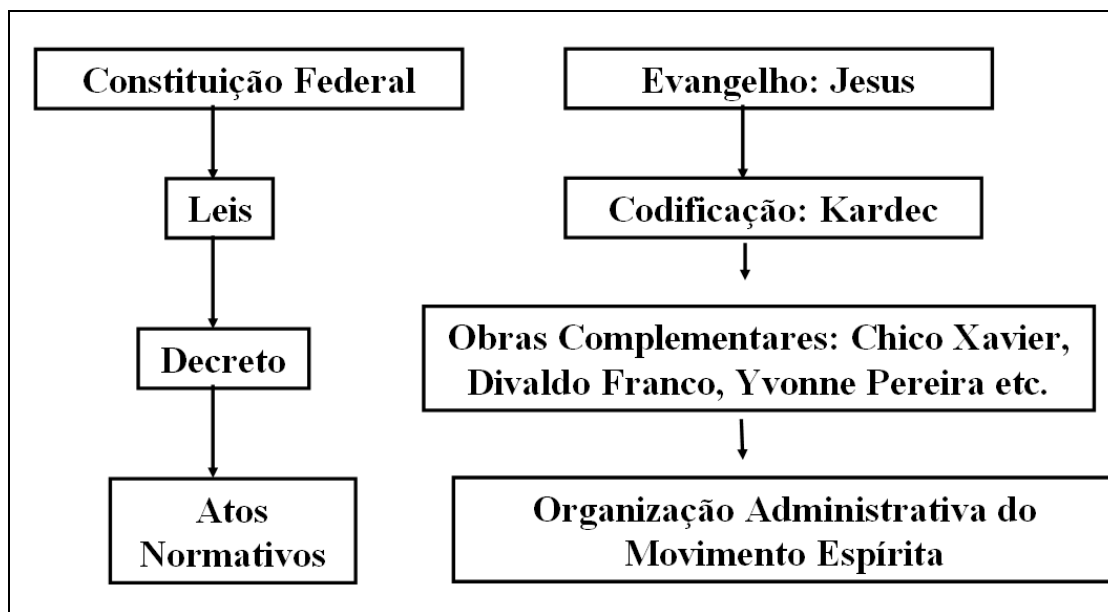
De acordo com esse mesmo entrevistado, o movimento espírita em Uberaba, e a forma pela qual ele atua, é orientado por Chico Xavier. Ele acrescenta: “nós somos Jesus, Kardec e Chico”. Ao seguir os três,

you não tem possibilidade de errar, porque o Chico nos trouxe grandes ensinamentos, grandes orientações para o Espiritismo mundial, que é conhecido não é só aqui não. Então o Chico nos orientou e nós seguimos a orientação do Chico. Ele deixou mais de quatrocentas obras, acho que no mundo não tem outro escritor que já tenha publicado isso. Mas te dou liberdade de você perguntar quem quiser, aonde for, não tem nenhuma obra, das quatrocentas e tantas obras, polêmica. Porque o caminho, a orientação dele é Jesus e Kardec. Então a gente tem a certeza e a convicção que nós estamos no caminho certo. Existem as outras obras de outros escritores também bons, mas eles também vão buscar nestas fontes. (REPRESENTANTE CEU-05)

As obras de Chico Xavier, também chamadas de obras complementares, ou subsidiárias, foram mencionadas por diversas vezes nos vários contatos feitos com os espíritas não só de Uberaba, como de outros lugares. A referência que se tem, portanto, em Chico Xavier não se resume ao(s) modelo(s), acima mencionados, que ele representa. As obras psicografadas por ele têm uma enorme influência na forma como o Espiritismo se desenvolveu no Brasil, e mais forte ainda é tal impacto em Uberaba, como se percebe pelas falas dos diversos entrevistados. O Representante da FEB, no entanto, faz uma ressalva:

Então nós vamos encontrar as obras complementares que funcionam como decretos que vão detalhar as aplicações das leis divinas, principalmente de Emmanuel e André Luiz, que foram passadas pelo médium Chico Xavier. Então nós vamos ver que os decretos, quando vêm detalhar as leis, eles não podem ir contra a lei, ir além da lei. E se a lei tem sintonia com a constituição e é constitucional, se o decreto guarda sintonia com essa lei, o decreto também será constitucional, será também um decreto legal. (REPRESENTANTE A-FEB)

E ainda complementa dizendo que por mais que as obras de Chico Xavier sejam excelentes, nunca se pode falar que não é mais necessário o Evangelho de Jesus. Ele resume da seguinte forma como deve ser a “hierarquia” que existe tanto para as leis humanas quanto para as leis divinas (para o Espiritismo), no que ele denominou como “Esquema Comparativo Jurídico-Doutrinário” (Quadro 07):



Quadro 07: Esquema Comparativo Jurídico-Doutrinário

Fonte: Apresentação PowerPoint, utilizada na palestra do Representante A-FEB

Segundo esse mesmo Representante da FEB, em 2002, quando Chico faleceu, chegou-se à conclusão de que seria um marco de uma nova fase para o movimento espírita, ou seja, já se tinha orientação demais do plano espiritual: “Chega! Agora é colocá-las na prática.”, exclamou. Esse é um dos motivos pelos quais houve a iniciativa da FEB de se desenvolver o manual de assistência e promoção social e dos demais trabalhos da entidade voltados para auxiliar os centros espíritas no “colocar em prática”. Ainda dá um exemplo de como nas obras psicografadas por Chico encontra-se orientação suficiente para se entender a forma como os centros espíritas devem ser organizados. A fala a seguir foi a resposta dada por esse representante a uma crítica comum feita às ações da FEB e de outras federativas, a de que eles estão tentando burocratizar demais os centros espíritas:

Agora, se você pega o Nosso Lar, você destrincha a organização da cidade espiritual toda. E vai falar de burocracia lá, quer dizer, a burocracia virou um nome que a gente dá à nossa incapacidade de compreender uma estrutura organizada. Você pega o Nosso Lar, você vê uma coordenadoria, você vê ministérios, você vê os setores. Não é todo mundo fazendo uma idéia muito bucólica do plano espiritual do Nosso Lar. Aí você pega o Nosso Lar, é uma metrópole, é uma São Paulo sem poluição, há gente correndo, trabalhando, pessoa ocupadas, com pilhas de coisas, pessoas com tempo reduzido. André ia conversar com uma pessoa e “oh, é tempo rápido, jogo rápido”. Ele não queria ficar lá... à disposição. Quer dizer, se no plano espiritual, se no Nosso Lar, que é uma cidade de padrão muito complexo é assim, a gente que está aqui na Terra se esforçando vai ter um estilo de vida menos complexo? Ninguém está inventando. Assim como a lei humana está copiando imperfeitamente a lei divina, nós aqui na Terra estamos tentando copiar a estruturação divina. (REPRESENTANTE A-FEB)

Para o livro ao qual o Representante da FEB se refere foi feita uma análise semelhante pelo antropólogo Lewgoy (2004b):

“*Nosso Lar*, ‘ditado’ a Chico Xavier em 1944 pelo espírito de André Luiz, é um dos principais do espiritismo brasileiro. Espécie de romance de formação, nele (...) o narrador André Luiz não apenas detalha as crenças espíritas sobre rotinas, instituição e cotidiano de uma cidade espiritual, mas também aporta novas revelações sobre o plano espiritual, reafirmando a fé numa evolução adquirida pelos valores espíritas do *aprendizado*, da *caridade* e do *trabalho*. (...) Descrevendo um mundo governado burocraticamente por ministérios, no qual os habitantes se dedicam a tarefas edificantes, *Nosso Lar* atualiza uma espécie de utopia espírita de organização comunitária, altamente estruturada, integrada e fraterna. (LEWGOY, 2004b, p.98)

Na palestra em que a fala do representante da FEB teve lugar, uma pessoa da platéia manifestou-se, dizendo que quando há a iniciativa de se fazer a preparação do trabalhador, por meio dos cursos da FEB para a capacitação dos dirigentes, o que mais se ouve, nos bastidores, é que se está burocratizando, formalizando demais os centros, que a intenção desses cursos é transformar a casa espírita em empresa. Segundo esse representante, quando se fala em organização, planejamento, sobre necessidade de se ter um estatuto, de se ter os departamentos, de se ter um rendimento, ouve-se: “Nó! O que é rendimento? Pra que isso?! Isso é bobagem! (...) Esse pessoal daí é ‘novidadeiro’”.

É nítida a resistência para a adoção das práticas administrativas mais organizadas. Quem tem iniciativa nesse sentido é taxado, pejorativamente, de “novidadeiro” ou mesmo “tecnicista”. A resistência existe mesmo havendo a clara orientação do mundo espiritual, como se denota pelas análises do livro *Nosso Lar*.

Como já mencionado anteriormente, as organizações do Terceiro Setor, possuem, originariamente, um alto grau de informalidade e flexibilidade e, muitas vezes, relutam em se profissionalizar de acordo com os ditames do mundo da administração. Rejeita-os com o receio de que, ao fazê-lo, os seus ideais serão descaracterizados, seus valores desviados e sua coerência ideológica ameaçada.

Os centros espíritas, como representantes desse setor, de uma forma geral, não fogem à regra, como se percebe pelas falas acima citadas. No caso específico de Uberaba, o receio está em desvirtuar os ideais, os valores e a coerência ideológica difundidos por Chico Xavier e assimilados pelos espíritas uberabenses. A característica mais marcante do exemplo deixado pelo médium, segundo alguns entrevistados, foi a espontaneidade:

Como nós queremos caminhar pela vertente da espontaneidade, então a gente deixa o manual de lado e segue o coração. (REPRESENTANTE A-AME). O manual maior é o coração. (REPRESENTANTE B-AME)

Nesse aspecto também existe um ponto de choque de concepções daquilo que é o entendimento dado ao assunto pela FEB:

Porque esta fase “Deus cuida”, ela já não pode ser mais adotada no nosso modelo. (...). Deus cuida, mas nós temos que fazer nossa parte. Deus cuida se a gente fizer a nossa parte. Então a gente tem que começar a ser menos amador e mais organizados nas atividades. (REPRESENTANTE A-FEB)

A Federação Espírita Brasileira ressalta a importância de se deixar de praticar o assistencialismo que, segundo o Representante B-FEB, está ligado à filantropia e se restringe ao “dar coisas”, simplesmente dar, mantendo as pessoas na condição de eterno pedinte. Para corroborar tal fala, esse representante cita o exemplo que havia sido exposto por outro ícone do Espiritismo brasileiro – Divaldo Franco Pereira:

Divaldo contou uma vez, vocês devem conhecer a história, que ele foi fazer uma palestra no centro espírita, a pessoa responsável lá apresentou ao Divaldo uma pessoa, uma moça, dizendo que aquela pessoa era um exemplo de assistência social que o centro fazia, porque, desde a bisavó aquela família estava sendo atendida. Aquela era a bisneta atendida da mesma forma que a bisavó estava sendo atendida. Quer dizer a família era mantida naquele estado de miséria o tempo todo, só recebendo, só recebendo. (REPRESENTANTE B-FEB)

Complementa dizendo que as pessoas que prestam essa assistência o fazem de muita boa vontade, mas que a Doutrina Espírita exige muito mais, além do fato da legislação brasileira, atualmente, também o demandar. Reforça, portanto, o conceito da promoção social em detrimento do assistencialismo. Para ele, é essencial oferecer às pessoas condições de se auto-valorizarem, de procurarem caminhos para a superação das próprias necessidades e, para tanto, é necessário trabalhar no sentido de se estimular essas pessoas, que se encontram geralmente com tão baixa estima, para que elas possam acreditar em si mesmas e, por consequência, buscarem sua auto-promoção.

Em suma, essa é a proposta apresentada pelo manual de assistência e promoção social espírita. Como já relatado anteriormente, o mesmo é desconhecido, ou mesmo refutado, pelos espíritas em Uberaba. No contato com os representantes da Aliança Municipal Espírita uberabense, foi perguntado qual era a opinião deles em relação ao caso vivenciado por Divaldo Franco Pereira. Foi obtida a seguinte resposta:

Eu vou contradizer este caso e vou bater de frente. Porque aí este caso ocorre com aquela pessoa que não quer trabalhar, aquela pessoa que infelizmente encosta no poder público, encosta na patroa, no patrão, encosta no INSS, procura tirar vantagem, lei do Gerson. Tem essas pessoas e lógico que entre os

assistidos da doutrina espírita, também tem essas pessoas, são homens como nós que têm defeitos e imperfeições. Mas o que ocorre: o espírito desencarna, fica aqui grupos vinculados a eles, com necessidade de passar por aquela prova. Então não adianta, às vezes você tem relatos em livro, que você ajuda, e isso acontece até nas nossas famílias, você ajuda e ele não controla o ordenado, abre mais as pernas e você vai, acode, mas sempre está na pior. Então eu vejo que esta família, na minha interpretação espírita, com vínculos com aquele mesmo tipo de problemas, precisava de passar pela fieira da necessidade. Então nós não estamos criando... não é que a gente está incentivando as pessoas a viverem às dispensas do centro, porque a gente dá muito pouco. Gente, o que o centro espírita dá não dá para alimentar a família. Então eles têm que se virar. Agora se algum comodismo existe por parte de alguns, isso faz parte do mundo, mas eu contraponho isso e acho que dentro de nossa escala evolutiva, nós precisamos passar às vezes pela favela, por necessidade de educar o orgulho, de se livrar do egoísmo, da vaidade, da ambição, do poder, da inveja. Nós temos um relato [...] de uma família numerosa que era assistida, mas assistida este pouquinho, essa coisa minguada, não cria laços de dependência grande não, é o espírito que precisa. Então, naquela família numerosa, tinha uma mocinha que dizia para mãe, exigia: "se a senhora não por forro, prato, talheres e guardanapo, eu não como". Então os outros irmãos lá na terra, comendo com o prato na mão, sentados num caixote, que era três cômodos e eles dez pessoas e ela ali. Era uma aristocrática voltando na periferia para educar o orgulho, ela não tava dando conta. (...) Então mais uma vez, reforço o que [já foi falado], o movimento aqui é diferenciado mesmo, porque a gente fica de olho nas nossas histórias espirituais. (REPRESENTANTE A-AME)

É nesse complexo contexto de convergências e divergências, de elogios e críticas, do material e do espiritual, enfim, de vários contrastes, que o modo de gestão da Assistência Social Espírita em Uberaba deve ser entendido, como será visto no próximo item.

6 – FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO.

Frase repetida por diversas vezes nos contatos feitos com os espíritas uberabenses e encontrada, até, pintada em parede interna de centro espírita, representa o princípio maior, a força motriz das atividades espíritas.

Como já explanado anteriormente, a explicação espírita para a acentuada ênfase na assistência social remete-se, direta ou indiretamente, à caridade, entendida como parte e consequência de um compromisso com a doutrina espírita. Vale lembrar que a “evolução espiritual”, como a única forma de se chegar à perfeição, acontece a partir das decisões que cada espírito toma e dos méritos por ele conquistados, tudo isso regido por um conjunto de leis divinas, entre as quais, a considerada mais importante é a “lei da justiça, de amor e caridade”. Em suma, a evolução espiritual não existe sem a caridade. Kardec, portanto, cunhou a expressão “fora da caridade não há salvação” e essa passou a ser sempre lembrada pelos espíritas como a explicação para assistência por eles praticada. (GIUMBELLI, 1998)

Interessante ressaltar que a análise antropológica entende que essa trajetória evolutiva refere-se, necessariamente, a um “outro”, personificado normalmente na figura do “pobre”, do “necessitado” ou do “desvalido”. A caridade toma sentido, razão e imperatividade em função dessa alteridade e dessa diferença. Existe, contudo, uma igualdade entre todos aqueles que, frente à perfeição divina, são considerados espíritos imperfeitos. Seguindo esse raciocínio, os pobres “são objeto da caridade enquanto símbolo privilegiado de uma humanidade imperfeita” (GIUMBELLI, 1995, p.10).

As concepções espíritas lidam constantemente com a idéia de uma hierarquia entre os espíritos que estão em diferentes pontos da escala evolutiva espiritual. A prática da caridade, portanto, tem por base o reconhecimento da inferioridade alheia como na aceitação da própria inferioridade. Aquele que dá/doa busca, por meio da caridade, sua redenção tendo em vista sua evolução. (GIUMBELLI, 1995)

Fica claro, por conseguinte, que, no universo espírita, a caridade não é apenas um valor, mas um preceito que deve ser seguido obrigatoriamente, pois, sem ela, o espírito permanece no estado involuído, imperfeito. É um “mandamento capaz de mobilizar recursos pessoais e financeiros em vista de ações filantrópicas” (GIUMBELLI, 1995, p.11)

A grande preocupação mesmo é a caridade. É o lema: “Fora da caridade não há salvação”. É o que todo mundo que se torna espírita procura: é fazer a caridade. (REPRESENTANTE C-AME)

Uberaba, apesar das diversas diferenças de postura que caracterizam o modo de ser espírita na cidade, explicitadas no capítulo anterior, segue o princípio da “caridade que salva”:

A motivação nasce também do ensinamento do Espiritismo. Porque o Espiritismo ensina para gente o seguinte: a prática da caridade é o único caminho para a salvação, vamos dizer assim. (...) Então tem muitas coisas diferentes [entre os diversos centros espíritas]. Mas é o que eu te falo, a forma é diferente, o fundo é o mesmo. O fundo é a codificação kardequiana e não pode sair. E qual a base a codificação kardequiana? Fora a caridade não há salvação. A base do Espiritismo é a prática da caridade. (REPRESENTANTE A-CEU-07)

As atividades assistenciais praticadas pelos espíritas uberabenses seguem, como a fala anterior explica, a codificação de Kardec, o qual transcreveu em seus livros os ensinamentos dos espíritos superiores. Em relação à caridade, o exemplo de Chico Xavier, enquanto referência para o Espiritismo em Uberaba, também fica explícito na seguinte fala:

Trabalho. Foi o que o Chico fez. Fez até o finalzinho da vida, velhinho. Como ele dizia: “quando o senhor vier me buscar, eu quero que ele me encontre trabalhando”. Então, é trabalho. Trabalho. Mostra que a maior caridade é a que salva. Explicação de Chico. Fora da caridade não há salvação (REPRESENTANTE CEU-02)

Percebe-se que o entrevistado acima diz ser uma “explicação do Chico” a frase “fora da caridade não há salvação”, demonstrando e reforçando claramente o “modelo de Chico Xavier” de Espiritismo (LEWGOY, 2004a). Mais uma vez o exemplo do médium mineiro é a referência maior para o espírita uberabense, sendo que “trabalho”, como uma máxima a ser seguida, refere-se à prática da caridade, às atividades assistenciais.

Uberaba é uma das cidades que mais tem assistência, porque nós trabalhamos no anonimato. Aqui nós distribuímos a roupa, o alimento, o remédio, se tivermos. As pessoas, as crianças não descem para o centro da cidade para pedir. Aqui nós alimentamos, agasalhamos e calçamos eles aqui. Assim são todos os centros de Uberaba, trabalhamos no anonimato. Graças a Deus, não queremos divulgação de jeito nenhum, porque nós trabalhamos não é para prefeito, não é para ninguém. Nós trabalhamos para Jesus e ele disse que fora da caridade não há salvação, quer dizer fora do amor, então nós seguimos este princípio. (REPRESENTANTE CEU-05)

Em resumo, a pessoa que se torna espírita, passa a ter como princípio norteador a prática de caridade em busca de sua salvação enquanto um espírito imperfeito caminhando dentro de uma trajetória evolutiva. Como consequência disso, os centros espíritas têm como objetivo primordial a assistência social como um meio de praticar a caridade.

Se você observar o centro espírita, os departamentos, você vê que quase todos, é difícil o que não tenha a assistência fraterna, pode faltar alguma outra coisa, mas assistência fraterna não. Tem o trabalho de sopa, tem corte de cabelo, corte costura, enxoval para recém nascido, campanha de agasalho e tem também. (REPRESENTANTE C-AME)

Até o presente momento, discutiu-se como o espírita se porta frente ao mundo, concebendo-o segundo preceitos de sua religião. Ainda não foi explanado, entretanto, como se dá o envolvimento inicial da pessoa com o Espiritismo e a sua permanência, constante ou não, na doutrina. Tal dinâmica será o foco do próximo item.

6.1 – Por amor ou pela dor

O contato inicial dos indivíduos com o Espiritismo e seu conseqüente envolvimento com as práticas da doutrina foi um assunto corriqueiro ao longo da pesquisa. Em todas as entrevistas, por exemplo, na primeira abordagem, a pessoa contava, brevemente, sua história pessoal e seu envolvimento com o Espiritismo e, posteriormente, sua inserção dentro do centro espírita que freqüentava. Em outros momentos da entrevista, a pessoa caracterizava os freqüentadores, os voluntários e os assistidos. Em várias ocasiões, a distinção entre “por amor” ou “pela dor” era a distinção feita para as duas formas de introdução do indivíduo ao universo espírita.

“Por amor” é, genericamente, a maneira pela qual o sujeito se insere na doutrina sem que haja sofrimento. Comumente referido também como “afinidade”, é um modo de envolvimento que pode se dar, por exemplo, em função da busca do indivíduo por explicações para as questões da vida, cujas respostas, segundo os entrevistados, não foram encontradas na antiga religião (freqüentemente a católica) à qual eram adeptos.

Até treze primaveras eu fui criado na Igreja Católica Apostólica Romana. Meus pais nos obrigavam a ir na missa. Eu e mais dois irmãos. Dos treze aos dezessete, por causa da minha faixa etária, nós fomos desobrigados. (...) Eu vim para a doutrina espírita para ter as explicações da vida. Os por quês da vida. Aquela fase pré-juventude. Por que a gente tem ricos e tem pobres? Tem pessoas aleijadas? Tem pessoas que sofrem e tem pessoas que são felizes? Por que eu tenho um irmão que é inválido, de nascença? Por que eu ando e ele não anda? Por que eu falo e ele não fala? Toda essa busca de respostas eu só fui encontrando na doutrina espírita. Para mim, foi a única doutrina que me explicou racionalmente, pela lógica, pelo raciocínio. Porque, eu fazendo um curso técnico, um curso de engenharia, eu vi que não há nenhuma contraposição da ciência, de filosofia e de religião. (REPRESENTANTE A-CEU-01)

Quando você conversa com uma pessoa que está voltada principalmente para a sua religião, um evangélico, por exemplo, ele já tem a cabeça moldada daquele jeito que o pastor falou. Quando você fala com um católico, ele tem a cabeça de acordo com o que o padre pregou. Mas nesse grupo de pessoas você encontra uma parte que está meio oscilante com aquilo que está recebendo. Então, ele sai à busca. E essa busca a gente encontra quando você começa então a fazer comparações, esses paralelos, esses parâmetros que nós temos na vida entre por quê eu tenho um corpo perfeito e o meu vizinho está atrofiado naquela cadeira e eu não. Tem que ter essa explicação. Agora que nós vamos buscar essa explicação? Por que você tem dois olhos e enxerga perfeitamente e outro é cego e tem que ficar tateando para ler uma frase. Tem uma explicação! (REPRESENTANTE CEU-03)

Outra situação é a do indivíduo cuja família era espírita e sua criação foi dentro da doutrina. Nesse caso, a pessoa tem “berço espírita”:

Eu nasci em família espírita. Então, o contato se deu porque o meu pai era espírita e minha mãe não, mas como ele nos levou pro centro, e ela desencarnou muito cedo, então, a gente acompanhou com muita alegria. Então, eu sou de berço espírita, e não tenho muito o que falar não... (risos). Já nasci dentro. (REPRESENTANTE A-AME)

Bom, no meu caso, eu não sou de berço espírita. Meus pais eram católicos e eu me tornei espírita por curiosidade, em torno de nove, dez anos, porque meu pai me proibia de brincar com uma criança vizinha que era espírita e ele dizia que era inconveniente. E isso me despertou interesse, e por curiosidade, eu me fascinei e... até hoje! Então, eu me tornei espírita por curiosidade (risos). E desde então... se voltei a uma igreja católica foi porque o meu pai me convidava e eu tinha que obedecer. Mas, sempre fui espírita. Acho que nasci espírita e esperei... (REPRESENTANTE B-AME)

Eu não nasci no Espiritismo, infelizmente, porque eu acho que é um privilégio muito grande quando a criança desde pequena está dentro dessa doutrina esclarecedora. (REPRESENTANTE CEU-02)

Interessante notar que a antiga religião era encarada como uma obrigação imposta (normalmente pelos pais) e que não satisfazia os anseios por “esclarecimentos”. O Espiritismo, por outro lado, é tido como uma fonte de explicações racionais para as perguntas existenciais.

Então eu perguntava ao padre, perguntei na primeira comunhão, não tinha explicação. Então era muito comum eu ouvir uma resposta assim: Isso é mistério de Deus. Eu não me convencia. Então eu tinha essa busca. Então no catolicismo eu passei.... eu ficava nesta busca. E até chegar no Espiritismo eu passei por várias religiões. (REPRESENTANTE CEU-02)

Resumidamente, esses são os caminhos por meio dos quais acontece a inserção do sujeito dentro do centro espírita sem que haja sofrimento, ou seja, “por amor”. Contudo, como já mencionado, essa não é a única forma.

“Pela dor” é a outra maneira de se chegar ao Espiritismo, talvez a mais comum, como foi possível perceber ao longo das diversas narrativas da história pessoal.

Giumbelli (1995) fez a mesma constatação: “É muito comum ouvirmos de um adepto do Espiritismo que seu primeiro contato com essa religião aconteceu em função de problemas emocionais ou físicos”. (GIUMBELLI, 1995, p.12). Para o autor, parte significativa das conversões está relacionada a casos de cura que envolveu a intervenção de um médium. O antropólogo comenta especificamente a respeito do “médium receitista”, que seria um indivíduo que, assistido por um espírito de médico, faz diagnósticos e prescreve alguns tratamentos.

O papel desse “intermediário” do mundo físico e espiritual também está associado a outros tipos de “curas”. O relato do início da presente pesquisa descreve o choro incontido de uma mãe que recebeu mensagem, por meio da psicografia de um médium, de seu filho falecido. É intensa a busca por esse tipo de consolo para quem perdeu um ente querido. Basta ir aos centros que têm médium psicógrafo para constatar tal fato. Todavia, procura-se a casa espírita não apenas para obter esse tipo de conforto. Existem outras motivações:

Pela dor, pela depressão, ultimamente está um caos! É tentando suicídio, é família em desavença de separação, depressão de esposa, mas muito, muito mesmo. Então a gente tem cuidado de estar tentando passar a fé, que amanhã será um novo dia. Então é o nosso trabalho lá, da pessoa que participa da orientação. (REPRESENTANTE CEU-04)

São basicamente dois grupos de freqüentadores. Aqueles que são espíritas e que freqüentam a doutrina regularmente para ouvir as explanações evangélicas, para participar dos estudos da casa (...) E aí tem (...) o grupo dos eventuais que são aquelas pessoas que só lembram que existe uma igreja, que existe um santo, que existe o templo budista, que existe qualquer tipo de religião, quando estão com alguma dificuldade. Aí elas freqüentam o centro por um determinado tempo, quando seus problemas são apaziguados, elas se afastam, qualquer ameaça ou dificuldade elas retornam, então são estes dois grupos. (REPRESENTANTE A-CEU-07)

O centro espírita oferece, portanto, orientações para as diversas dores dos seres humanos, físicas ou espirituais. Dentre as terapêuticas propostas pela doutrina, encontram-se os “passes”, a “desobsessão”, as “operações espirituais”. Em suma,

é levar o consolo espiritual às pessoas, que o tratamento não é do corpo, o tratamento é o conforto espiritual, a compreensão. As pessoas que chegam lá, perdeu [sic] um ente querido, está desesperado [sic], achando que o mundo acabou. O que passa para ela: a vida continua, que, no futuro, todos nós um dia, se nos for permitido, vamos nos reencontrar; e a “encher a mão” [de trabalho], porque o que tem acontecido de gente com depressão, mas não tem número. (...) Então esta pessoa, o que é que a gente passa para a pessoa? É encher a mão de trabalho, fazer alguma atividade para ela estar desligando, não se fechando tanto dentro de casa. Então o objetivo da casa espírita é levar a pureza doutrinária aos corações, às mentes. E natural, paralelo a isso, é o equilíbrio físico, moral e espiritual. É esse o objetivo da casa, é as três coisas. (REPRESENTANTE CEU-04)

Pode-se dizer que “encher a mão” expressa a tentativa de negação do ócio. O “negócio”, portanto, do centro espírita é a caridade, pois, para praticá-la, é necessário muito trabalho. Este, por sua vez, cumpre o duplo papel de servir à caridade como princípio maior da organização, como também o de “curar”, como uma terapêutica, os males dos indivíduos que procuram os centros espíritas. Esse último aspecto, assim como outros vinculados ao trabalho voluntário, serão foco do item a seguir.

6.2 – Trabalho voluntário

O trabalho voluntário nos centros espíritas se caracteriza pela motivação e esta está relacionada necessariamente à caridade como princípio da doutrina. Acredita-se que, por meio desse trabalho, o voluntário estará traçando a sua evolução e lidando com o seu carma na Terra. Nesse sentido, os controles exercidos sobre esse trabalho são difusos e se baseiam na crença de que estão sendo guiados por entidades espirituais. Na seqüência, esses dois aspectos – motivação e espontaneidade – serão explorados.

6.2.1 – “Labor-terapia”: motivação e dedicação

Então... como é que vão aparecendo esses voluntários? Eles vão aparecendo espontaneamente. As pessoas que aparecem na casa para qualquer pedido de ajuda espiritual, a gente convida a pessoa a se equilibrar pelo trabalho também, que é o chamado, na época do Dr. Inácio Ferreira¹¹ aqui em Uberaba, era chamado de “labor-terapia”, que é a cura, a terapia através do trabalho. Então tem pessoas que estão com problema de desequilíbrio, com obsessões, fascinações e subjugações, o trabalho é uma das formas da pessoa se recuperar... o trabalho de sopa, o trabalho de pão... (REPRESENTANTE A-CEU-01)

A fala acima resume a dinâmica motivacional que opera o trabalho voluntário em uma instituição espírita. As atividades com as quais o indivíduo se envolve na organização, principalmente as assistenciais, como exemplificadas acima (sopa, pão), são essenciais para a recuperação da pessoa que buscou o centro espírita em função da dor.

Acaba sendo uma terapia. Você chega lá vai cortar verdura, daí tem o caldeirão de sopa, que é uma suadeira danada [risos]. Eu falo com os meninos (...): esta

¹¹ Dr. Inácio Ferreira foi um médico psiquiatra que trabalhou durante vários anos no Sanatório Espírita de Uberaba. Faleceu na década de 80 e atualmente tem as suas mensagens espirituais psicografadas por um médium uberabense. Foi também o fundador do Lar Espírita de Uberaba, em 1949.

[sic] que é a sauna, natural, de graça, sem pagar, todo mundo pingando de suor e feliz, o mais importante é isso, feliz. (REPRESENTANTE CEU-04)

O Representante A-CEU-01 explica que a pessoa quando chega à casa espírita, ela é apenas um participante. Aos poucos, lentamente, os já integrantes da casa vão conhecendo essa pessoa, que acaba se ambientando/socializando. O entrosamento pode levar meses como pode demorar um ou dois anos, dependendo do indivíduo, mas quando este está bem entrosado na casa, ele passa a ser um trabalhador voluntário, pois se oferece para tanto. Mais uma vez, é reforçada a idéia de que tudo acontece espontaneamente, que não é necessário a doutrina espírita colocar anúncios em busca de voluntários. O entrevistado explica o porquê:

Nós entendemos também que, do ponto de vista espiritual, se está precisando de trabalhadores, os amigos espirituais intuem alguém, que ela recebe uma mensagem mental “vai naquela casa porque está precisando de um trabalhador, de um voluntário”. Ela vai lá e começa a trabalhar. Cada um tem o seu compromisso que já fez antes de se reencarnar, então, espontaneamente, os trabalhadores vão aparecendo. Quando é um trabalho sério como o nosso, que é desenvolvido com toda a seriedade, então é uma coisa que já vem naturalmente. (REPRESENTANTE A-CEU-01)

Interessante que o entrevistado salienta que existem três formas da pessoa ser atraída para trabalhar na casa espírita. Para ele, a espontaneidade de surgimento de trabalhadores voluntários está diretamente ligada à crença de que o Plano Espiritual é o responsável por influenciar o comportamento do indivíduo. Remete-se ainda ao compromisso (da caridade) que o espírito tem ao reencarnar. E, por último, a seriedade com que as atividades do centro espírita são realizadas acaba sendo um fator de atração natural. A motivação, portanto, não se restringe apenas àquelas pessoas que buscam o centro em função de algum tipo de desequilíbrio e precisam de alívio imediato para aquilo.

Já a permanência da pessoa no centro está diretamente ligada à manutenção do equilíbrio ali encontrado. Para o Representante A-CEU-01, por exemplo, o trabalho voluntário é extremamente gratificante, pois, desde que começou a participar das atividades do centro espírita, sua vida se harmonizou e, para ele, é uma alegria muito grande

ver as pessoas recebendo da casa espírita, desde receber um passe, ou uma mensagem, receber uma cesta básica. A gente se alegra de ver a pessoa receber. (...) Então, é uma satisfação interior muito grande que é inigualável. Só quem vive isso aí para conseguir entender com tanta profundidade. Então, a gente se sente altamente recompensado. A gente acha que a gente recebe até mais do que a gente mereceria, de tão gratificante que é participar desse trabalho voluntário. (...) É uma forma da gente se equilibrar na vida da gente, para a

gente não cair em obsessões, fascinações, perturbações de toda a ordem. E é uma forma que a gente entende que a providência divina nos honrou da gente evoluir. Quando a gente vai ajudar os outros, a gente está recebendo uma oportunidade de trabalho. (REPRESENTANTE A-CEU-01)

Reforça a idéia aqui anteriormente explanada de evolução espiritual alcançada por meio do trabalho voluntário, por meio da caridade (que salva). O Representante CEU-04 também compartilha a opinião acima exposta ao afirmar que recebe muito mais do que dá ou doa, pois seu equilíbrio físico e espiritual depende de tudo que faz dentro do centro espírita. No entanto, assegura que, para ele, a lógica da evolução espiritual em que se faz pensando na “pós-desencarnação” não faz parte de sua motivação:

O que eu gostaria de falar é o seguinte: Eu respiro o [CEU-04]. O pessoal até fala para mim assim, mas agora não falam mais e nunca me atingiu também, porque sabe quando você faz a coisa e sente bem fazendo? Você não faz achando que amanhã você vai ter um patamar mais tranquilo na hora de desencarnar... porque eu vou ter um privilégio na hora de desencarnar, que eu vou ser mais assistido... De jeito nenhum. Eu faço porque eu gosto e sinto bem. Muito bem. (REPRESENTANTE CEU-04)

O envolvimento desse representante com o centro espírita é tamanho que ele usa a expressão “eu respiro o centro” e isso gera a ele um enorme bem estar. Outro entrevistado ainda comentou que, por mais atarefado que esteja no seu dia-a-dia, ele precisa do centro espírita para reabastecer suas energias.

Para o representante que a seguir expõe a sua melhora, a convivência com as pessoas simples faz com que ele seja uma pessoa feliz:

Eu logicamente tenho hoje uma vivência lá dentro [do centro], tentando aprender um pouco mais daquilo que Jesus ensina sobre perdão, sobre caridade, sobre paciência e eu acho, te confesso que melhorei um pouco, porque eu era arrogante demais, eu sempre falei para minha mulher “Deus vai ter dó de mim e me tirar essa arrogância”. Sabe aqueles caras arrogantes, que queria falar alto demais, achando que era meio dono do mundo, eu era assim, não tenho vergonha de te confessar. (REPRESENTANTE CEU-03)

Todos os benefícios alcançados por meio da “labor-terapia” são aspectos que motivam as pessoas a começarem e/ou permanecerem envolvidas com as atividades assistenciais. A permanência, entretanto, exige da pessoa um comprometimento, pois ela passa a ter responsabilidade para com aquela atividade exercida e para com todas as pessoas que estão envolvidas, que contam com ela.

Desde a fundação. Nunca parou. Independente de feriado, Carnaval, Natal, nunca parou. A gente entende realmente que não pode parar. A casa está na condição de hospital, então não pode parar. A atividade está sendo cada dia mais acentuada. (REPRESENTANTE CEU-02)

O “não poder parar”, portanto, funciona, também, como uma força motriz que leva ao comprometimento em relação ao centro espírita e às atividades nele realizadas. Tal compromisso externa-se por meio da dedicação, como explica a fala a seguir:

Existe também essa outra equipe de trabalhadores voluntários que vem no domingo de manhã, que deixa às vezes seus afazeres, deixa a família, e vem limpar o Centro Espírita. Quem quer ser voluntário tem que ter uma dedicação muito grande. É difícil as pessoas saírem no sábado, no domingo... No domingo de manhã, às vezes a pessoa quer estar dormindo, ou quer estar num clube... pra vim numa casa espírita. Então tem que ser um trabalhador com muita dedicação para fazer isso daí. E realmente, a grande maioria aí tem uma dedicação enorme. (REPRESENTANTE A-CEU-01)

Segundo os representantes da AME, a doutrina espírita cobra responsabilidade, consciência de seus adeptos. É necessário um compromisso que é cobrado constantemente pela doutrina:

Ontem eu estava assim: “Ah, eu não vou mais. Já falei que eu não quero mais falar no centro, ser expositora”. E as [integrantes do centro] me calaram, duas vezes. Abriram o livro: “falta de obreiro”, “na seara precisa de obreiros”. Aí, eu quebrei. O jeito é ir, não? (REPRESENTANTE C-AME)

“Obreiro” é sinônimo de trabalhador, neste caso, a serviço de Jesus. As próprias obras literárias espíritas fazem apelo no sentido de que são necessários indivíduos para trabalhar em prol da caridade.

Aspectos doutrinários, mais uma vez, são vitais para o comprometimento da pessoa com as práticas assistenciais. Tais atividades, por sua vez, são regidas pela espontaneidade apregoada pelos espíritas uberabenses, que buscam também explicação na doutrina para a inexistência de controle para a caridade praticada pelos trabalhadores voluntários.

Então o controle, Camila, não tem não. É uma coisa que nós vamos ter muita dificuldade de entrar na vida, de querer que nos controle ou alguém controlar, porque na doutrina um dos ensinamentos dos Espíritos é o livre arbítrio. Eu tenho liberdade para escolher, igualmente eu tenho responsabilidade com as consequências. Eu posso não entrar em nada ou entrar em tudo, então eu vou arcar com o trabalho, com a consequência de um bom trabalho ou vou arcar com a consequência da ociosidade. (REPRESENTANTE A-AME)

O item a seguir abordará mais detalhadamente essas questões que envolvem o confronto entre livre-arbítrio, organização, controle etc.

6.2.2 – Espontaneidade: Organização, Controle e Conflitos

A espontaneidade, como um valor introjetado no jeito de ser e agir do espírita uberabense, tendo em vista o exemplo deixado por Chico Xavier, como explanado no capítulo anterior, influencia, ou melhor, determina a forma como se organiza e se controla o trabalho voluntário. Conflitos, naturalmente, surgem como consequência.

No item anterior, o Representante A-CEU-01, por exemplo, descreveu a forma de inserção da pessoa que busca o centro espírita como sendo lenta, gradual, de tal maneira que ocorre a ambientação e o entrosamento do indivíduo que passa de participante para trabalhador, colaborando com as atividades da casa espírita. Tudo, segundo ele, muito naturalmente, como também fica explícito na descrição a seguir:

Cada setor normalmente com o coordenador ele inicia o trabalho quando o voluntário chega. (...) Aproxima por afinidade, aquela pessoa que gosta de criança procura o departamento da criança, vai infiltrando, infiltrando, quando você vê já tornou um voluntário. Então é muito espontâneo, não tem assim: “Ah, nos vamos fazer inscrição para isso, assim, assim e vai lá na AME para você ser palestrante, para você ser facilitador”. Não tem. Não, não tem proselitismo, não tem arrastamento. (REPRESENTANTE A-AME)

A FEB, por seu lado, insiste que a introdução do indivíduo no trabalho voluntário de assistência social deve ser organizado de tal forma que aquela pessoa esteja preparada para realizar atividades que muitas vezes demandam não apenas o fazer a sopa ou distribuir o alimento, mas também é necessário conhecimento da doutrina espírita para bem orientar os assistidos.

O trabalhador, aquele que chega para ajudar na assistência social do centro espírita, ele deve encontrar o trabalho organizado para poder se engajar. O trabalhador da assistência social ele tem que ser bem preparado para este trabalho, porque nós sabemos que é um trabalho complexo, ele é um trabalho que exige não apenas a conscientização do objetivo, mas também o relacionamento humano. Tem que ser pessoas que se relacionam bem com as outras pessoas. Pessoas que devem conhecer a doutrina espírita, porque isso é um trabalho espírita. Por que geralmente o que se dá no centro espírita? A pessoa chega, a primeira vez que vai ao centro espírita: “Ah, eu quero trabalhar”. “Então vai pra Assistência Social”. Aí chega na assistência social e pensa o que? Porque muitas vezes, as pessoas chegam e querem dar apóio. Qualquer um pode ajudar a distribuir uma sopa, uma cesta, ensacar coisas, carregar saco, todo mundo pode fazer isso. Mas e o relacionamento com o assistido? E o conhecimento da doutrina espírita para orientar as pessoas que estão ali dentro do centro? São coisas importantes. E o trabalhador da assistência social deve realmente estar preparado. (REPRESENTANTE B-FEB)

A idéia defendida em Uberaba, segundo o Representante CEU-05, é a de que o centro deve estar aberto a todos os voluntários que queiram ir, não é limitado, as portas

ficam abertas. “Nós temos essa abertura aí para que todos possam ter oportunidades”, explica ele. Ressalta, no entanto, que existe a necessidade de verificar em que estado se encontra a mediunidade da pessoa. Segundo ele, se já for médium desenvolvido, equilibrado, ele tem mais facilidade do que aquele que procura o centro pela dor. “É como se fosse uma criança, no colo, depois no chão, depois dar os primeiros passos, até que ele possa caminhar completamente com seus pés.”, ele compara. É necessário, portanto, um acompanhamento da evolução gradativa do indivíduo. Explica, ainda, que “mediunidade não é enfermidade, é compromisso que nós recebemos quando nós encarnamos.”

Ao continuar sua explicação sobre a mediunidade, o Representante CEU-05 comenta um aspecto bastante relevante para o presente trabalho:

Aqui, por exemplo, todos os trabalhos mediúnicos, nós só organizamos, nós, encarnados, montamos as equipes e organizamos. Os trabalhos são orientados e dirigidos pelo alto, pela a espiritualidade maior. Nós somos apenas os meios para que eles possam trabalhar. (REPRESENTANTE CEU-05)

Para ele, as pessoas que trabalham no centro são meios – médiuns – que recebem orientação e são dirigidas pela “espiritualidade maior”. Outros entrevistados fizeram a mesma consideração, utilizando termos como “Espíritos Superiores”, “Espiritualidade”, “Mentores Espirituais” ou “Guias Espirituais”.

Interessante notar que existe o livre-arbítrio para a organização do trabalho (“montar as equipes de voluntários”), mas este, por sua vez, é direcionado e orientado, enfim, determinado, por espíritos não encarnados. A antropóloga Cavalcanti (2005) explica que, no Espiritismo, existe um confronto permanente entre livre-arbítrio e determinismo. O cenário dessa “batalha” são, em resumo, as sucessivas encarnações e, muito especialmente, a comunicação constante com os espíritos desencarnados. Ela sintetiza:

Dramatizando ao extremo a tensão entre livre-arbítrio e determinismo, o Espiritismo desenha para si um perfil único no panorama religioso brasileiro. A um só tempo constrói mundos imaginários fabulosos e ativos em que vivos e mortos comunicam-se permanentemente, e contrabalança essa tendência fabulística que se alimenta do Além, por uma variação da ética da ação intramundana, ao conferir à vida encarnada o lugar único e privilegiado da **provação**, da construção gradual do **livre-arbítrio**, do sentido de responsabilidade pelos seus atos e conduta, do **mérito** e da **culpa**. Ainda que para tanto, um indivíduo, como o fez exemplarmente Chico Xavier, tenha que conclamar todo o universo povoado de espíritos para viver consigo a sua vida. (CAVALCANTI, 2005, p.21, grifos da autora)

A Federação Espírita Brasileira reconhece que, por mais que se busque orientar os centros espíritas em suas atividades, da forma mais detalhada possível, muitas vezes é necessário o exercício do livre-arbítrio para casos concretos. O Representante A-FEB comenta que alguns centros buscam por diretrizes pormenorizadas nas federativas, mas que é necessário lembrar uma regra de Jesus em que se detalha o que é possível, mas a aplicação no caso concreto é um exercício do livre-arbítrio. Ele explica que a casa espírita

vai ter argumentações gerais de Jesus, Kardec, Emmanuel, André Luiz e do movimento espírita, mas não tem como prevenir de, num determinado momento, ter o livre arbítrio para um caso concreto. (...) Quer dizer, nós somos chamados pela lei divina, dentro daquele plano pedagógico (...) a exercer a nossa livre escolha, nossa auto-determinação. Isso é individual e coletivo também. Então a gente não pode ir à casa espírita e atribuir ônus e bônus sobre nosso controle. Então por mais que a gente queira muito detalhamento, (...) a gente tem que ter segurança e pensar o seguinte: olha, eu estou fazendo um trabalho espírita, eu estou estudando o Evangelho, eu estou procurando exercitar o Evangelho, eu estou procurando conhecer os trâmites administrativos, eu tenho que confiar na assistência dos bons espíritos e seguir ali a minha razão e a minha intuição também, porque a gente não vai encontrar nenhum manual, por mais detalhado que seja, tudo o que a gente tem que fazer no caso concreto, porque a realidade é muito mais rica do que qualquer previsão. (...). Então assim, onde eu quero chegar: a gente tem que, na direção, (...) a gente tem que ter momentos de alívio e de confiar nos bons espíritos também, e buscar esse norteamento também. (REPRESENTANTE A-FEB)

A própria FEB, portanto, por mais que, em vários momentos, chama a atenção para a necessidade de se organizar e controlar as atividades assistenciais, admite que é necessária a liberdade de ação nos centros espíritas, tendo em vista que, na doutrina de Kardec, o livre-arbítrio exerce um papel primordial. Vale salientar, contudo, como bem disse o representante da FEB, que tal liberdade é norteada pela influência exercida pelos “bons espíritos”.

Nesse complexo sistema hierárquico, as diretorias dos centros espíritas se vêem, mesmo que muitas vezes possam não ter consciência disso, no meio de um confronto entre aquilo que eles têm liberdade de fazer enquanto espíritos encarnados e aquilo que é determinado pelos espíritos não corporificados. Sendo assim, a espontaneidade, tão reverenciada pelos uberabenses, acaba por ser influenciada por esse determinismo dos espíritos, perdendo, por conseguinte e contraditoriamente, sua característica imanente: a qualidade de espontâneo.

É dessa maneira que é organizado o trabalho voluntário no centro espírita em Uberaba. A noção liberdade acima exposta está embutida em diversas falas, como comprova o comentário a seguir:

A gente deixa as pessoas muito livres para elas se inclinarem para aquilo que elas têm mais aptidão. E eu particularmente não era muito chegada, não gostava muito de fazer sopa, não é o que eu gosto mais. Eu gosto do trabalho de segunda feira, de visitar as pessoas, de conversar com elas, porque às vezes enquanto um está dando passe, enquanto o outro está dando um banho numa criança, tem a pessoa que precisa desabafar, que precisa conversar, que precisa de uma orientação. Então a minha parte está ligada a essa parte, vamos chamar, de aconselhamento. (...) Eu gosto de ficar mais no aconselhamento. Então eu fui professora voluntária por muitos e muitos anos do que nós chamamos de evangelização da criança e do adolescente. (...) Então meu trabalho de voluntariado está voltado na área do magistério, mas eu particularmente não tenho aptidão para costura, não tenho aptidão para sopa, não são coisas que eu gosto de fazer, então eu não faço. (REPRESENTANTE A-CEU-07)

Essa é a dinâmica de alocação de pessoas nas diversas atividades dos centros, ou seja, por meio de suas aptidões. Relevante lembrar, todavia, como algumas falas já demonstraram, que existe uma “iniciação” do trabalhador voluntário por meio da atividade da sopa, durante o processo introdutório do indivíduo no centro espírita. Só não fica claro se são dadas reais oportunidades para que essas pessoas deixem essa atividade inicial e sejam “promovidas” para exercerem outras funções. Como a presente pesquisa se restringiu a entrevistar apenas pessoas que fazem parte da diretoria de seus centros, a perspectiva que predominou foi a da possível mobilidade na estrutura hierárquica do centro, pois, obviamente, tais pessoas foram agraciadas com a “promoção” a que elas fazem jus agora como membros da diretoria. Segundo os entrevistados, eles foram “convidados” para assumirem a função na diretoria.

Esta última, de forma resumida, é composta por um presidente, um vice-presidente, tesoureiro, e diretores dos diversos departamentos (de assistência, de infância e juventude, de comunicação, de divulgação doutrinária etc). Cada centro pesquisado utilizou algumas denominações distintas para departamentos com semelhantes funções, mas a divisão das atividades em “departamentos” ou “setores” ou “diretorias” predominou. A fala a seguir exemplifica isso.

Com referência à diretoria, existe um presidente, um vice-presidente, (...) tem o diretor de doutrina, tem o diretor de estudos doutrinários, diretor de mediunidade... Está faltando alguns ainda, a minha memória não conseguiu captar todos. Tem o diretor de departamento de família. Tem diretora do departamento assistencial (...). Está faltando uma ou duas diretorias que agora de memória eu num me lembro. Depois a gente procura essa informação precisa para você. Então, nós temos uma ata, que se faz a eleição da diretoria, dentro dos moldes previstos em lei, dentro dos moldes do nosso estatuto, registra-se essa ata em cartório. (REPRESENTANTE A-CEU-01)

Essa mesma diretoria é a responsável por elaborar escalas de trabalho para as atividades do centro. Alguns centros pesquisados fazem escalas para todas as atividades

e em outros há apenas escala para a sopa, variando de acordo com o porte e o número de trabalhadores voluntários envolvidos. Nesse último caso, as demais atividades têm uma ou duas pessoas responsáveis cada uma.

Nós temos algumas escalas, depois se você quiser ver como é que aparece tanto voluntário, uma escala para a livraria, uma escala para o expositor espírita, nós temos uma escala para dirigentes dentro das reuniões das sextas feiras, uma escala para dirigentes de reuniões das segundas feiras. Nós temos a escala do pão que nós falamos. Tem o pão de segunda, de terça e tem do sábado também. Então, essas escalas, em que se pede para as pessoas que já são participantes da casa, quando ela é escalada, ela ajuda a pagar esses pães que a gente distribui. (REPRESENTANTE A-CEU-01)

Na verdade, essa escala nossa acaba sendo assim, resumida, reduzida. Por exemplo, eu faço a escala agora e sábado estou distribuindo a escala da sopa para o ano todo. Então, a última sopa é uma semana antes do Natal. Então, todo mundo, cada um leva uma cópia pra casa e já sabe que dia é a sopa dele. A escala da costura também é a [Fulana] que comanda e tem mais três companheiras. Tem a evangelização, essa tem uma escala maior porque tem seis, oito colaboradores, então nós temos quatro classes lá. Mas tudo feito dentro de um grupo pequeno. A não ser a sopa, a gente quase não tem a necessidade de passar isso para o papel. (REPRESENTANTE CEU-03)

Um dos centros forneceu a sua escala de reuniões expositivas doutrinárias. A escala refere-se ao ano de 2007 e para todas as segundas-feiras existe uma pessoa designada para palestrar sobre um tema já pré-determinado. O interessante nessa escala são as notas finais, reproduzidas a seguir:

- a) O tempo de aula deve situar-se de preferência entre 40 e 60 minutos.
- b) Se não puder fazer seu estudo, por motivo justo, peça, com antecedência, para que alguém o prepare. Não fazê-lo, nem passá-lo a alguém é uma atitude de desrespeito à Casa Espírita.
- c) Frequente e participe dos estudos. Espírita que não estuda é como enxada cega: inútil e perigosa.

Chama-se a atenção para a responsabilidade que o indivíduo deve ter ao se compromissar com alguma atividade do centro espírita. É estabelecida uma contradição a partir do momento em que se impõe uma responsabilidade e a espontaneidade deixa de ser um elemento fluido. É possível também verificar nesses lembretes a importância da pedagogia espírita para se construir uma competência, pois caso contrário, a pessoa se torna “inútil e perigosa”, assim como uma “enxada cega”.

A necessidade de controle do trabalho voluntário, por exemplo, fica explícito no depoimento a seguir:

Agora o voluntário, a casa tem um critério, não é por que: ah, eu vou lá para servir e eu posso fazer o que eu quero, da forma que eu quero, do jeito que eu quero. É claro ele pode doar o trabalho na hora que ele tem disponibilidade, entretanto aquele horário, você pode ver que, hoje por exemplo, teve voluntário

que chegou mais cedo, outros mais cedo ainda, outros chegaram mais tarde, uns vão sair mais cedo, outros vão sair mais tarde, uns vem, ajuda e vai embora, outros ficam para ajudar a evangelização da noite que vai ter, nas atividades, outros chegam mais tarde ainda lá para seis, sete horas, alguns vão embora logo depois porque hoje tem um culto de evangelização e vão embora, outros ficam para peregrinação que nós fazemos toda terça, recebemos as verduras nós vamos nos bairros levar. Agora tem um critério. E não vai dizer que não tenha, que não encontra um voluntário inadequado, encontra. Então a gente faz uma proposta para que ele entre no critério que a casa oferece para as atividades. Infelizmente se ele não tiver adequado, é diferente: “Olha, muito obrigado”. Mas pouquíssimas vezes aconteceu isso, pouquíssimas, mas aconteceu, infelizmente, da gente ter que convidar um voluntário para se limitar a condição somente de beneficiário da casa: “Não, muito obrigado. Está cheio.” “Não, muito obrigado, porque não é bem isso”. Então já aconteceu. (REPRESENTANTE CEU-02)

Não restam dúvidas de que sobre o trabalho voluntário dos centros uberabenses, por mais que se afirme o contrário (vide falas anteriores) é exercido um controle. Este não é explícito e formal. Ele acontece de maneira informal e fluida, entranhado na convivência entre os voluntários da casa espírita.

Não, não existe [controle de frequência e assiduidade] não. A única coisa que a gente fala para os mais íntimos é: “Puxa, você não compareceu”. (...) Às vezes eu falo assim: “Não vou”. Aí tem gente que fala: “Tem que ir”. (REPRESENTANTE A-AME)

E ainda complementa:

Creio eu que nos centro maiores talvez tenha necessidade de um controle, mas não um controle rígido que vai partir para burocracia, mais assim quando alguém sair, alguém tem que chegar. Por exemplo, vai dar passe, suponhamos que de 8 as 11 horas troque a equipe, então aquelas pessoas que assumiu de 8 as 11 horas vai encerrar, então aquele outro grupo, precisa avisar se alguém não comparecer. É muito mais no sentido de organização e de compromisso com os companheiros e com a espiritualidade. Eu não vou, eu não posso então vamos ver se alguém pode me substituir, eu creio ser mais neste sentido do que de controle. Se controlar vai fugir do objetivo. Se for por controle, foge. Tem ORGANIZAÇÃO [grifo do entrevistado]. (REPRESENTANTE A-AME)

A partir do exposto, é possível pensar que, nos centros espíritas, organização, controle e conflito se estabelecem de forma diferenciada em relação a outros tipos de organizações. Existe, de um lado, a necessidade de se organizar e controlar o trabalho para a consecução dos objetivos do centro e, de outro, a liberdade, a espontaneidade e fluidez inerentes à doutrina espírita em Uberaba.

Independentemente dos conflitos que possam surgir em função do confronto acima exposto, é certo que as atividades dos centros espíritas têm continuidade e são mantidas ao longo do tempo. Basta observar que muitos dos centros foram criados há mais de trinta anos e os mesmos existem até hoje. (Vide mapa do Apêndice C). As atividades assistenciais desses centros, portanto, perduram.

No próximo item serão abordadas, com mais detalhes, essas atividades e suas características.

6.3 – Pão material e Pão espiritual

Nesse tópico, reúnem-se as principais atividades desenvolvidas nos centros espíritas de Uberaba que, por meio desses trabalhos, têm o seu objetivo maior – a prática da caridade - alcançado. Tanto o “Pão material” quanto o “Pão espiritual” representam as atividades de assistência social. O primeiro atende às demandas imediatas do necessitado, enquanto o segundo está voltado para uma perspectiva de médio/longo prazo¹². (Vide quadros 07-09 dos Apêndices E-H).

A escolha desses termos para categorizar as atividades de assistência social espírita foi em função de sua utilização pelos representantes das organizações espíritas. É dada ênfase à importância de se atender, por meio do “pão material”, a necessidade imediata da pessoa que procura o centro espírita, como também de dar a possibilidade desse indivíduo de receber, posteriormente, o “pão espiritual”:

Quem está com fome, precisa de comer. Tem muita gente que fala que aquela pessoa está precisando espiritualizar-se, mas na hora que ela está com fome, que a criança está com fome, tem que ter leite, tem que ter pão, tem que ter arroz, tem que ter feijão. (REPRESENTANTE A-CEU-01)

Então, surge aí para nós um momento agora de ORGANIZAÇÃO [grifo do palestrante], para que possamos atender nas casas espíritas, no movimento espírita, da melhor forma possível, aqueles companheiros que vão atrás do evangelho de Jesus. Seja apenas como um estudo doutrinário, quando chegam já conduzidos para isso, ou também, e principalmente, através da assistência social. Porque embora chegue a procura do pão material, todos nós queremos e precisamos é da forma espiritual. (REPRESENTANTE A-FEB)

É ressaltado pela FEB, no entanto, que a assistência prestada pelos centros espíritas nunca deve se restringir apenas ao “pão material”. Para tanto, busca-se o conceito de “caridade” de acordo com o Livro dos Espíritos:

Mas se nós formos procurar o fundamento mesmo, o fundo, aquela pergunta 886 do Livro dos Espíritos, que é aquela questão que diz assim: “qual o verdadeiro sentido da caridade, como a entendia Jesus?” - a pergunta de Kardec. E os Espíritos respondem: “Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas”. Esse é o sentido da caridade. Vocês vêem que aqui no Livro dos Espíritos o conceito de caridade,

¹² Importante ressaltar, todavia, que a assistência dada é uma mescla da assistência social (Apêndice E) aliada às atividades de assistência espiritual (Apêndice G) e as propriamente religiosas (Apêndice F).

como entendia Jesus, ou seja, é o conceito do Cristo que os Espíritos estão trazendo para a doutrina espírita e não fala nada de ajuda material, quer dizer não enfatiza, está implícito, claro, mas não enfatiza. São só coisas do relacionamento humano, benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas. Então, o conceito de caridade está fundamentado no relacionamento humano. É claro que nós vamos ter benevolência com o outro, fazer o bem, você estar motivado para fazer o bem a essas pessoas. Aí você vai pesquisar essas necessidades dessas pessoas e se essas necessidades são de recursos materiais, você vai fornecer recursos materiais. A caridade começa com a benevolência para chegar ao efeito material e não o contrário, o que muitas vezes a gente entende. Então, é a benevolência, é a indulgência, é a tolerância, é o entendimento do outro, é o perdão, que vai levar a compreender a necessidade do próximo e assim a ajudá-lo de alguma forma. (REPRESENTANTE B-FEB)

Insiste-se na idéia de que o auxílio material é um meio, e não o fim da benevolência como princípio da caridade. Os representantes da AME em Uberaba também compartilham essa idéia, salientando que o objetivo maior da Aliança é o atendimento da parte doutrinária e a iluminação do espírito. Ainda ressaltam:

Agora na caminhada se você vê alguém caído, você estende o braço. É o que a gente faz. Mas nós não vamos resolver o problema do mundo, não é nosso objetivo, mas a gente faz igual aquele pássaro que viu pegando fogo na floresta, começou a jogar água com o biquinho o leão falou: “Mas como você é bobo, você acha que vai apagar o incêndio?”. “Não vou não, mas estou fazendo minha parte”. Então nós estamos fazendo a nossa parte. (REPRESENTANTES A e C-AME)

A “iluminação do espírito”, entretanto, não está restrita somente à questão doutrinária. Entende-se que a educação é o meio pelo qual irá se combater a fome, entendida não apenas pelo seu aspecto material, ou seja, alimentada pelo “pão material”, mas, principalmente, compreendida pelo seu aspecto de longo prazo:

Então este projeto, dentro desta metodologia, ele tem a obrigação, a função de combater a fome, a violência, a desigualdade social, promover a igualdade social, mas de que forma? Combater a fome então, levando a cesta básica? Não. Nós já dissemos que aquilo não combate a fome. Levar a cesta básica a gente nem sabe se a pessoa carente vai usar para as necessidades essenciais de matar a fome. Às vezes ele pega e troca por pinga, nós sabemos disso. Então é através da educação. (REPRESENTANTE CEU-02)

Para corroborar a necessidade de conciliar os dois aspectos da assistência social, complementa, fazendo alusão à metáfora do “dar o peixe ou ensinar a pescar”:

Foi na ação fraterna que a gente descobriu que precisa fazer uma ponte para essas pessoas, dar a mão, orientando. E aí às vezes que a gente é mal interpretado, porque muitas pessoas dizem que nós temos que ensinar as pessoas a pescar, não é ficar dando o peixe. [Mas] tem pessoas que não sabe nem onde está o rio, não tem nem a vara de pescar. Às vezes não tem nem força para caminhar até o rio, ou seja, não tem oportunidade. Então a idéia é essa: amparar, criar um caminho, sinalizar um caminho para que ele então lá na frente ele possa por si só resolver o seu problema, não ser um problema social,

ele resolver o problema dele e ser também um multiplicador.
(REPRESENTANTE CEU-02)

Os espíritas uberabenses insistem que o meio para que seja viável ofertar o “pão espiritual” é oferecendo, em um primeiro momento, dependendo do caso, o “pão material”. Oferece-se, inicialmente, a sopa, alimentando imediata e materialmente, e depois parte-se para o alimento espiritual, em que, numa perspectiva de longo prazo, tem-se como foco a criança, representante maior de um futuro permeado por esperanças.

6.3.1 – Sopa

A sopa é um símbolo da assistência material espírita, do “pão material”. Ela representa, genericamente, um conjunto de atividades que suprem as necessidades imediatas dos assistidos, conforme divisão apresentada no quadro 07 (Apêndice E).

O depoimento a seguir esclarece, resumidamente, como deve ser a dinâmica assistencial de uma organização espírita:

Quando nos aproximamos e descobrimos o que as pessoas precisam, o que elas necessitam nós vamos primeiro atender as necessidades imediatas, aí nós vamos dar um prato de comida, nós vamos dar a sopa. Todas as vezes que a gente fala deste assunto é bom a gente reforçar, ninguém está contrário de que se dê a sopa, que se dê a cesta básica, o manual não está dizendo isso não: “não dêem mais a cesta básica, não dê mais sopa”. Não é isso. Tem que atender as necessidades imediatas. Se a pessoa está com fome, nós vamos primeiro arrumar emprego pra ela? Dar orientação evangélica? Se a pessoa está com fome? Não, nós temos que atender as necessidades imediatas. Agora o importante é que nós não paremos aí, a questão é que muitas vezes nós achamos que nossa obrigação é só essa e achamos que cumprimos o nosso dever apenas atendendo. (REPRESENTANTE B-FEB)

O depoimento acima ilustra bem a necessidade de se suprir, imediatamente, as carências básicas da pessoa que procura o centro espírita. No entanto, é possível verificar também que a ação não deve se restringir apenas ao momento. É necessária uma continuidade dessa assistência, nesse caso já voltada para as atividades representadas pelo “pão espiritual”, conforme será comentado no tópico seguinte.

Antes, imperativo comentar que, mesmo afirmada essa perspectiva de não apenas atender a esse imediatismo, por meio de ações paliativas, assistencialistas, os espíritas uberabenses têm consciência de que tais atividades são alvo de críticas e eles mesmos têm as suas próprias. Expressões como “mendicância profissional” e “ajudar a malandragem” foram utilizadas para caracterizar essas críticas.

Atualmente, tem dois anos que a gente não faz a cesta básica [no Natal], porque o pessoal... você sabe... é assim... quem ganha sempre tem o seu ladinho de... então tava acontecendo muito... porque tem muita gente... acontecendo muito dessas cestas estarem sendo vendida [sic]. Aí nós fomos alertados, e aí nós vamos dar um tempo. A própria pessoa que estava vendendo falou, “olha, vocês pedem para um e pedem para outro, a gente vê a dificuldade de vocês, só que estão vendendo, eu mesmo comprei algumas.” (...) É porque não ganha só num centro espírita, não é? Agora a nossa era uma cesta boa, muito boa mesmo, quando a gente fazia. Aí já tem dois anos que a gente já não está mais trabalhando a cesta do Natal. A gente faz uma macarronada, toda a véspera, a gente faz a macarronada para distribuir para o pessoal. Ao invés da sopa, a macarronada (REPRESENTANTE CEU-04)

O Representante CEU-08+OEU-01 é bastante incisivo ao expressar a sua não concordância com a sopa e enumera alguns motivos para tanto. Segundo ele, algumas pessoas que freqüentam a sopa são indivíduos que já tentou ajudar, indo à casa da pessoa, tentando arrumar emprego. No entanto, não param de fumar, não param de beber,

arrumaram dinheiro para beber, arrumaram dinheiro para fumar, eles nunca arrumaram dinheiro para comprar arroz, feijão ou arrumar comida para o filho. Aí vem aqui come bastante e depois levam a sopa, porque o dinheiro que eles iriam fazer o almoço melhorzinho ou que seja arroz, feijão, uma carniinha moída para os filhos comerem, eles compram um litro de pinga, tomam pinga o dia todo. (REPRESENTANTE CEU-08+OEU-01)

São fatos que pôde constatar e por isso não concorda com a frase “faz o bem e não olha a quem”.

Pois não eu deveria fazer o bem e olhar a quem? Eu deveria então pelo menos saber quem precisa para eu fazer o bem, que quisesse que eu fizesse o bem para ela. Então que eu não gastasse o dinheiro fazendo a sopa com uma carne boa, verdura de primeira, tudo para poupar o dinheiro e dele comprar a pinga, e o cigarro, e a maconha, e a droga. Então a gente poderia guardar o dinheiro para a mãe que chega aqui e diz: Eu estou trabalhando, mas, o dinheiro eu comprei o gás, eu paguei a luz, eu paguei a água e não tenho dinheiro para comprar o leite, então dá o dinheiro para comprar o leite. Então eu acho que sopa é mais para eu ajudar o acomodado a ficar acomodado, só isso, eu acho que não estou contribuindo com nada. Então eu acho que não estou ajudando ele não. (REPRESENTANTE CEU-08+OEU-01)

Transparece certa revolta desse representante com a postura conservadora de alguns espíritas em Uberaba em manter essa prática da sopa.

Existe muito conservadorismo, porque são pessoas que são os chefes destes grupos das sopas são pessoas de quando começaram o centro, que conservaram a mesma forma de pensar e que era feito há 30 anos atrás: “Por que não vai ser feito agora?”. “E a gente faz o bem sem olhar a quem.”. “Então nós fizemos a nossa parte, eles que fazem a deles”. Cada um preserva sua forma de pensar. Eles conservam, preservam, acham que estão certos. Eu acho que nada melhor do que ter sua consciência tranqüila, você fez o seu papel. Se você está com sua consciência tranqüila, está tudo certo. Então se eu vier fazer sopa não vou estar com minha consciência tranqüila. Aquelas horas que eu estou dedicando a

descascar a batata, a picar a cenoura para aquele moço que não vai dar o valor devido à minha sopa, eu poderia estar dando banho no bebê, eu poderia estar fazendo companhia a uma pessoa que está, ou uma amiga minha que está chorando, passando por uma coisa seria. Então eu vou ter certeza que eu vou ajudar muito mais que a este rapaz. É isso que eu chamo de abnegação. (REPRESENTANTE CEU-08+OEU-01)

Independente de ser uma crítica interna ao movimento espírita, ou externa, sempre há uma resposta pronta:

A gente tem muito questionamento, eu tenho um irmão que já me questionou muito: “Ah, eu acho que vocês estão ajudando a malandragem!” Eu falo com ele, “você nunca passou fome, quem já passou fome sabe, então não por aí”. Acho que ao invés da gente criticar, podendo fazer alguma coisa, vamos fazer. (REPRESENTANTE CEU-03)

“Fazer alguma coisa” ao invés de simplesmente criticar é a postura adotada, mesmo sob a mira de ataques críticos, alguns bem fundamentados. O “fazer alguma coisa” pode estar ligado, como já explicado anteriormente, não apenas à assistência material, como também se relaciona ao “pão espiritual”. Para fazer frente à dependência do assistido frente à instituição assistencial, combatendo, por conseguinte, a “mendicância profissional”, a solução encontrada é a educação e conscientização da criança, que passa a ser foco de ações que buscam retirá-la de um ciclo vicioso, hereditário, de miséria (material e moral), conforme será visto a seguir.

6.3.2 – Foco na criança

Assim como a sopa é o símbolo do “pão material”, o foco na criança é a representação do “pão espiritual”. Nesse conjunto de atividades é possível identificar aquelas que representem a potencialização de um futuro. Nesse sentido, a criança¹³ é o ícone da maioria dessas atividades. (Vide quadro 07, apêndice E)

O depoimento a seguir exemplifica o despertar de consciência para a necessidade de eliminar a dependência e de se quebrar o ciclo vicioso:

Dentro de um ano, já a instituição distribuindo sopa, cristianizando as crianças, evangelizando, levando brinquedos para as crianças, nós fizemos um balanço e vimos que tinha uma coisa a mais para reclamar da gente. Não era só levar

¹³ O foco na criança é mais uma característica particular do Espiritismo brasileiro e da assistência por ele praticada. Para se ter uma idéia, no estatuto do centro espírita francês (CEE-01), por exemplo, é proibida a presença de crianças ou de pessoas que não atingiram a maioridade legal segundo a legislação francesa: “Nenhum membro que não tenha atingido a maioridade legal segundo a legislação francesa poderá ser admitido na associação. As reuniões são estritamente interditadas às crianças.” (ESTATUTO CEE-01, tradução nossa)

sopa, levar um pouco de educação, porque a criança que no ano passado nós atendemos ou o pai, ela continuava lá esperando a gente chegar com o presente. Então, estava praticamente num ciclo vicioso e a gente pensou: será que é isso que Jesus espera da gente? Será que ele espera que a gente só fique levando alimento para a matéria e alimento para o espírito? Aí nós acentuamos mais a proposta de educar. (...) A idéia é, além de trazer a evangelização das crianças, o atendimento fraterno, também quebrar o ciclo vicioso, fazer com que ele seja independente, não fique totalmente na dependência da ação fraterna, como foi o que a gente notou, porque a gente via que era uma coisa hereditária. (REPRESENTANTE CEU-02)

O meio encontrado para atender a essa demanda assistencial voltada para a criança é sua a “evangelização”.

O trabalho mais importante de QUALQUER centro espírita é o que nós chamamos de EVANGELIZAÇÃO DA CRIANÇA, não é torná-la espírita não, é torná-la um homem íntegro. Então o Espiritismo trabalha sempre com os olhos no futuro. Para nós, é muito mais importante formar estes jovens do que ficar mil vezes oferecendo esmolas, esmola é uma palavra pejorativa, você entendeu o que eu quis dizer? A prática da caridade é importante porque quem tem fome tem pressa. Mas se eu pego uma criança e tiro ela da escuridão da ignorância e mostro para ela o caminho profissionalizante e mostro para ela que ela pode ser alguém na vida, eu dou instrução a esta criança, nós temos trabalho de reforço escolar, então o que acontece? Eu estou dando oportunidade para aquela pessoa no futuro não ser mais um na vida, mas ser ALGUÉM que faça a diferença. Então os mentores [espirituais] advertem isso diariamente: a prioridade absoluta no centro, não é trabalho de desobsessão, como muitos centros insistem em dizer, que é o trabalho de cura dos espíritos enfermos e das pessoas que são influenciadas por esses espíritos, não é nada disso. O trabalho mais importante são das crianças, formar os homens do amanhã, é a evangelização das crianças.” (REPRESENTANTE A-CEU-07, grifos do entrevistado)

Esse entrevistado enaltece o trabalho das evangelizadoras, chamando-as de “heroínas anônimas”. São pessoas que muitas vezes são paupérrimas e mesmo sem serem remuneradas, compram com o dinheiro delas giz e material didático.

Eu vejo essas evangelizadoras são pessoas assim, são maravilhosas. São pessoas humilíssimas, silenciosas, são mulheres, por exemplo, de chegar na sala de aula, o menino tirar o pênis para fora e dela contornar aquilo com elegância, com amor cristão, a ponto dele ficar depois envergonhado, mas de ser agredida com palavras, ofensas e daí para fora. (REPRESENTANTE A-CEU-07)

Afirma que acaba existindo uma transferência de responsabilidade dos pais em relação à educação de seus filhos, que passam a recebê-la das evangelizadoras do centro espírita. Alguns pais vêem também nesse trabalho a possibilidade de seus filhos serem alimentados, pois, na evangelização, eles recebem lanche.

Descreve, ainda, o conteúdo básico da evangelização das crianças que vivem na periferia:

“Não julgueis para não ser julgado”, “quando você aponta um dedo tem quadro

na sua direção”, “olha, não calunie”, “aprenda a amar”, “perdoa”, “perdoa”, “perdoa”, (...) “amar o próximo”, “não julgar”, “não doer, doar”. Ficam ali basicamente trabalhando o evangelho, que é o livro maior a nível moral, que resume o conteúdo moral. (REPRESENTANTE A-CEU-07)

Tal conteúdo, no entanto, pode variar de acordo com o público que frequenta o centro e o bairro em que este está localizado:

No [CEU-07], por exemplo, são crianças da vizinhança que nem sempre os pais são espíritas, mas que mandam os filhos. Interessante, não é? (...) Os problemas dos meus alunos eram pais separados, eram brigas, eram conflitos no ar. A gente trabalhava isso com eles também e alguns casos de drogas de iniciação com drogas. Mas eu tenho colegas evangelizadoras, que trabalham em bairros de periferia, e que é um sofrimento terrível porque elas trabalham com crianças que não são filhos de marginalizados, ou vamos dizer assim de pessoas que se encontram momentaneamente na bandidagem, são os próprios adolescentes é que já estão envolvidos em prostituição, em tráfico de drogas, em uso de entorpecentes, em alcoolismo e em toda forma. Eu estou te dizendo adolescentes, crianças de doze anos, de onze anos, de nove anos, que elas convivem e eles vão à evangelização (REPRESENTANTE A-CEU-07)

A FEB, por sua vez, chama a atenção para os cuidados que se deve ter com esse trabalho de evangelização, pois ele deve ser educativo, mas nunca impositivo. Ainda explica:

Nós vemos que no trabalho assistencial a nossa clientela não é uma clientela espírita, no geral, são pessoas que vem de todas as religiões e pessoas até sem religião alguma. Nós queremos fazer um trabalho não apenas de assistência, de auxílio, de prevenção, de promoção, de integrar o indivíduo na própria sociedade, de evangelização, de orientação espírita, orientação doutrinária, com assistência espiritual, mas não podemos fazer isso de modo impositivo, não podemos condicionar, por exemplo, o pessoal só vai receber o auxílio se assistir a reunião! Integrar a atividade de evangelização do centro espírita, nós não podemos porque seríamos violar a própria consciência da pessoa que está ali. (REPRESENTANTE B-FEB)

Em algumas casas espíritas, como é o caso do CEU-02, algumas crianças não apenas estão envolvidas com a evangelização, como também se envolvem em outras atividades do centro, como voluntárias. Segundo o representante desse centro, os pais dessas crianças permitem esse envolvimento maior porque acreditam que é uma forma de evitar que fiquem na rua à mercê da malandragem/bandidagem. No relacionamento que é estabelecido entre o centro e a criança fica clara a idéia acima exposta de não se condicionar o recebimento de uma assistência:

Agora eles [crianças] levam, obviamente nós entendemos que é necessário. Entretanto a gente tem uma cautela, para que eles não criem essa mentalidade de vir para buscar. Vir para servir. Então a gente criou um lema: Primeiro nós temos que servir, para depois ser servido. A gente fala: Tal dia você pode levar isso, então a gente vê as necessidade e leva. Mas a gente deixa claro que primeiro ele serviu, mas pra ser uma coisa espontânea e não obrigatória, uma troca, uma barganha.

Fica explícito o tênue limite entre aquilo que é espontâneo e aquilo que é imposto. A imposição talvez não seja do centro espírita, mas a própria situação de miséria em que a criança e seus pais se encontram impõe o seu envolvimento com a casa espírita, em busca de auxílio. Os centros, na medida do possível, tentam abrigar essa criança, atendendo a essa transferência de responsabilidade relativa à sua educação. Preocupam-se com a formação desse indivíduo, tentando evitar que ele herde de seus pais a miséria, tanto material como moral, e passe a reproduzi-las para seus próprios filhos, num ciclo vicioso. Atendem às demandas da população que frequenta o centro de acordo com o seu perfil, conforme fica explícito no tipo de conteúdo que é dado nas reuniões de evangelização de crianças, que varia de acordo com o público e a região em que a casa espírita está inserida. As evangelizadoras, como responsáveis por todo esse esforço, são consideradas heroínas por sua dedicação.

Em suma, foi tratado até o momento as características das atividades assistenciais que estão no centro das atenções das organizações espíritas. São por meio delas que a máxima “Fora da caridade não há salvação” é colocada em prática.

Além das atividades acima descritas como “pão material” e “pão espiritual”, representantes daquilo que Giumbelli (1995) categorizou como “Assistência Social Espírita”, os centros espíritas também desenvolvem outros trabalhos voltados para as atividades religiosas, em si, e para as atividades de assistência espiritual. Os quadros 08 e 09 (Apêndices F e G) resumem cada uma delas e o que foi observado sobre elas na realidade de Uberaba.

No entanto, para este trabalho, como já explicado anteriormente, o interesse volta-se especificamente para as atividades de assistência social espírita, o que não quer dizer que todas essas atividades não interajam, pois estão imbricadas umas às outras no contexto dos centros espíritas uberabenses. No quadro 07 (apêndice E), por exemplo, Giumbelli (2005) inclui o conceito “promoção humana” como sendo de assistência social, sendo que tal conceito engloba atividades como escolarização, profissionalização e evangelização. Essa última é categorizada pelo antropólogo como uma atividade religiosa, conforme se pode ver no quadro 08 (apêndice E). Isso demonstra como existe um inter-relacionamento entre todas as atividades, independente de qual categoria cada uma foi classificada.

O trabalho discutiu, até o presente momento, as relações que se estabelecem nessas organizações. Entretanto, o modo de gestão é influenciado tanto por fatores internos como externos (CHANLAT, 1996). O “Mundo de Deus” em que prevalece o “Fora da caridade não há salvação” (fatores internos) faz contraponto e se complementa com o “Mundo de César” (fatores externos). É possível pensar que, a partir de suas convergências e divergências, enfim, de suas dinâmicas, os dois mundos se complementam na construção do modo de gestão da assistência social espírita em Uberaba.

7 – RELAÇÕES COM O MUNDO DE CÉSAR

“Dai a César o que é de César” é uma fala de Jesus presente no *Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Alan Kardec, que ilustra a separação entre o mundo dos homens e o mundo divino, e, ao mesmo tempo, mostra que esses dois mundos, apesar de separados, estão imbricados.

Para os espíritas, “dinheiro” é concebido como “moeda de César”, as leis humanas como “leis de César”, “governo” como o próprio “César”. Nesse sentido, o “mundo de César” faz contraponto com o “mundo de Deus”, o humano com o divino.

O mundo de César é alimentado de quê? Da moeda de César. (...) A questão da gente virar um mero repassador de recurso financeiro do governo, do César, (...) porque quando a gente faz a caridade no centro espírita, segunda a doutrina de Jesus, é uma oportunidade para gente de crescimento. Agora quando a gente fica aqui, pegando o dinheiro do César, do mundo, pega com essa mão e passa para essa, a gente, fez alguma coisa? (REPRESENTANTE A-FEB)

As leis do homem, a gente convive bem com elas até porque, como eu te disse anteriormente, Jesus deixou uma explicação para tudo. Aquela parte que diz assim: “dai a César o que é de César” se refere a isso e “a Deus o que é de Deus”. Então enquanto estamos aqui nós temos que obedecer fielmente e docilmente as leis dos reis da terra, então a gente respeita e entende, porque é necessário, senão nós estaríamos fora da proposta cristã. (REPRESENTANTE CEU-02)

A partir desse entendimento dicotômico, serão apresentadas algumas diferenças que existem entre as leis divinas e as leis humanas, segundo a concepção espírita; relatados os conflitos doutrinários relacionados aos recursos financeiros (moeda de César); analisadas as relações que se estabelecem com o poder público (César) e o segundo setor (alimentado pela moeda de César); e, por fim, discutidas algumas questões sobre as relações entre os diversos centros espíritas de Uberaba e as convergências e divergências que existem no atendimento aos anseios do mundo de César.

7.1 – Leis divinas X leis humanas

A lei divina, ela é colocada pra nós por Deus, para servir justamente de parâmetro para nossa evolução, que é nosso objetivo maior. E a lei humana, ela vem tentando, imperfeitamente, na medida das nossas condições evolutivas, copiar este paradigma divino que é o Evangelho. Então a lei humana evolui? Evolui. Muito. (REPRESENTANTE A-FEB)

Apesar da fala acima reconhecer que existe uma evolução das leis humanas na tentativa de copiar, imperfeitamente, as leis divinas, foi possível reconhecer diversas zonas de atrito entre o que preconiza a doutrina espírita e aquilo que determina a lei dos homens. Serão utilizados três exemplos que ilustram essa relação: a Lei do Serviço Voluntário, o contrato de comodato com o zelador e as alterações impostas pelo Novo Código Civil de 2002.

O primeiro exemplo é relacionado à Lei do Serviço Voluntário (9.608/1998) que foi criada para regulamentar as relações de trabalho dentro do terceiro setor. Segundo o Representante A-FEB, tal criação tem sua origem no fato de muitas pessoas se envolverem com o trabalho voluntário em organizações do terceiro setor e depois recorrerem ao poder judiciário, por meio de ações trabalhistas. No sentido de tentar se eximir de arcar com as consequências desse tipo de ações, a FEB passou a orientar e incentivar, veementemente, a utilização do “Termo de adesão ao serviço voluntário”.

Quem é que deve assinar o termo do voluntariado? Qualquer pessoa cuja atividade possa ser caracterizada como relação de emprego, ou seja, TODOS do centro. (...) Na dúvida, a gente tem mandado todo mundo assinar, porque é melhor se precaver. É melhor se precaver. Qual o problema de na ficha constar que ela é um trabalhador voluntário? (...) Assina! Qual o problema? “Ah, você não pode duvidar da minha moral ilibada!”. Se ele está melindrado, deixa ele melindrado. A casa espírita como instituição tem que sobreviver, COM o atestado dos trabalhadores dela. É praxe. Uma pessoa esclarecida, você chega e fala: “Você para participar, é regra da casa as pessoas assinarem”. Já ouvi muita gente falar: “Ah, você está pensando que eu sou desonesta”. Quer dizer, distorce tudo para o lado pessoal. (...) Eu já vi diretores de instituições grandes virem tomar satisfação disso: “Eu não vou assinar isso!”. A pessoa tem que dar o exemplo, e chega lá rodando a baiana, desculpe a expressão, dizendo que não vai assinar. Qual o problema de assinar um papel? Eu não estou dando um cheque em branco. Eu estou exonerando a instituição que eu estou trabalhando, que é espírita, de um problema depois. Qual o problema, qual a dificuldade? (REPRESENTANTE A-FEB, grifos do palestrante)

O ato de controlar deliberadamente o trabalho voluntário, como ficou claro no item que tratou sobre o assunto, é vilipendiado pelos espíritas uberabenses. Logo, a utilização do “Termo de adesão ao serviço voluntário”, é encarada como uma tentativa de controle e por isso desprezada pelos dirigentes entrevistados:

Da AME não tem necessidade porque o nosso raio de ação de pessoas é muito pequeno. Da diretoria, com os departamentos são poucas pessoas. E são pessoas que estão na doutrina muito tempo e que não estão preocupados com a lei do voluntariado, não quer saber desta lei, não quer saber quem fez esta lei, porque a gente trabalha por ideal. Então a gente não está preocupado. Se falar para a gente assinar, a gente pode até assinar, mas com a carinha meio feia, isso é verdade, porque eu vou ser a primeira a fazer careta. Mas existe casa espírita que talvez seja necessário sim porque o pessoal pode ir pra justiça. (REPRESENTANTE A-AME)

Acredita-se que, para o caso dos centros espíritas, não haja necessidade da assinatura de tal termo, pois, segundo os entrevistados, ele tem mais valia em outros tipos de organizações espíritas, tais como hospitais, creches, em que as exigências para com o trabalhador são maiores.

Agora, nós nas casas e centros espírita, em geral, é trabalho de sopa, de costuras, ninguém está muito preocupado, aliás ninguém nem conhece. Se você pergunta sobre a lei do voluntariado, nas casas espíritas, todos os trabalhadores, talvez 90% nem se lembre, porque estão lá mesmo para trabalhar, não estão preocupados com isso não. Foi uma criação inadequada, que vem lá de cima, para perturbar o trabalho das casas que antigamente eram só por idealismo. Hoje já querem colocar a gente de acordo com as leis humanas e nós rejeitamos porque as leis divinas já estão suficientemente boas. (REPRESENTANTE A-AME)

Rejeitam-se as leis humanas tendo em vista a perfeição das leis divinas, suficientes para o bom andamento dos centros espíritas. Fica explícito, portanto, a resistência para se aceitar as regras do mundo de César.

Contraditoriamente, para o caso específico do relacionamento com o zelador de um centro espírita, é recomendada a utilização do contrato de comodato tendo em vista que, no passado, já houve a necessidade de se lidar com esse problema:

Quando tem um zelador numa casa espírita tem que ter o contrato de comodato, porque ele pode ir na justiça. (...) Como já foi, aqui em Uberaba, já foi porque como as casas espíritas começaram com muita simplicidade, a pessoa chega muito necessitada, você acolhe. Como foi o caso que a gente está lembrando aqui mentalmente. Aí quando a pessoa fica boa, ela esquece daquele primeiro momento. A família. Não é nem o casal, é a família, são os descendentes. Aí eles acham que o pai e a mãe têm direito, uso capião, essas coisas, porque dedicou a vida inteira para o centro, mas eles dedicaram por livre vontade. Mas aí é outro pensamento. Por isso é preciso fazer o comodato, o contrato de comodato quando se usa a presença do caseiro. (REPRESENTANTES C e A-AME)

Mesmo havendo esse histórico, um dos centros espíritas pesquisado tem uma pessoa que toma conta, morando em uma casa anexa, e o representante desse centro declarou desconhecer qualquer caso de ação judicial de trabalhador voluntário contra centro espírita em Uberaba:

Para te falar a verdade, eu não conheço nenhum caso aqui em Uberaba, se tem eu não conheço. E para nós ali também, nós nunca tivemos este problema, a bem da verdade se [o zelador] quisesse... Se aparecer um advogado (...) e começar fazer perguntas, ele vai orientá-lo para que ele fique com aquela parte do centro para ele, por exemplo. Mas até hoje nós não tivemos aqui, em Uberaba, eu não tenho notícia de nenhum problema desta ordem. Igual no centro ao lado do nosso lá tem um casal que mora lá, que zela, mas bem enfrontado com os princípios e tudo mais. (REPRESENTANTE CEU-03)

O fato acima comprova que a Aliança Municipal Espírita não incentiva os dirigentes a se precaverem de possíveis ações judiciais futuras. Mesmo tendo conhecimento de um caso ocorrido em Uberaba, o mesmo não foi divulgado para todos os centros de tal forma que tomassem consciência de tal ameaça. Tal aspecto será explorado mais detalhadamente no item “Relações entre pares”. No momento, resta comentar apenas que é nítida a resistência da AME para aceitar as determinações do mundo de César.

Uma outra imposição do “César” foi o Novo Código Civil, lançado em 2002, que representou uma reviravolta relativamente à concepção de pessoa jurídica dos centros espíritas. A nova Lei apenas considerava três tipos de instituições como pessoa jurídica de direito privado: as associações, as sociedades e as fundações. Diante da necessidade de alteração, os centros espíritas se mobilizaram e alteraram os seus estatutos, caracterizando-se como “associações”:

Diante da solicitação do novo código brasileiro, [foi elaborado] um estatuto e [foi feita] uma reunião. Convidaram-se todos os presidentes dos centros, só aqueles que se interessaram, compareceram, um grande número, não é? E tomaram ciência de que havia necessidade da mudança, aí levaram o modelo e agora cada um na sua é que cuida da reforma do estatuto. A Aliança já fez a reforma do dela e a gente fala assim: seguir as leis humanas, para a doutrina espírita não tem muita importância, porque nós fizemos a mudança do estatuto no dia 20 de dezembro de 2003 e no dia 22 o senhor presidente da república alterou, criando outro inciso lá no artigo, e nós não precisávamos ter mudado naquela época de forma tão rápida. Mas a gente acompanha, isso é até é um ensinamento de Kardec, não é? No mundo a gente tem que acompanhar as leis humanas. Dá a César o que é de César.

A alteração mencionada foi a Lei 10.825/2003 que acrescentou duas outras pessoas jurídicas de direito privado no Código Civil de 2002: as organizações religiosas e os partidos políticos. Aditou, ainda, que a criação, a organização, a estruturação interna e o funcionamento das organizações religiosas são livres, sendo vedado, no entanto, ao poder público negar-lhes reconhecimento ou registro dos atos constitutivos e necessários ao seu funcionamento.

Resolvido, portanto, esse impasse jurídico, alguns centros espíritas permanecem atualmente caracterizados como “associações”, em função da mudança realizada anterior a essa alteração do código. Nos estatutos fornecidos pelos centros espíritas pesquisados, consta que eles fizeram a alteração estatutária em dezembro de 2003 para atender às demandas do Novo Código Civil, e nota-se que foi utilizada a denominação “associação”, acrescida de “religiosa” ou “espírita”, de tal forma a manter sua caracterização enquanto instituições religiosas.

A preocupação atual está voltada, mais especificamente, para o que determina a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) e a Resolução 191/2005 do Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS). Esta última restringiu às associações e fundações a possibilidade de serem qualificadas como organizações de assistência social. A partir dessa imposição, alguns centros espíritas, que ainda não tinham alterado os seus estatutos na época do lançamento do Novo Código Civil, fazem essa alteração agora para poderem ser qualificadas como organizações de assistência social e, dessa forma, fazer jus às subvenções do poder público. A FEB é contra esse tipo de alteração, pois, segundo ela, criou-se um grande problema:

O CNAS, todos os órgãos governamentais ligados a essa qualificação começam a exigir que a gente mude a nossa personalidade jurídica, como se a gente tivesse fazendo uma plástica. Eu não sou mais eu! Eu sou igual exigido ao mundo: tira o nome espírita, não, vira associação para você conversar com a gente. É isso que eles têm feito. Eles querem desqualificar, despersonalizar um ente que está previsto em lei. E isso é uma resolução. (...) Resolução não pode criar dever. Quando ela vai e restringe o reconhecimento de instituição de assistência social para associação e fundação, ela está restringindo direito de organização religiosa, que está previsto em lei, de ser reconhecido como tanto. (...) Para nós é ilegal e inconstitucional. Então nós temos orientado os centros espíritas, as casas espíritas, de que maneira? NÃO mudem os seus estatutos, porque vocês estão despersonalizando. E isso é sério, por quê? Você vai perder sua identidade. Porque se você é um centro espírita, você tem uma missão a cumprir como centro espírita, dentro da nossa ideologia doutrinária. (REPRESENTANTE B-FEB, grifo do palestrante)

Nos conflitos com as leis humanas que surgem ao longo da história dos centros espíritas, seus dirigentes buscam atendê-las dentro das possibilidades que a sua doutrina lhes permite. O próprio Evangelho Segundo o Espiritismo recomenda “Dai a César o que é de César”, numa tentativa de ensinar a seus adeptos a convivência com as leis dos homens. O Representante A-FEB, porém, faz ressalva,

porque tem coisas na lei que nós vamos interpretar também de uma maneira relativa. Quando a gente fala isso, não é incentivando vocês a serem desiduosos com a lei, mas achar um equilíbrio também. Porque eu vou ter leis que às vezes vão ser imorais, ilegais, inconstitucionais e anti-doutrinárias. Por exemplo: faz uma lei autorizando o aborto. Só porque a lei autorizou o aborto, nós vamos fazer aborto? “Ah, eu sou espírita, mas a lei saiu, estou no mundo de César, e Jesus falou que dá a César o que é de César.”. Não! Tudo é relativo. Temos que saber interpretar, nós estamos aqui na terra usando o cérebro solfejado por um coração. Razão e sentimento. Vamos raciocinar. A lei espírita é fé RA CI O CI NA DA. (REPRESENTANTE A-FEB, grifo do palestrante)

Reforça-se a idéia de que as leis humanas devem ser interpretadas sob a perspectiva da doutrina espírita, aliando fé e razão. Na tentativa de se aliá-las para

conviver com as leis do mundo de César, enfrentam-se vários desafios, muitos deles permeados por conflitos, em que a “moeda de César” está sempre envolvida.

7.2 – Recursos financeiros: conflitos

Em relação à sustentabilidade financeira, é possível afirmar que as organizações religiosas passam pelos mesmos dilemas que o restante das organizações do terceiro setor. De um lado, a necessidade de se manter no plano terrestre, e de outro, os conflitos inerentes ao trato com os recursos financeiros. Normalmente a manutenção ocorre por meio de doações da comunidade (incluindo nesse conceito tanto os próprios freqüentadores/trabalhadores dos centros espíritas quanto pessoas simpatizantes), subvenções do poder público e algumas raras parcerias com o segundo setor.

No caso dos centros espíritas uberabenses, ainda há o seguinte agravante:

É muito difícil manter uma instituição em que você tem encargos financeiros e não tem de onde tirar. E o Chico Xavier, enquanto vivo, ele era terminantemente contra qualquer tipo de atividade que fizesse, que lesasse os princípios cristãos ensinados por Jesus. Então ele não gostava de rifa, ele não era favorável a esse tipo de coisa. E nós também não gostamos no nosso centro, nós não temos este tipo de atividade. Muitos têm, nós não batemos contra, não julgamos, não contradizemos porque cada um sabe como é melhor administrar e os tempos evoluem também. (REPRESENTANTE A-CEU-07)

A preocupação em lesar os princípios cristãos passa a ser um impeditivo para a realização de algumas atividades que possam gerar renda para os centros espíritas. Reforça-se a idéia, também, de que não é feita campanha para se conseguir doações de recursos:

Você sabe por quê? Porque na doutrina espírita, a gente dá de graça o que de graça recebemos. Então, não é do nosso feitio. Se ganhar, nós aceitamos. Se você fala: “Olha eu tenho lá um tanto de tecido”, ou seja,” tenho lá uma caixa de copo”, isso a gente ganha, é porque a pessoa vê que gasta muito, por ela própria. Então a gente não faz campanha lá fora. (REPRESENTANTE CEU-04)

Aspectos doutrinários, portanto, influenciam a forma com a qual os dirigentes espíritas lidam com a questão financeira. A fala a seguir é bastante ilustrativa:

Nós temos um escrúpulo muito grande em mexer com dinheiro aqui dentro. Lá dentro do centro nós não recebemos nenhum tostão. Se alguém tem que acertar alguma coisa, nós viemos aqui fora. Porque tudo que temos aqui, infelizmente hoje nós não podemos viver sem o dinheiro, mas respeitamos muito o dinheiro,

mas respeitamos também a doutrina que não permite essas coisas.
(REPRESENTANTE CEU-05)

Outra idéia reforçada pelas falas dos entrevistados é a de transparência do centro espírita:

Então, se a gente vai funcionar uma conta bancária, nós levamos o nosso estatuto e nossa ata até o banco para provar quem que nós somos e porque que nós estamos fazendo movimentações financeiras em nome da instituição. Então, tudo isso aí é dentro da legalidade. Um detalhe muito importante: aqui não existe “Caixa 2”. Não existe caixa paralela. Tudo que se recebe se contabiliza e tudo que se compra e se vende é com nota. Entra com nota e sai com nota. Não existe NADA aqui sem nota fiscal. O centro espírita, mesmo ele sendo isento de impostos, nós fazemos questão de tirar nota de tudo o que entra e tudo o que sai. Não tem absolutamente nada que entra sem nota fiscal aqui na casa espírita. A não ser quando alguém doa uma cesta básica, ela traz a própria cesta básica que ela comprou. Mas se movimentar, qualquer movimentação financeira, se alguém prefere... tem gente que invés de comprar a cesta de natal agora, para ajudar nessa campanha de natal, ela prefere “Não, eu prefiro doar o dinheiro, porque vocês comprem tudo de uma vez, compra no atacado, sai mais barato.”. Então, no momento que ela doou, fez aquela doação financeira, tem o tesoureiro do departamento assistencial separado que contabiliza isso e depois, com a nota fiscal da compra do material, o dinheiro sai do caixa da instituição. Existe um contador profissional, e este não é um trabalho voluntário, que faz TODA a nossa contabilidade. Desde os livros, do departamento assistencial, tudo que você compra, que você gasta com Codau, com Cemig, com impostos, com taxas. Tudo que se gasta, de cinco centavos a qualquer outro valor, tem que ter um documento fiscal que dá cobertura a isso. Nós não nos envolvemos com essas questões que a gente ouve falar de “Caixa 1” ou “Caixa 2”, ou caixa de qualquer espécie. Existem DOIS controles financeiros, mas TODOS são 100% contabilizados. (REPRESENTANTE A-CEU-01, grifos do entrevistado)

No entanto, apesar da ênfase na transparência, não foi possível encontrar evidências materiais de que isso ocorre de fato. Foi solicitado o balanço contábil a todos os centros espíritas pesquisados. Apenas um centro entregou esse documento. Não quer dizer que exista omissão da parte dessas organizações relativamente à contabilidade. Talvez seja consequência de uma falta de preocupação com o controle das questões contábeis.

Independentemente dos princípios doutrinários, é necessário, na prática, sobreviver, mantendo as atividades do centro espírita. Para tanto, eventos são realizados para se angariar recursos: jantares, festivais de pizza, festivais de sorvete e “bazar da pechincha”.

Você me perguntou como é que a gente sustenta a casa. Nós temos um bazar da pechincha uma vez por mês. A gente faz ou aqui, ou fora, no centro social urbano, ou em algum lugar. Então se leva essas roupas que nós ganhamos e fazemos o bazar. A gente gosta muito do bazar, porque a gente vende as coisas bem baratinho. Tem roupa de cinquenta centavos, um real, tudo barato. Ganha uma geladeira e você vende por dois, cinco reais, dependendo, bem barato. Então, traz recurso para a casa e gera benefício para a família carente. Eles chegam lá e compram, escolhem, aquela maravilha. Bom, e a gente costuma sempre comercializar roupas boas para uso. (...) O bazar da pechincha já

ajudou muito. Mas muito muito muito. A gente não sabe nem o que seria da sobrevivência dessa casa se não fosse o bazar da pechincha que a gente faz todo mês, graças da Deus. (REPRESENTANTE CEU-02)

O Representante CEU-04 lembra que além do bazar da pechincha e dos eventos que envolvem a venda de alimentos, a casa espírita é essencialmente sustentada a base de doação de seus próprios participantes/associados, de acordo com o que prevê o estatuto:

A nossa sobrevivência a gente faz, tem aquelas pessoas que, como está lá no estatuto do centro, que são os associados, que dá o que puder, não tem exigência, é dez, é cinquenta, o que puder colaborar por mês eles colaboram. E aí nós temos o bazar da pechincha para o material da limpeza, para estrago de telha, tudo que estraga. Igual essa semana quebrou a torneira. O bazar nós fazemos na Abadia, tem quatro pessoas que ajudam, leva as roupas lá e vende, faz uma caixinha para essas despesas internas, material de limpeza que não é pouco. (REPRESENTANTE CEU-04)

Todos os entrevistados afirmaram que os produtos utilizados para fazer a sopa são de responsabilidade da equipe designada para o dia específico, de acordo com as escalas de trabalho (comentadas no item 6.2.2). Cada um dos envolvidos na fabricação da sopa angaria ou ele mesmo doa o legume, a verdura, a carne, o macarrão etc.

Então, alguém que ganha um salário mínimo, o que é aposentado e recebe um salário mínimo, eu não me sinto à vontade de nem pedir alguma coisa para essa pessoa. Mas elas próprias, espontaneamente, vão no trabalho lá de costura, cada pessoa dá um real, cinquenta centavos, vai juntando aquilo lá e chega ao final tem oitenta, cem reais e dá para comprar o creme de leite, por exemplo, [para o jantar de fim de ano]. (REPRESENTANTE A-CEU-01)

Percebe-se, portanto, que a sobrevivência do centro espírita depende essencialmente dos recursos doados pelas pessoas diretamente envolvidas com a consecução das atividades. Os voluntários doam não apenas a sua força de trabalho como também recursos para a manutenção do centro.

Como consequência de toda essa frágil dinâmica de angariar recursos, constatou-se que as organizações espíritas lidam com a escassez. “A casa espírita trabalha com recursos extremamente apertados”, diz o Representante A-CEU-01. “Nós temos casas espíritas de um cômodo, em um dia faz a reunião, no dia seguinte, arreda as cadeiras e faz a mediúnica, isso eu vejo muito”, complementa o Representante A-FEB-01. Nas visitas realizadas nos centros para os fins desta pesquisa, foi verificada a real escassez que alguns deles enfrentam. Casas precárias e mobiliário velho e estragado são a realidade de alguns centros. Em contrapartida, outros centros apresentam uma estrutura austera, mas longe de ser precária.

Tal escassez pode estar ligada não apenas à falta de fontes de recursos materiais. Ela pode ser fruto, também, de um “estilo” vinculado a preceitos religiosos. O Representante A-CEU-07 explica isso, escancarando suas críticas:

Então dinheiro: tem espírita que prega a pobreza. Deus que me livre! O Livro dos Espíritos fala da lei do progresso. Você tem que procurar progredir, melhorar de casa, melhorar de trabalho, melhorar de vida, é a lei do progresso. Você só não pode passar por cima de ninguém. (REPRESENTANTE A-CEU-07)

Outro representante também não concorda que é necessária tamanha aversão à questão financeira, pois segundo ele, vive-se em um mundo capitalista em que tudo gira em torno de dinheiro. Para ele, quando se fala em assistência, em sopa, roupa, enxoval, remédio, alimento, que são necessários, não se pode ser melindroso ao se falar em dinheiro. Ainda complementa:

Aí então que vem aquela crítica, crítica não sei, talvez esteja errado, mas às vezes eu acho que a nossa doutrina é um pouco fechada, quando se fala em coisas materiais. Tudo bem que o centro seja uma casa simples, que não tenha ar condicionado ou poltrona estofada, até eu concordo, mas para manutenção de qualquer serviço que você inicia, sopa, costura, remédio... [é necessário o dinheiro] (REPRESENTANTE CEU-03)

Importante lembrar que no capítulo “Chico Xavier, Uberaba e a espontaneidade” foi comentado o caso de um centro espírita uberabense que foi extremamente criticado por ter se modernizado, instalando ar-condicionado e data-show. Segundo o entrevistado que mencionou tal fato, os outros centros isolaram-no e não queriam manter relações com esse centro moderno. A fala de outro entrevistado pode ser utilizada para explicar tal postura adotada. De acordo com ele, Chico Xavier defendia que a beleza está na simplicidade, e é como se busca viver, e, por consequência, como se busca organizar os centros espírita. Para ele, se sofisticar, foge do princípio da doutrina “fora da caridade não há salvação”, pois o pessoal mais humilde começa a afastar, não procura o centro espírita.

A simplicidade, portanto, pode ser consequência como pode ser causa da escassez de recursos e, nesse último caso, é apoiada pela herança deixada por Chico Xavier. Mais uma vez evidencia-se a influência do médium no movimento espírita uberabense.

A resistência e as dificuldades enfrentadas em relação à maneira de lidar com os recursos financeiros ficaram evidenciadas. Por conseguinte, as relações que se estabelecem com o poder público, por ser este, muitas vezes, subvencionador das

atividades dos centros espíritas, também não acontecem de forma harmônica. Essa desarmonia, no entanto, não é uma constante, pois foi possível perceber que os centros espíritas em Uberaba têm legitimidade frente ao poder público da cidade, como será visto a seguir.

7.3 – Relações com o poder público

Foi possível verificar relações com as três esferas do poder público: subvenções do poder executivo, apoios do poder legislativo e parcerias com o poder judiciário.

Sobre as subvenções provenientes do primeiro setor, o Representante A-FEB lembra que “as organizações podem receber recursos do poder público, na forma de doações, convênios, parcerias, mas estes valores devem ser aplicados EXCLUSIVAMENTE na assistência social.” [grifo do palestrante]. Esclarece que, de acordo com o inciso I do art. 19 da Constituição Federal, o Estado não pode subvencionar qualquer atividade religiosa:

Recebi dinheiro do Estado: “ah, então eu vou fazer uma cartilha aqui pra a infância e juventude... Só cem reais...”. Não posso. É crime. Eu tenho que usar o dinheiro público para fazer o bem público. Reformar o centro: “ah eu peguei esta verba porque o convênio, aí eu pego esta verba eu reformo o centro e com isso eu vou atender mais assistido. Não! (REPRESENTANTE A-FEB)

No caso de Uberaba, as subvenções são intermediadas pelo Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS) que exige, segundo o Representante A-AME, que se tenha atividades assistenciais diárias, o que acaba por inviabilizar a apresentação de candidaturas de alguns centros espíritas às verbas. Os gestores dos centros espíritas acreditam que se houvesse redução ou isenção de taxas e impostos, isso seria ajuda mais do que suficiente dada pelo poder executivo. No entanto, para que exista tal benefício, é necessário registro junto ao CMAS, e este, por sua vez, faz as exigências acima expostas.

De uns tempos para cá, alguns centros espíritas têm procurado a SEDS, é como chama agora (...). Então tem procurado porque, também, o Estado e o Município têm recebido mais coisas, então eles querem repassar para que alguém entregue. A gente passa a ser um trabalhador do poder público sem ganhar, sem carteira assinada, sem nada, porque você pega lá o alimento e vai lá e distribui. Então a gente passa a fazer este trabalho, fazemos com tranqüilidade. Tem centro espírita que procura, entra dentro dos requisitos que o conselho exige. Agora a maioria dos centros não fazem este tipo de trabalho com o CMAS, porque ele exige um trabalho diário para o registro e às vezes

you tem sopa, o enxoval do recém nascido, o corte de cabelo, mas não é diário, você tem semanal, então não entra dentro do programa dele. Aí a gente não tem esse registro, não procura esse registro. Nós já fomos lá, procuramos saber, porque o Estado cobra do centro a taxa do incêndio, caríssima, então para você estar isenta da taxa de incêndio, você tem que ser registrado no Conselho e para você registrar no Conselho você tem que enquadrar na lei federal, segundo o que o rapaz lá me explicou. Ela exige que haja trabalho todos os dias e nem sempre nós temos pessoal e estrutura para fazer isso. Como você pode ter observado, tudo é espontâneo, é o tempo que a gente pode ter. Então nós só realizamos no centro aquilo que a gente dá conta. (REPRESENTANTE A-AME)

Ser um “trabalhador do poder público”, servindo de repassador daquilo proveniente do governo, é algo encarado com “tranquilidade”. Interessante notar que esse depoimento não encontra respaldo de acordo com a fala da FEB, exposta no início deste capítulo, que questiona se é caridade o mero repasse “do dinheiro do César”. Para reforçar essa idéia, é contada a seguinte “historinha”:

Os espíritos contam sobre o caso daquela mulher distinta que a filha chega e pede: “Tem uma roupinha para eu dar?” e ela responde: “Se eu pegar um roupa e te entregar, quem vai estar fazendo a caridade sou eu. Não é você. Dê alguma coisa sua. Dê sua voz, seu trabalho, seu esforço. Isso é caridade.”

Apesar de tal divergência, fica claro que existe um movimento de aproximação dos centros espíritas com o poder público.

A Prefeitura, recentemente, naquela reunião, ofereceu para nós dos centros espíritas, porque eles ficaram com dor de consciência, porque dá para tudo quanto é lugar e nunca procuraram os espíritas e os espíritas também não procuram. Algum ou outro centro procura, normalmente a gente procura fazer com os recursos próprios e não reclamamos disso não. Aí eles nos procuraram, porque eles queriam, porque nós temos uma vocação muito grande para assistência social (...). Então aí nos chamou lá e nós falamos que colaboraríamos respeitando a liberdade do centro querer ou não. Alguns centros entraram, lá na casa do centro que eu freqüento recebeu *Vita Sopa*, recebeu cenoura. (REPRESENTANTE A-AME)

É uma aproximação, como visto, que ocorre reciprocamente, ou seja, os centros espíritas procuram o poder público e vice-versa. Denota-se com isso a legitimidade que o movimento espírita possui em Uberaba frente ao poder público. Ressalva-se, no entanto, que a aproximação do primeiro setor pode vir aliada a uma fala política, o que não é permitido pela doutrina espírita:

Enquanto eles não, porque o problema é: a doutrina espírita não permite a fala política dentro da religião. Isso não pode. Então, se foi falado que você quer doar, mas não vai lá pedir votos, na época, tudo bem. E nem mandar o fulano, que é vereador, que é da secretaria tal, que alguém conhece... A gente não aceita. Aí eles aceitaram. (...) Lá no centro, por exemplo, nós estamos recebendo, mas ninguém apareceu lá. Ai se aparecer! Vai sair com *Vita Sopa* nas costas, porque a gente não admite. Eles tiveram a preocupação este ano de nos procurarem, mas antes nós não tínhamos tido nenhum auxílio do poder

público, isso que eu estou falando não é porque a gente se sinta melindrado, superior, não, eles precisam administrar e nós temos o nosso trabalho. Seria bom se eles compreendessem o nosso trabalho e nos ajudassem em algumas áreas, cobrando menos na taxa... eles não querem, nós não vamos criar problemas, nós estamos dando conta, demos conta até hoje e vamos dar conta. (REPRESENTANTE A-AME)

Portanto, existe a preocupação de que a subvenção venha acoplada ao pedido de voto. É um fato para o qual o centro espírita não está imune:

Talvez agora que nós estejamos sendo mais procurados, não por efeito de conotação política, não tem nada disso. Se tem uma coisa que dentro da doutrina praticamente não existe é interesse político, raramente acontece. Houve época em que teve infiltração política lá na casa, não vou comentar porque não foi comigo. E essas pessoas então, estes políticos desta época eles andaram realmente beneficiando, entre aspas, a casa, mas com interesse de conseguir votos. (REPRESENTANTE CEU-03)

Outra preocupação é expressada pela recomendação que a FEB faz em relação ao cuidado que se deve ter com as doações que são feitas:

Subvenções do poder público também, anotar tudo, assinar tudo. Tomar muito cuidado com doações, muito cuidado. Quando chegar alguém do governo ou alguém querendo doar medicamento, cuidado. Teve um caso aí, na época daquele problema da máfia das ambulâncias, houve uma instituição que me procurou, eles tinham recebido medicamentos do poder público e eles não fizeram uma contagem do medicamento que eles receberam. O que acontece? Eles receberam, segundo eles, uma caixinha e quando veio o Ministério Público atrás deles, dizendo que no recibo que eles assinaram estava constando que eram quinze mil caixas. Então, tudo que a gente receber, vamos conferir, vamos anotar, vamos prestar atenção, ainda mais se for doação. Aquela velha história, não é? Pobre quando vê muita esmola até o santo desconfia, não é? Então vamos pegar e analisar. Estas coisas que não são usuais, ainda mais no tempo assim de muita falta de decoro por parte dessas pessoas, vamos olhar. Se chegar alguém querendo doar, dizendo eu sou simpatizante da causa, vamos analisar com muito cuidado, com tranquilidade, vamos ler tudo, principalmente as letras miúdas. (...) Advogado brinca: no contrato as letras grandes dão, as letras pequenas tomam. (REPRESENTANTE A-FEB)

Com o Poder Legislativo, as relações se estabelecem para garantir acessibilidade aos benefícios que a legislação e alguns programas governamentais asseguram para as instituições assistenciais.

Aí foram na Prefeitura, o [vereador X], graças a ele... deu a maior [força]... porque quando tem que ser o alto sabe da necessidade. Então ele fez questão, arrumou o terreno e nós construímos [o centro]. (...) A Lei de Utilidade Pública. Foi uma das primeiras coisas que eu fiz pro [CEU-03], na época difícil, foi pegar essa lei, que não era ainda na Prefeitura, através do [vereador X]. (REPRESENTANTE CEU-04)

Agora, ultimamente, como aconteceu mês passado, nós recebemos duzentos e cinquenta quilos de feijão do “Fome Zero”, através de um deputado daqui, que está trazendo para cá uma coisa maravilhosa que na ocasião beneficiou vinte e cinco ou trinta entidades, orfanato, Casa do Menino. Ele disse que mês que

vem deve chegar um carregamento de farinha de trigo, é onde nós estamos com essa inscrição na Prefeitura, que a prefeitura está organizando isso aí, como organizou agora também um serviço de verduras para a sopa. (REPRESENTANTE CEU-03)

Apesar de existir a aproximação entre o primeiro setor e o terceiro, como acima exposto, o depoimento abaixo reforça e ilustra que tal relação, para o caso de Uberaba, é extremamente frágil e pontual. Na tentativa de preservar a autonomia e espontaneidade, os dirigentes têm seus receios sobre essa aproximação.

A gente entende que uma bandeira política no meio complica. Não tem nada. Nós abrimos todas as portas pra todos aqueles do primeiro setor. Entretanto, não existe palanque aqui para grupo nenhum do primeiro setor. Então a gente tem uma convivência política, saudável. Parceria, e não vínculo. (REPRESENTANTE CEU-02)

Contudo, esse mesmo entrevistado admite, fazendo referência a outro ícone do Espiritismo brasileiro, que é necessário que a religião e a política andem de mãos dadas.

Dr. Bezerra foi um grande ícone no Espiritismo, (...) porque ele foi considerado o Kardec brasileiro. Inclusive ele teve uma vida planejada pela espiritualidade para vir para unir a classe espírita. E ele foi um político, por um período, ele foi no Rio o que hoje seria um prefeito. Ele deixou um registro histórico dele dizendo que: “aquele que fala que a religião e a política não devem andar de mãos dadas, não conhece nem de política e nem religião”. De mãos dadas. Claro, é necessário, não podemos falar “eu sou santo, não envolvo com política”. Não tem como, seria uma informação até falsa. Mas nós, até hoje, e se Deus quiser, não vai ter vínculo político este projeto. (REPRESENTANTE CEU-02)

Mais uma vez fica evidente a dicotomia entre o “Mundo de César” e o “Mundo de Deus”. Dois mundos separados que se unem pelo “dar as mãos”, metáfora de “parceria”, e não de “vínculo”, este último entendido como algo negativo. A parceria, entretanto, só é possível “se Deus quiser”.

São parcerias as relações estabelecidas com o Poder Judiciário. Elas têm como objeto de “permuta” o cumprimento de penas alternativas. Conforme depoimentos abaixo, as parcerias são pontuais e o interesse dos centros espíritas em realizá-las decorre da possibilidade de resgate do indivíduo perdido na sociedade.

Nós temos uma parceria com o Programa da Liberdade Assistida. A gente cede aqui as atividades, principalmente aos domingos, para alguns jovens menores que perderam direito de liberdade, que passam a ter uma liberdade vigiada por algum acidente, ele infringiu a lei. (REPRESENTANTE CEU-02)

Mas a gente tem também, nós fizemos neste ano... eu sou muito amigo da moça lá do juizado de pequenas causas, então ela me falando da dificuldade que eles têm para aplicar aquela pena de cumprir horas de trabalhos com pena, se eu

não teria como acolher alguém lá e colaborar com o juizado. “Podemos fazer, por experiência.” Aí me mandou uma moça lá que teve um problema, ela comprou um televisor e esse televisor era roubado e ela teve uma condenação como receptadora. Aí ela teria que prestar serviço x horas por semana, numa casa. E essa moça gostou tanto, que o dia que ela foi embora, umas seis semanas depois: “mas gente, mas que pena que eu moro tão longe”, ela mora lá no Uberaba I, “eu queria continuar fazendo a sopa”. Eu falei: “minha filha, a casa está aberta”. Agora recentemente, tinha um rapaz fortão lá, ele chegava assim com aquelas bermudonas, rapaz meio esquisito, no primeiro dia, no segundo. Aí ele foi recebendo um tratamento que ele não tinha recebido lá fora, ameno, carinhoso, etc. Cumpriu a sentença, outro dia eu passei numa construção, ele estava trabalhando como servente de pedreiro e eu falei: “Uai, está dando um ralo, aí?”. “É rapaz, estou com saudade de lá, que dia começa a sopa, quero ir lá de novo”. Isso é gratificante? Não seria aquilo de tocar os clarins: “salvamos mais uma alma penada”, não é bem assim. Aí neste caso que eu estou te contando, o pequenas causas tem também, junto aquela prestação de serviço, em outro o caso da pessoa dá x cestas básicas. (REPRESENTANTE CEU-03)

Sobre todas as formas de relacionamento que se estabelecem entre os centros espíritas e o primeiro setor, aqui relatadas, ainda resta um aspecto a ser mais bem explorado: a legitimidade das organizações espíritas frente ao poder público uberabense. Todos os exemplos de relação acima explicados denotam tal fato. No início deste item, a fala do Representante da FEB faz lembrar a vedação constitucional sobre a subvenção do poder público em relação às instituições religiosas, ressalvados os casos em que os recursos públicos são aplicados exclusivamente na assistência social realizada pelas entidades religiosas. Entretanto, fica claro, ao longo deste trabalho, que o que se desenvolve dentro dos centros espíritas, é, como o próprio nome já expõe, “assistência social espírita”, mesmo que, para alguns, a denominação seja “assistência fraterna”. Ou seja, no caso das atividades assistenciais espíritas, é muito tênue, ou mesmo inexistente, a divisão entre aquilo que é religioso e aquilo que não é.

Mesmo essa diferenciação não sendo nítida, o poder público uberabense subvenciona os centros espíritas:

Nós conseguimos na Prefeitura um terreno que hoje funciona definitivamente o [CEU-05]. Nós recebemos da Prefeitura a doação desta área, para ser construída e foi apresentada à Prefeitura um plano de trabalho, que foi aprovado. Então por lei municipal, que os vereadores aprovaram por unanimidade, nos doaram essa área aqui. (REPRESENTANTE CEU-05)

Não se quer questionar a constitucionalidade de tais fatos, mesmo porque o presente trabalho não é um tratado jurídico. A intenção aqui é frisar a força que o movimento espírita tem em Uberaba. Municipalmente, consegue-se aquilo que, na esfera federal, não se conseguiu:

A Lei de Utilidade Pública, ela é bem anterior, foi no início, porque uma casa tem que funcionar, parece que funcionar um ou dois anos, para se firmar nos seus trabalhos, aí requerer a Lei de Utilidade Pública pela Câmara Municipal. Então nós já tínhamos isso, antes de transferirmos para cá, já tínhamos esta lei. (...) Procuramos nos filiar federal, montamos todo o processo, mas foi indeferido porque tinha um cunho religioso e não abrimos mão dele. Se eu falar que aqui não é uma casa espírita, eu prefiro não mandar, não vamos tirar este vínculo por conta de verba ou qualquer coisa. Atualmente nós não temos verba nem municipal, nem estadual e nem federal. (REPRESENTANTE CEU-05)

Afirma-se, portanto, a não submissão aos ditames do Mundo de César, nesse caso, em nível federal, para se obter títulos e verbas, talvez porque há a consciência de que, municipalmente, não é necessária tal renúncia. Por isso, não se abre mão do cunho religioso das atividades assistenciais realizadas pelo centro.

Ainda sobre esses títulos de utilidade pública, o Representante A-FEB faz o seguinte alerta:

Tem muitas instituições que ficam preocupadas em ter convênio parceria e títulos. “Saiu um título agora, vamos correr, vamos pegar”. Fica com aquele monte de títulos, só que os títulos no mundo de César, seja de utilidade pública federal, estadual e municipal, seja o que for, todos têm a contra-prestação, vêm com obrigações. (REPRESENTANTE A-FEB)

Em relação aos ônus, ou contra-prestações, entretanto, não foram expressadas excessivas preocupações dos espíritas uberabenses em relação a isso. Tal fato talvez seja explicado pelo depoimento do Representante CEU-04 que expressa certa omissão do poder público em fiscalizar todos os centros espíritas. “Nós ficamos sabendo de muitas casas que têm farmácia pública que a Saúde foi.” diz ele. No entanto, neste centro em específico, a Vigilância Sanitária nunca foi. “Não é que [a gente] tem medo não, porque quando anda certinho, você não tem nada a temer. Mas nunca apareceram lá, você acredita?”

De forma resumida, foram apresentadas as relações que se estabelecem entre os centros espíritas e o primeiro setor, este representado pelas três esferas de poder. A força e legitimidade que o movimento espírita uberabense possui foram evidenciadas. No próximo item, serão tratadas as relações com o segundo setor.

7.4 – Relações com o segundo setor

Foi possível evidenciar duas formas de relação entre os centros espíritas e o segundo setor. A primeira, voluntária e pessoal, e a segunda, institucional vinculada às idéias de responsabilidade social, imagem e marketing.

No primeiro caso, o envolvimento acontece porque a pessoa que está por trás do empreendimento reconhece na causa espírita elementos que vão ao encontro do bem comum, ou seja, a doação se dá pela convicção do sujeito sobre a idoneidade da instituição espírita. Nesses casos, o ato de doar é voluntário e o doador não pede nada em troca, no máximo está plantando algo para a sua vida futura, ou expiando ações do passado. O depoimento abaixo mostra esse tipo de relacionamento:

Tem pessoas, que é empresário, que é comerciante, que fazem doações, na época da distribuição natalina, então eles fazem como uma pessoa independente, não chegam e falam: “Ah nós somos daquela indústria tal e viemos fazer tal doação”. Não, eles vão lá e doam. Então a gente recebe, por exemplo, vai comprar nos locais as pessoas fazem diferença sem a gente pedir, tem uns que não fazem diferença nenhuma, mas a gente respeita, não é? (...) Mas pra mim, particularmente, intimamente dizendo assim, eles já nos ajudam indiretamente. Aquele que tem comércio nos faz mais barato, às vezes a gente compra, um tanto eles doam. Por exemplo, uma pessoa doou lá para o Adelino de Carvalho, doou três sacos de feijão, era uma pessoa que tinha comércio e era protestante, ele mandou de graça. Quer dizer, nem sei o nome dele e nem o comércio, porque a pessoa que foi lá pediu por ela própria, foi ajudar o centro e ganhou de graça. Então eu creio que a iniciativa privada ajuda em muito, mas desta forma, espontânea. (REPRESENTANTE A-AME)

Já no segundo caso, quando existe a iniciativa de aproximação institucional, ou seja, centros e empresas por meio de um projeto, esbarra-se em uma questão: as doações vêm ligadas às possibilidades de visibilidade daquele projeto. Se o alcance deste vai ao encontro do público consumidor da empresa a parceria pode-se estabelecer. Caso contrário, não se realiza. Conforme dito anteriormente, esse relacionamento está ligado às estratégias de marketing via responsabilidade social e divulgação de imagem. Nesse ponto, surge a resistência do movimento espírita para a realização da parceria:

Parceria, parceria, não. (...) A gente tentou com as grandes empresas, mas o problema das grandes empresas é que elas querem fazer filantropia, mas é uma troca. Então, nós temos muita dificuldade, nesse projeto, a princípio, porque é um projeto de princípios. Já bati em muitas portas e, geralmente, batem de volta. (...) Mas essas grandes empresas elas ajudam, mas não pela responsabilidade social, é para fazer um marketing. E, no nosso caso, nós não damos marketing. (REPRESENTANTE CEU-02)

O Representante CEU-03 afirma que as relações que o centro estabelece com o segundo setor não tem a característica “marketeira”, pois as empresas envolvidas permanecem anônimas, reforçando as características do primeiro tipo de relacionamento descrito no início deste item.

Tanto que eu nem te passei o nome dessas empresas, não é? A pedido deles. A empresa que paga a luz nossa é uma empresa super tradicional aqui de Uberaba, em grande evolução, ele só impôs essa condição, que eu não falasse para ninguém. Aí ele está usando o Evangelho, não é? E ele não é espírita, ele é

católico, ele não, eles, os dois diretores são católicos. A outra empresa que há dois anos atrás eu fui, neste meu amigo, que eu posso te falar que é uma revenda de grande nome de carro, sentei com ele: “To com dificuldade.” “Por quê?” “Tenho a minha distribuição assim, assim, assado, mas nós estamos precisando de mil quilos de arroz”. E ele falou: “Com quanto eu entro?” “Você é quem sabe, cinco quilos já está me ajuda”. Ele mandou setecentos, daí no outro ano já chego e falo: “Oh, estou precisando disto.” Ele me manda, mas é assim, ele telefona lá no arroz, o arroz entrega lá, a nota fiscal vem em nome da empresa, mas ele me pediu e ele nunca falou para ninguém. (...) Bem como, este outro da imobiliária, ano passado eu estava apertado por causa de óleo, “ah vamos ver o que a gente pode fazer”. Aí chegou com duas caixas de óleo. “Trouxe só isso porque tem outro negocio que vem aí”. No dia seguinte, tinha um amigo dele muito rico, que ele não falou o nome e que também não interessa, esse amigo teve com a esposa acho que no Hospital do Câncer, fez uma promessa, vamos resumir a estória: ele chegou lá e desceu oitenta cestas prontinhas e disse: “Para vocês”. Quer dizer, então, (...) é uma coisa muito íntima em que não apareceu tipo: “Ah, deixa eu botar uma faixa lá, ou um diretor meu ir lá entregar, fotografar”. Nada disso, isso aí nunca. (REPRESENTANTE CEU-03)

De maneira geral, é possível pensar que as relações entre os centros espíritas e as empresas são frágeis, pontuais, e dependem fundamentalmente da vontade do empreendedor, do alcance do projeto, ou, como explicitado acima, da rede de relacionamento dos dirigentes espíritas. Vale lembrar, também, que a postura dos centros espírita de deixar tudo a cargo da espontaneidade e de não desvirtuar princípios doutrinários pela “moeda de César” contribuem para reduzir as iniciativas em busca de parcerias de longo prazo.

O caráter pontual do relacionamento dos centros com a iniciativa privada é evidenciado pelas doações que acontecem sazonalmente, ou seja, em épocas em que existem campanhas caritativas, tais como Natal, Dia das Crianças etc.

O apoio que a gente tem da iniciativa privada é a do pagamento da luz do centro. Essa luz é uma empresa que paga já há uns três anos. Agora esse caso que eu contei do arroz, como teve o do açúcar, que a imobiliária também cooperou, isso é esporádico, uma vez por ano, nesta campanha. (REPRESENTANTE CEU-03)

Esse entrevistado reconhece a dificuldade que encontra em gerir a quantidade de doações que recebem nessas épocas específicas:

Então é muito difícil você encontrar uma porta totalmente fechada, neste caso da empresa privada, ou das pessoas físicas bem intencionadas, sempre você encontra. Agora às vezes nós temos dificuldades em gerir isso daí, na distribuição, no cadastramento, porque vai chegando gente, vai chegando gente. (...). Então teve ano que a casa aqui chegou a distribuir quatro mil cestas básicas, mas incluía essa família de São Paulo, tinha família lá de Portugal que mandava em dólares, incluía a própria Campanha do Amor, que saía quinze a vinte caminhões e arrecadava muito, mas tinha muito mais gente. (REPRESENTANTE CEU-03)

Outro entrevistado explica o porquê de haver a prática de se focar em campanhas vinculadas a datas específicas:

É uma prática porque as pessoas só se sentem sensibilizadas com as campanhas de Natal. Se alguém bater na sua porta em junho, pedir uma ajuda, para uma campanha de quilo, o que você vai dizer? “Não chegou Natal ainda por que vocês estão pedindo?”. O problema cultural nosso é muito grande. (REPRESENTANTE B-CEU-07)

As campanhas vinculadas a datas comemorativas atraem as atenções não só dos centros espíritas, que cumprem seu dever de praticar a caridade, mas do segundo setor, interessado em contribuir com tais campanhas, seja pela visibilidade, seja por afinidade com a causa. Alguns entrevistados, no entanto, chamaram a atenção para a necessidade de se atender aos necessitados não apenas em épocas específicas, e sim ao longo de todo ano. Nesse ponto surge uma das críticas em relação ao movimento espírita em Uberaba: a falta de iniciativa conjunta para uma melhor divisão/distribuição das atividades assistenciais. Tópico esse abordado a seguir ao serem explanadas as relações entre as diversas organizações espíritas uberabenses.

7.5 – Relações entre pares

Quando descrita a história do Espiritismo no Brasil, mencionou-se que a criação da Federação Espírita Brasileira foi fruto da necessidade de se unificar o movimento espírita, independentemente de discordâncias internas. Criou-se, portanto, uma entidade representativa cuja missão envolve a “união solidária e a unificação do movimento espírita, colocando o Espiritismo ao alcance e a serviço de todos” (FEB, 2007c)

Percebe-se o caráter central que a unificação dos espíritas tem para o movimento. No entanto, o próprio aspecto federativo das organizações espíritas dificulta tal união, pois é reforçada a idéia de independência entre elas, que têm liberdade de atuação. Tal fato fica evidente no caso uberabense, em que os dirigentes afirmam a não existência de hierarquia dentro das e entre as organizações espíritas. Os Representantes da AME, por exemplo, lembram que não existe obrigatoriedade do centro espírita se associar à Aliança e que não há interferência e sim uma “troca de idéias”. Explicam, ainda, que não existe chefe, não há ninguém para orientar, pois o “órgão orientador” é a própria doutrina espírita. Da mesma forma, não existe hierarquia entre FEB, a UEM e a AME. O que há é “um relacionamento, integração nas atividades, nós não somos

obrigados e nem eles por sua vez são obrigados a nos dar assistência de forma nenhuma.” (REPRESENTANTE A-AME)

A dificuldade de se alcançar a unificação do movimento espírita é criticada pelos próprios espíritas uberabenses:

Olha, poderia ser melhor, poderia. Mas tem essa ânsia sim. Ainda não é aquilo que a gente espera, mas até entre os discípulos [de Jesus] tinha divergências, não é? Então é uma coisa natural. Mas há essa coisa boa, há este entrosamento. Mas somos espíritos imperfeitos. Pode ter às vezes uma falhazinha ainda, por que, existe a proposta de unificar, existe a unificação, mas poderia ser um pouco melhor. Eu acho que ainda vamos chegar lá, mais na frente, existe essa busca sim. (REPRESENTANTE CEU-02)

A responsabilidade para a inexistência de um melhor entrosamento entre os centros espírita é delegada para a “imperfeição dos espíritos”. Ou seja, segundo o entrevistado, os espíritas uberabenses ainda são espíritos imperfeitos. Outro entrevistado reforça essa mesma idéia, ao mencionar uma tentativa em Uberaba de se fazer uma atividade assistencial em conjunto:

Eles tentaram fazer isso no final do ano. A experiência foi com a coleta comunitária e não funcionou. Acaba que somos seres imperfeitos ainda, prevalece ainda muito de egoísmo, e tudo o mais, cada um quer puxar a sardinha pro seu lado. Então muitos centros fecham dentro de sua conchinha. A própria Aliança reclama disso, fecham dentro da sua conchinha, de seu mundinho e não se abrem. Olha eu era da aliança, então a gente vai visitar os centros espíritas todos. Tinha centro que não recebia a gente. Então eles tentaram fazer coleta comunitária por dois anos e pararam. Aí tentaram pegar um caminhão, fazer uma coleta só, porque quando chega final do ano é aquele mundo de gente batendo nas portas pedindo alimentos para poder fazer as cestas básicas. Aí tentaram unificar e não deu certo, não deu certo. Criam brigas, sabe. (REPRESENTANTE A-CEU-07)

Outro termo utilizado para caracterizar a postura dos centros espíritas, além de “fechar dentro da sua conchinha”, faz referência a uma estrutura da Idade Média:

A ação do centro é uma ação isolada. É uma ação isolada. Lamentavelmente é. Não consegui ainda ter essa visão global do centro. O centro, se a gente for raciocinar em termos feudais, os centros são feudos. São feudos. (REPRESENTANTE B-CEU-07)

O isolamento dos centros é comparado à estrutura fechada de um feudo. Por causa dessa falta de unificação do movimento espírita em Uberaba, as atividades assistenciais não alcançam o porte que alguns dirigentes gostariam que alcançassem:

A gente gostaria muito mais de poder expandir isso, mas o nosso número de pessoas é pequeno, pequeno não, o que ocorre, também, e aí vai aquela crítica que eu te falei: Uberaba tem cerca de quarenta e cinco igrejas católicas e mais de cento e vinte centros Kardecistas. Aí dá uma fragmentação, por exemplo,

nós estamos nesta esquina, na esquina de cá tem um centro, aí você vem aqui na [Rua X] tem mais dois, vira de lá tem outro, é muito perto. Então os grupos, em cada centro, acaba ficando pequeno. (REPRESENTANTE CEU-03)

Os grupos, isoladamente, tornam-se pequenos, não conseguindo expandir suas atividades, e, além disso, esses mesmos grupos fazem os mesmos tipos de atividades assistenciais, nos mesmos dias e nas mesmas regiões.

Outra coisa que eu sinto é o seguinte: o entrosamento das casas espíritas fica muito pequeno. Precisava que, tipo assim, sexta-feira é o meu trabalho aqui, então eu suspendo meu trabalho aqui, pego o meu pessoal e, de carro ou a pé, vou para outro centro para haver este entrosamento, essa confraternização, que acho que isso dava, precisa no meio. (...) Fica muito fechado. Em nós ficando fechado, falta, como se diz, trocar figurinhas, trocar experiências. Eu não troco experiência com quase centro nenhum. Às vezes eu esteja fazendo alguma coisa errada daqui o outro esteja certo de lá, ou vice-versa, mas falta este entrosamento. (REPRESENTANTE CEU-03)

Basta observar o quadro 10, apêndice H e o mapa 2, apêndice D, que fica evidente a “concorrência” entre os centros para a realização, por exemplo, da atividade de assistência material – a sopa.

Nós temos um bom relacionamento com todos [os centros]. Infelizmente, pelos horários que coincidem, os nossos trabalhos com os deles, nós não podemos fazer este intercâmbio muito assim constante, mas quando encontra é uma beleza, é uma satisfação a gente visitar uma casa espírita. (REPRESENTANTE CEU-05)

Se você olhar aí no dia a dia, nos domingos há, podemos dizer, “uma disputa de casas servindo”, entre aspas. Mas graças ao exemplo que o Chico deixou. A gente fala saudade, mas a gente entende que o Chico está muito mais presente hoje. (REPRESENTANTE CEU-02)

Existe a consciência de que não é possível um intercâmbio maior entre os centros porque há uma coincidência de horários das atividades dos mesmos, tendo em vista uma “disputa de casas servindo”, vinculada ao exemplo deixado por Chico Xavier.

Na atividade assistencial, Camila, não existe fronteira. Não existe, também, bandeira. Por exemplo, a gente tem amor à causa, e não à casa. E a gente fica de certa forma muito feliz quando chega num lugar e já tenha alguém prestando assistência. Então, a gente até confraterniza, participa. Aí, dá a impressão que é uma coisa desorganizada? Não, não. É claro que vai num bairro que está bem assistido, então não justifica. Chover no molhado. (...) Por exemplo, teve uma época que a gente se afastou do [Residencial] Dois Mil. Por quê? Teve uma época que o Dois Mil virou referencial, porque era um bairro muito pobre, carente. Então, se alguém queria fazer uma atividade assistencial, levava no Dois Mil. E, nessa época, nós repassamos, porque não justificava. (REPRESENTANTE CEU-02)

Percebe-se, entretanto, pela análise dos Apêndices C, D e H, que os centros espíritas “chovem no molhado”, concentram-se nas mesmas áreas, fazem as mesmas

atividades, nos mesmos dias. Muitas vezes uma mesma comunidade é atendida por várias instituições assistenciais. Para tal fato, a AME se posiciona:

A gente acharia muito bom, se existissem dois ou três centros assistindo a mesma família, porque a gente dava conta de assistir direito. Porque uma vez em 1988, (...) ouvimos uma senhora falar: “Minha fia, o dia que eu ganho cesta, o dinheirinho que ia comprar uma verdura, uma carne ou uma coisa pra casa, eu compro uma chinela, eu compro um par de meia, eu compro uma camisa para o meu véio, eu compro uma coisinha para os meus netos, vocês não sabem o tanto que isso é bão!”. Então para a gente não representa nada, mas para quem não tem, aquele trocadinho ali... (REPRESENTANTE A-AME)

Em suma, não existe planejamento de atividades conjuntas. Não existe, também, comunicação entre os centros. Segundo o Representante CEU-03, “o espírita conversa pouco.”. Para ele, é preciso que se converse mais, e a solução para tanto seria uma maior atuação da AME em Uberaba – que, atualmente, encontra-se “meio encolhida” – no sentido de uma maior orientação (não imposta) para possibilitar a expansão do trabalho assistencial. De acordo com ele, a AME se restringe a organizar alguns eventos anuais, tais como “Semana de Kardec”, “Semana Litero-Musical” e outros. Ela também é responsável pela organização de um intercâmbio de palestrantes entre os centros. Mesmo essa iniciativa da AME é criticada por esse dirigente:

A Aliança Municipal Espírita tem cinquenta e cinco expositores espíritas que são escalados mensalmente, para fazer uma palestra em cada centro. Eles escalam, mandam para mim, então este mês eu estou no dia tal, tal horas, no centro tal, vem o tema e uma bibliografia. Também isso não foi esclarecido para as casas espíritas, mas para eu ir lá e falar isso para eles, dá impressão até que eu gosto de falar, que eu queira falar: eu não sou orador, meu conhecimento é ainda curto, para eu subir numa tribuna e falar uma hora de doutrina espírita. Mas a orientação da AME, é a seguinte: estes cinquenta e cinco companheiros saem de boa vontade todos os meses, mas tem centro em que eu chego, e é de praxe perguntar qual é o meu tempo, tem muito centro que eu chego e o cara fala: “dez minutos”. Bem dez minutos é o tempo de falar: “Boa noite gente, é uma alegria estar com vocês, Jesus abençoe todos, tchau e benção, não é?” O que você pode falar em dez minutos? Então acho que falta essa orientação para as casas. (REPRESENTANTE CEU-03)

Já para o Representante B-CEU-07, o esforço que a AME faz não é em vão:

ela já conseguiu, por exemplo, fazer com que todos os centros tenham palestrante. De forma precária? É. (...) São ações pequenas, mas que são de fundamental importância. (...) O trabalho da AME tem que continuar, não pode parar, é um trabalho duro, que existe época que colhe frutos maiores e existe época que colhe frutos menores. (REPRESENTANTE B-CEU-07)

A própria AME comenta a respeito da escala de palestrantes, frisando, mais uma vez, a espontaneidade que permeia todas as atividades por ela encabeçadas:

Às vezes, tem casa que você vai a primeira vez e faz uma palestra, eles acham uma beleza, a gente passa a ir porque, eles convidam. A gente considera muito mais agradável receber um convite, no caso das palestras, para depois ir, do que você impor a presença. Seria tão ruim para nós, a gente pede a presença, deixa eu fazer uma reunião aí? (REPRESENTANTE A-AME)

A Aliança Espírita Municipal de Uberaba insiste na liberdade de ação dos centros espíritas e afirma, quando perguntados se tinham idéia da dimensão da atuação assistencial espírita em Uberaba, que não têm controle disso e não querem entrar por essa área, por acharem desnecessário. Têm “a impressão que é muito grande, é mais que a gente poderia imaginar, porque muita gente trabalha no anonimato” – dizem eles.

Por seu lado, a Federação Espírita Brasileira, insiste na necessidade de se planejar e elaborar um plano de ação. Para tanto, o Manual de Assistência e Promoção Social Espírita, é, para o Representante da FEB, importante fonte de dicas:

Para você começar trabalho de assistência social nós temos que elaborar um plano, um programa que vai ser instituído. Mas primeiramente temos que saber as características de seu público, do público destinatário. Que público é esse? Quais são suas necessidades? Muitas vezes antes de começar o serviço, nós temos que ir ao local para ver as necessidades do ambiente. Qual a necessidade maior do ambiente? Será que neste ambiente já existem outras instituições fazendo aquilo que eu já vou fazer? O que acontece muitas vezes? Que o mesmo assistido é assistido quinhentas vezes, por diversas instituições. De repente, eu posso realizar uma tarefa que as outras não estão fazendo. (...) Então a gente tem que ver realmente as características daquele local e também o que nós queremos fazer? O que nós queremos fazer? O que o grupo quer fazer? Quer atender à criança? Tudo bem, então nós vamos atender a criança de que forma? Há outras pessoas atendendo crianças naquele local? O que eles estão fazendo? Então vamos fazer procurar fazer uma coisa que outros não estejam fazendo ou fazendo menos ou o que a gente pode fazer em conjunto. Então vamos procurar organizar o nosso trabalho, fazer um trabalho de qualidade. (REPRESENTANTE B-FEB)

Pela análise das falas dos dirigentes espíritas em Uberaba e dos Apêndices D e H, fica nítida a resistência de se seguir as orientações, acima expostas, de como se organizar a assistência social espírita de tal forma a ter uma visão do todo, enxergando a atuação dos demais agentes assistenciais, muitos deles, espíritas, antes de se iniciar qualquer nova atividade. Analisando os Mapas 1 e 2, Apêndices C e D, é possível constatar que a expansão dos centros espíritas ocorre de forma desordenada. Hoje eles se concentram, sobretudo, nos locais em que o foco doutrinário espírita uberabense encontra ressonância, ou seja, locais em que há carência assistencial.

Nós temos centros muito amigos, mas tem outros centros que se isolam, que não se misturam e eu acho assim você não pode exigir que todos falam a mesma língua, é o que eu te falei: olha os dedos da mão, cada um diferente um do outro e todos juntos fazem um trabalho e é importante. Então é assim: cada um está num estágio, numa idade espiritual, em uma forma de pensar. Então não adianta você exigir que todos se comportam, tem centro espírita aqui. (...)

Então cada um está em um estágio e os espíritas de Uberaba são tradicionalistas, eles não aceitam mudanças, eles não aceitam modernizações.
(REPRESENTANTE A-CEU-07)

Princípios doutrinários explicam as falhas de relacionamento entre os pares espíritas. Remete-se à escala evolutiva espiritual para responder às críticas ao não alcance da tão almejada unificação do movimento espírita. São “espíritos imperfeitos” que gerem as organizações espíritas, e no caso uberabense, tais espíritos são “tradicionalistas” e não “aceitam mudanças ou modernizações”. Tais concepções permeiam não apenas os relacionamentos que (não) se estabelecem entre os pares espíritas, como também todo o modo de gestão da assistência social espírita em Uberaba. São os “espíritos imperfeitos” uberabenses que gerem a assistência social na cidade, de acordo com seu modo particular de conceber a forma como devem ser administrados os centros espíritas.

A partir de tudo até aqui relatado, restam apenas algumas considerações finais para melhor esclarecer o modo de gestão da assistência social espírita em Uberaba.

8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A caridade – tão importante para o universo espírita – é um elemento que faz parte da conformação histórica do Brasil, desde a época colonial. Por meio das primeiras instituições de assistência social, a Igreja Católica utilizou-a não apenas por seu caráter religioso (proporcionar alívio aos pobres, aos necessitados e aos marginalizados). Práticas caritativas também serviram de instrumento de evangelização dos nativos e conseqüente colonização dos mesmos. Garantiu, portanto, a introdução e permanência dos colonizadores em solo tupiniquim, sendo que as instituições de assistência social religiosas de cunho caritativo sobreviveram a vários momentos históricos brasileiros, tendo sido preservado o papel que desempenham.

A introdução do Espiritismo no Brasil não se deu em função da caridade, mas tem nela a força para a sua permanência. Inserido no contexto brasileiro por meio das elites intelectuais do século XIX, influenciadas pelas tendências européias de pensamento (mais especificamente, as francesas), foi veementemente combatido pela religião dominante – a católica. Inicialmente introduzido no Brasil como uma proposta de religião racional, seu caráter científico, atento às tendências de conhecimento da época, foi o impulsionador para a sua proliferação dentro da elite brasileira.

Sua permanência no Brasil, no entanto, está diretamente ligada à caridade, pois foi por meio dela que o Espiritismo buscou sua legitimação. Esse é o motivo pelo qual as instituições espíritas brasileiras possuem intensa atuação na área de assistência social, aspecto muito distinto das características que têm as organizações espíritas da França, berço do Espiritismo. A caridade, como expressão de um princípio religioso, serviu para justificar as práticas espíritas de tal forma a permitir a atuação do Espiritismo no espaço público.

Para a doutrina espírita, a caridade é um elemento cuja prática é essencial para a evolução espiritual, esta última possibilitada pelas sucessivas reencarnações, nas quais os espíritos – encarnados – tomam decisões, arcando com as conseqüências delas, e conquistam méritos ao longo de sua busca pela perfeição. A partir dessa lógica, faz sentido a frase “fora da caridade não há salvação”.

Explicadas, portanto, a introdução e a permanência do Espiritismo no Brasil, resta explanar um dos motivos recentes pelos quais houve a sua proliferação e seu estabelecimento no universo religioso brasileiro: Chico Xavier.

Ícone do Espiritismo no Brasil, o médium mineiro é considerado o responsável por fazer com que a religião alcançasse o número de adeptos que tem hoje – 2,3 milhões de pessoas (Censo 2000) que se declaram espíritas, excluindo aquelas que declaram ser de outra religião, mas têm concepções de vida (e morte) relacionadas à doutrina de Kardec.

A notoriedade das atividades de Chico Xavier – mediúnicas e assistenciais – contribuiu para uma maior divulgação do Espiritismo no Brasil. Em torno da figura do médium, criou-se um modo peculiar de se entender a doutrina espírita, e isso fica mais evidenciado na cidade em que Chico Xavier estabeleceu sua residência a partir de 1959.

Uberaba passou a ser foco das atenções públicas em função da presença do médium. “Capital”, “Meca” e “Vaticano” do Espiritismo foram denominações que a cidade ganhou. O número de centros espíritas em Uberaba quintuplicou a partir da década de 60 e as práticas assistenciais foram reforçadas, seguindo a forma com qual Chico entendia a caridade.

O aumento do número de centros espíritas coincide também com o que Salamon (1994) denominou de “revolução associativa”, em que dois fatores são importantes para entender a manutenção da prática assistencial preconizada pelas organizações espíritas brasileiras: a crise do estado de bem-estar social, que explicitou a impossibilidade do Estado em prover todos os tipos de serviços sociais, e a crise e o fracasso de políticas de desenvolvimento nos “países do sul”, que abriu a possibilidade de participação de comunidade e populações locais na definição e execução de projetos de desenvolvimento.

As brechas deixadas pelo Estado no suprimento de questões sociais foram preenchidas, por meio da assistência social, em especial pelas instituições religiosas, que fazem parte do conjunto de organizações que hoje recebem o nome de Terceiro Setor.

Conforme conceito de Fernandes (2005), o Terceiro Setor é composto por organizações sem fins lucrativos, cuja criação e manutenção estão fortemente ligadas à participação voluntária, e que estão localizadas numa esfera não-governamental. Suas atividades não só dão continuidade às tradicionais práticas de caridade, filantropia e mecenato, como também, é expandido o seu sentido para outros domínios a partir do momento em que se incorpora o conceito de cidadania e de suas diversas expressões na sociedade civil.

As organizações espíritas são exemplos da continuidade das tradicionais práticas de caridade e filantropia. Ainda não assimilaram, amplamente, o conceito de cidadania, como fica explícito no caso uberabense, em que o tradicionalismo, ligado à figura de Chico Xavier, prevalece. Em Uberaba, não se concebe, consciente e deliberadamente, a promoção social como parte integrante das práticas assistenciais espíritas, apesar dos esforços das entidades representativas federal e estadual no sentido de apresentar e incentivar ações assistenciais que foquem esse conceito. A promoção social e a cidadania não são encaradas como causa da prática assistencial espírita uberabense. Elas são consequência, natural e espontânea, da caridade, seja para o seu agente (o caridoso), seja para quem é alvo dela (o carente).

Dentro da lógica evolucionista espiritual, o status de “carente” (o pobre, o desvalido, o necessitado) ocupa lugar privilegiado na concepção espírita de caridade e de evolução espiritual. Passar pela “feira da necessidade”, da carência, é lidar com o carma a cada nova encarnação, aprendendo valores e virtudes ou mesmo arcando com as consequências de seus atos passados.

A partir desse princípio, é plausível conceber a manutenção de uma situação de carência, dando espaço para a expiação do espírito encarnado com dívida a ser saldada ou com alguma lição a ser aprendida. Além disso, a carência por ser a razão principal da existência da caridade, acaba sendo mantida porque, caso contrário, o motivador existencial espírita – fora da caridade não há salvação – perde seu sentido. Vale ressaltar que a carência/penúria é concebida não apenas em seu aspecto sócio-econômico, como também em seu caráter moral-espiritual.

Por meio da análise do MAPA 1 – GLOBAL, Apêndice C, pode-se notar que a expansão dos centros espíritas em Uberaba acompanhou o crescimento da cidade. Os primeiros centros espíritas a serem criados encontram-se em regiões hoje centrais, mas antes periféricas. Já os com criação mais recente estão localizados na periferia. Analisando o mapa também é possível perceber uma concentração de instituições espíritas em bairros em que sua população é considerada carente. Bairros como Abadia, Conjunto Boa Vista, bairro de Lourdes, dentre outros, são bairros em que os centros espíritas encontram sua razão de ser, ou seja, assim como o antropólogo Giumbelli (1995) entende que a caridade, como princípio maior do espiritismo, toma sentido em função da diferença e alteridade entre aquele que pratica a caridade e o que recebe, este por sua vez normalmente personificado na figura do pobre, do necessitado e do desvalido.

Interessante perceber, ainda, que algumas instituições que foram criadas a partir de um departamento de algum centro espírita (aquelas identificadas com as letras “a”, “b” ou “c”) encontram-se localizadas afastadas de suas “sedes”. É o exemplo das instituições identificadas com o número 7a, 9a, 15b, 23a, 23b e 52a, que estão localizadas em bairros que estão caracterizados como carentes. Pelo mapa fica claro a proporção da expansão dos centros espíritas a partir de 1959, ano da chegada de Chico Xavier em Uberaba. É notório que a expansão das atividades espíritas se dê em direção às áreas mais carentes da cidade,

Pelo exposto, a concepção de Hudson (1999), em que a característica comum das organizações do Terceiro setor é a crença na necessidade de mudança, confirma-se em parte, pois a evolução/mudança tem seu foco no plano espiritual e individual, mantendo-se, muitas vezes, a situação terrena, tendo em vista que a carência e a expiação são encaradas como formas de se evoluir espiritualmente e não materialmente.

A partir desses princípios norteadores, configura-se o modo de gestão da assistência social espírita. No caso uberabense, tais princípios são orientados por valores (HUDSON, 1999; DOMÈNECH et al., 1998), influenciados por Chico Xavier, com um aspecto em comum: todos eles partem do pressuposto da espontaneidade. A influência do médium no modo de agir dos espíritas uberabenses é tamanha que receberam a alcunha, pejorativa, de “chiquistas”. Crítica essa proveniente do interior do próprio movimento espírita brasileiro, numa clara oposição à idolatria de um ícone, prática condenada por Kardec.

A espontaneidade está no cerne de um constante confronto entre dicotomias – livre arbítrio e determinismo, espiritual e material, humano e divino – que povoam o universo espírita uberabense. Ela faz contraponto e resiste à tentativa deliberada das federativas nacional e estadual de se organizar e controlar as atividades assistenciais. Reforça-se a confiança nos “bons espíritos”, ou “guias espirituais”, ou “espíritos superiores”, ou “espiritualidade”, que são orientadores, norteadores dos trabalhos assistenciais. Contraditoriamente, portanto, à qualidade de espontâneo, pois as ações humanas são fruto de deliberada influência espiritual. Consciente ou inconscientemente, os dirigentes se vêem no meio de um conflito entre aquilo que têm liberdade de fazer, enquanto, eles próprios, espíritos encarnados, e aquilo que é determinado pelos espíritos não corporificados.

De qualquer forma, os dirigentes espíritas afirmam e reafirmam o caráter espontâneo da gestão da assistência social espírita, relativamente à organização do

trabalho, à gestão de pessoal, à inexistência de controle explicitado, às condições de trabalho, às relações hierárquicas etc.

Os centros espíritas sobrevivem quase que exclusivamente do trabalho voluntário de pessoas que se envolvem com as organizações espíritas motivadas, basicamente, por dois fatores: o amor ou a dor. Por amor é a maneira pela qual há a inserção do indivíduo na doutrina espírita sem que haja sofrimento, seja por afinidade com as concepções espíritas, seja pela busca por explicações para as questões da vida, seja pelo simples fato de ter tido “berço espírita”, nascido e permanecido no mesmo.

Outra forma de se chegar ao Espiritismo – talvez a mais comum – é pela dor. O centro espírita é o local onde as pessoas encontram alívio para suas dores, físicas ou espirituais, por meio de terapêuticas propostas pela doutrina, tais como “passes”, “desobsessão” e “operações espirituais”. Outra terapia está vinculada ao trabalho, como negação de um ócio improdutivo e desvirtuoso. O “negócio” da organização espírita é a caridade. Para praticá-la, é necessário muito trabalho, que cumpre o duplo papel de servir à caridade como princípio maior da organização, como também o de “curar” (labor-terapia), os males dos indivíduos que procuram os centros espíritas.

O trabalho voluntário é fundamento para a sedimentação da fé espírita. Nele, o sujeito tem a possibilidade de praticar a caridade em um ambiente harmônico em que as idéias de prazer e recompensas estão presentes. É possível pensar que tal fato seja motivacional, mas, à medida que o indivíduo se envolve, são-lhe atribuídas responsabilidades e estas, por sua vez, acabam funcionando como força propulsora da manutenção do sujeito nas atividades assistenciais, pois a doutrina cobra, constantemente, um compromisso de seus adeptos. Esse é um dos controles que se estabelecem dentro dos centros espíritas. Outro está vinculado à necessidade de se verificar em que estado se encontra a mediunidade da pessoa que busca sua inserção no centro espírita, sendo feito um acompanhamento de sua evolução gradativa. É exercido um controle, de maneira informal e fluida, entranhado na convivência entre os voluntários da casa espírita. Cria-se, no entanto, uma aparente desarmonia entre a necessidade de se organizar e controlar o trabalho para a consecução dos objetivos do centro e a liberdade, a espontaneidade e fluidez inerentes à doutrina espírita em Uberaba.

É dessa maneira que é gerida a assistência social espírita em Uberaba, que tem como meio de se praticar a caridade a oferta do “pão material” e do “pão espiritual”. O primeiro atende às demandas imediatas do necessitado, enquanto o segundo está voltado

para uma perspectiva de médio/longo prazo. Oferece-se, inicialmente, a “sopa” (símbolo de assistência material espírita), alimentando o necessitado imediata e materialmente, e depois parte-se para o alimento espiritual, em que, numa perspectiva de longo prazo, tem-se como foco a criança (símbolo do “pão espiritual”), representante maior de um futuro permeado por esperanças.

Entretanto, há críticas, tanto externas como internas ao movimento espírita em Uberaba, sobre a manutenção das atividades vinculadas ao “pão material”, com especial atenção à sopa, vista como alimento da dependência do assistido frente à organização assistencial. A solução encontrada é a educação e conscientização da criança, que passa a ser foco de ações que buscam retirá-la de um ciclo vicioso, hereditário, de miséria (material e moral). Postura que encontra respaldo em concepções mais modernas de promoção social e cidadania.

Em suma, essas são as relações que se estabelecem nessas organizações. Entretanto, o modo de gestão é influenciado tanto por fatores internos como externos (CHANLAT, 1996). O “Mundo de Deus” em que prevalece o “Fora da caridade não há salvação” (fatores internos) faz contraponto e se complementa com o “Mundo de César” (fatores externos). É um relacionamento, no entanto, permeado por alguns conflitos.

“Dai a César o que é de César”, frase de Jesus presente no *Evangelho Segundo o Espiritismo*, codificado por Kardec, resume a forma com a qual os espíritas entendem o mundo dos homens, e lidam com suas leis, sua moeda, seu governo. É o “Mundo de Deus” em que prevalece o “Fora da caridade não há salvação” (ambiente interno), fazendo contraponto e se complementando com o “Mundo de César” (ambiente externo). A partir de suas dinâmicas, os dois mundos caminham juntos na construção do modo de gestão da assistência social espírita em Uberaba.

Tendo em vista a oposição a se exercer deliberadamente qualquer tipo de controle dentro dos centros espíritas, seus dirigentes acabam por resistir em adotar as leis humanas que foram criadas com tal finalidade, como por exemplo, a Lei do Serviço Voluntário. As “leis de César” são relegadas a um segundo plano, já que as “leis de Deus” são consideradas perfeitas e suficientes para o bom andamento dos centros espíritas. Os conflitos com as leis humanas que surgem ao longo da história das organizações espíritas, seus dirigentes buscam atendê-las dentro das possibilidades que a sua doutrina lhes permite. Reforça-se a idéia de que as leis humanas devem ser interpretadas sob a perspectiva da doutrina espírita, aliando fé e razão.

A “moeda de César” está no coração de uma série de dilemas enfrentados pelos dirigentes espíritas. De um lado, a necessidade de se manter os centros espíritas no plano terrestre, e, de outro, os conflitos inerentes ao trato com os recursos financeiros. Tal fato agrava-se pela existência de um impeditivo para a realização de algumas atividades que possam gerar renda, fruto de uma preocupação, difundida por Chico Xavier, em lesar os princípios cristãos. Aspectos doutrinários influenciam a maneira com a qual se lida com o dinheiro e impõe uma postura escrupulosa que acaba por gerar resistência para a realização de tarefas ligadas à “moeda de César”. Isso gera uma preocupação exacerbada em demonstrar a transparência da organização, gerando um ponto de contradição: para ser transparente é necessário o controle contábil e para fazê-lo é necessário deixar de lado a espontaneidade e passar a, deliberada e conscientemente, controlar algo.

De qualquer forma, as atividades de assistência social são sustentadas principalmente por meio de doações de seus próprios participantes/associados e também por meio de bazares de pechincha (venda de roupas e outros objetos a preços módicos) e de eventos que envolvem a venda de alimentos.

Como consequência dessa frágil dinâmica de angariar fundos, os centros espíritas têm que lidar com a escassez, ligada não apenas à falta de fontes de recursos materiais, como também fruto de um “estilo” vinculado a um preceito difundido por Chico Xavier: a simplicidade.

Pelas questões acima expostas, relacionadas aos recursos financeiros, as relações dos centros espíritas com o primeiro setor – poder público – e o segundo setor acabam por serem pontuais e muitas vezes frágeis. Não foram ainda vislumbradas as potencialidades e vantagens que Fischer (2002) enumera para o estabelecimento de parcerias e alianças intersetoriais, tendo em vista uma preocupação em não desvirtuar os princípios doutrinários, já que é refutada a fala política dentro do centro espírita, assim como é reprovada a vinculação das ações assistenciais espíritas à construção de imagem de socialmente responsável para organizações do segundo setor.

Os centros espíritas, como representantes do Terceiro Setor, possuem, em sua origem, um alto grau de informalidade e flexibilidade e, muitas vezes, relutam em se profissionalizar, rejeitando os ditames do mundo da administração por receio de descaracterizar seus ideais, desviar seus valores e ameaçar sua coerência ideológica. No caso específico de Uberaba, teme-se desvirtuar os ideais, os valores e a coerência ideológica difundidos por Chico Xavier, sendo a espontaneidade sua característica mais

marcante. Não se quer seguir manuais, mesmo que estes sejam provenientes do próprio meio espírita, pois se segue o coração, já que “o manual maior é o coração”.

No relacionamento entre fé e razão, a primeira claramente se sobressai em Uberaba, por mais que a doutrina espírita seja caracterizada como sendo uma fé racionada, com aspectos cientificistas. Chico Xavier é o ícone de tal perspectiva e seguindo esse ideal, encontram-se pessoas com um altíssimo nível de comprometimento com a causa espírita, motivadas pela crença que a evolução espiritual está diretamente ligada à prática da caridade.

Se tamanho comprometimento com as ações assistenciais deixasse de ter as algumas das características assistencialistas exemplificadas ao longo deste trabalho, e fosse feita uma transição para um modelo pautado no conceito de desenvolvimento sustentável e incorporando amplamente o conceito de cidadania, operar-se-iam verdadeiras maravilhas no mundo dos homens e, quem sabe, com repercussão no plano espiritual.

Recomendações para pesquisas futuras

Como recomendações para futuras pesquisas, uma das possibilidades é buscar entender os impactos da Assistência Social Espírita em Uberaba. Especificamente, pesquisar o impacto da existência de tantas organizações espíritas em um universo tão reduzido como Uberaba; a influência disso nas ações das organizações com fins lucrativos, genericamente caracterizadas como “Mercado”; e o posicionamento do poder público frente a tudo isso.

Além disso, como o universo de análise da presente pesquisa ficou restrito às organizações que se identificam como “centros espíritas” (ou “casas espíritas”, ou “grupos espíritas”), aquelas definidas como “obras espíritas” ou “obras sociais” (GIUMBELLI, 1998), podem ser alvo de interessante pesquisa futura, pois se percebeu, ao longo das entrevistas, que essas organizações possuem um modo de gestão que é particular à sua realidade, o que difere, em muitos aspectos, do modo de gestão dos centros espíritas. Logo, analisar o modo de gestão de tais organizações é uma possibilidade de pesquisa bastante rica, podendo, ainda, ser feito um estudo comparativo entre essas obras sociais e os centros espíritas.

Outra possibilidade, ainda, liga-se ao fato da pesquisa ter se restringido a entrevistar apenas pessoas que fazem parte da diretoria de seus centros. A perspectiva que predominou, portanto, foi a de pessoas que tomam as decisões dentro do centro espíritas. Portanto, esse limite da pesquisa se torna uma sugestão de pesquisa futura. Ampliar a gama de entrevistados, não restringindo a pessoas ocupantes de cargos na diretoria possibilita ouvir vozes que podem ser dissidentes, enriquecendo mais ainda a análise do modo de gestão da assistência social espírita.

Por último, um aspecto que chamou a atenção durante a pesquisa é a questão do gênero nas organizações espíritas. Existe uma prevalência masculina na direção e feminina nas diversas atividades do centro, como a sopa, costura, faxina e demais tarefas assistenciais. Entender os porquês disso, as dinâmicas que se estabelecem na divisão de tarefas, quais as características do masculino e do feminino dentro do universo espírita, enfim, diversas questões poderiam ser respondidas por meio de uma pesquisa futura sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

- ABONG; GIFE; IPEA; IBGE. **As Fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil: 2002**. IBGE, Gerência do Cadastro Central de Empresas. Rio de Janeiro : IBGE, 2004. Disponível em <<http://www2.abong.org.br/final/download/Fasfil%20-%20pdf.pdf>>. Acesso em 02 ago 2007.
- ABREU MENDES, Luiz Carlos. Estado e Terceiro Setor: uma análise de aproximação. **Revista do Serviço Público**, ano 50, número 3, Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- ALMEIDA, Alexander Moreira de; LOTUFO NETO, Francisco. A mediunidade vista por alguns pioneiros da área mental. **Rev. psiquiatr. clín.**, 2004, vol.31, no.3, p.132-141.
- ALVES, Mário Aquino. Terceiro setor: as origens do conceito. In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração, 2002, Salvador. **Anais...** Salvador, 2002.
- ANHEIER, Helmut. K.. Managing non-profit organisations: towards a new approach. Civil Society Working Paper 1 January, Centre for Civil Society, LSE, London, 2000.
- BAUER, Martins W. Análise de conteúdo clássica. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: manual prático**. Vozes: Petrópolis. 2002
- BIANCHI, Eliane Maria Pires Giavina; IKEDA, A. A. . Analisando a grounded theory em administração. In: **IX Semead - Seminários em Administração**, 2006, São Paulo. IX Semead. São Paulo: FEA/USP, 2006. v. IX.
- CARDOSO, Ruth. Fortalecimento da sociedade civil In: IOSCHPE, Evelyn Berg (org.). **3º Setor: desenvolvimento social sustentado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- CASALI, Adriana Machado. **Comunicação Organizacional em Fusões e Aquisições Internacionais**. 2006. 203 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção)-Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção e Sistemas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- CAVALCANTI, M. L. V. C. . Vida e Morte no Espiritismo Kardecista. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 11-27, 2005. Disponível em http://www.iser.org.br/publicue/media/RS24-2_artigo_maria_viveiros.pdf. Acesso em 15/12/2006.
- CHANLAT, J. F. Modos de gestão, saúde e segurança no trabalho. In DAVEL, E.; VASCONCELOS, J. **Recursos humanos e subjetividade**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHARMAZ, Kathy. **Constructing Grounded Theory: a practical guide through qualitative analysis**. London: Sage Publication, 2006.
- CONSELHO MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - CMAS. **Entidades Inscritas no CMAS**. Disponível em <<http://www.uberaba.mg.gov.br/cmas/pdf/entidades.pdf>>. Acesso em 21 mai 2007.
- DOMÈNECH, Alfred Vernis et al. **La gestión de las organizaciones no lucrativas**. Bilbao: Deusto, 1998.
- FALCONER, A. P. (1999). **A promessa do terceiro setor: um estudo sobre a construção do papel das organizações sem fins lucrativos e do seu campo de gestão**. São Paulo. 152p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo.
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA - FEB. O que é a FEB. Disponível em <<http://www.febnet.org.br/apresentacao/content,0,0,265,0,0.html>>. Acesso em 12 ago. 2007c.
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA - FEB. O que é Espiritismo: Allan Kardec. Disponível em <<http://www.febnet.org.br/apresentacao>>. Acesso em 23 jul. 2007a.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA - FEB. O que é Espiritismo: perguntas frequentes. Disponível em <<http://www.febnet.org.br/apresentacao/faq,0,0,1,0,0.html>>. Acesso em 23 jul. 2007b.

FERNANDES, M. O. Vozes do Céu - os primeiros momentos do impresso kardecista no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2002. CD-ROM

FERNANDES, Rubem C. O que é terceiro setor? In: IOSCHPE, Evelyn Berg (org.). **3o Setor: desenvolvimento social sustentado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FISCHER, Rosa Maria. **O desafio da colaboração**: práticas de responsabilidade social entre empresas e terceiro setor. São Paulo: Editora Gente, 2002.

FREITAS, M. E.. Viver a Tese é Preciso! Reflexões sobre as Aventuras e Desventuras da Vida Acadêmica. **Revista de Administração de Empresas** (FGV), São Paulo/SP, v. 42, n. 1, p. 88-93, 2002.

GIUMBELLI, Emerson. Caridade, assistência social, política e cidadania: práticas e reflexões no Espiritismo. In: LANDIM, Leilah. **Ações em sociedade**: militância, caridade, assistência etc. Rio de Janeiro, NAU, 1998.

GIUMBELLI, Emerson. **Em nome da caridade**: assistência social e religião nas instituições espíritas - Vol I. Rio de Janeiro: ISER, 1995. v. 1. 90 p.

GIUMBELLI, Emerson. Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. **Rev. Antropol.**, 1997, vol.40, no.2, p.31-82. ISSN 0034-7701

GIUMBELLI, Emerson. O "baixo Espiritismo" e a história dos cultos mediúnicos. **Horiz. antropol.**, July 2003, vol.9, no.19, p.247-281. ISSN 0104-7183.

GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm L. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research**. New Brunswick: Aldine Transaction, 2006.

GOULDING, Christina. **Grounded theory**: a practical guide for management, business and market researchers. London: Sage Publication, 2002.

HOUAISS: Dicionário eletrônico da língua portuguesa. Versão 1.0.5a - novembro 2002. Instituto Antônio Houaiss. Editora Objetiva, 2002.

HUDSON, Mike. **Administrando organizações do terceiro setor**: o desafio de administrar sem receita. Tradução de James F. Sunderland Cook. São Paulo: Makron Books, 1999.

ICHIKAWA, E. Y.; SANTOS, L. W.. Apresentando a "grounded theory": uma nova proposta de abordagem qualitativa na pesquisa organizacional. In: **XXV ENANPAD** - Encontro Anual dos Cursos de Pós-Graduação em Administração, 2001, Campinas. Anais do XXV ENANPAD. Campinas : ANPAD, 2001

IOSCHPE, Evelyn Berg. Prefácio. In: IOSCHPE, Evelyn Berg (org.). **3o Setor: desenvolvimento social sustentado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

JAIME, Pedro. Um texto, múltiplas interpretações: notas para uma análise da dinâmica cultural nas organizações. In: **XXV ENANPAD**, 2001, Campinas. CD Room do XXV ENANPAD. Campinas : ANPAD, 2001

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LANDIM, Leilah. Associações no Brasil: comentários sobre dados oficiais recentes. **Democracia viva**, Rio de Janeiro: IBASE, v. 28, p. 76-85, 2005.

LANDIM, Leilah . NGOs and philanthropy in Latin America: the Brazilian case. **Voluntas**, Manchester, UK, v. 4, 1997.

LANDIM, Leilah; THOMPSON, A.. Non-governmental Organizations and Philanthropy in Latin America: an Overview. **Voluntas**, Manchester, v. 8, 1997.

LEWGOY, Bernardo. Chico Xavier e a cultura brasileira. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 44, n. 1, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10/10/2006.

LEWGOY, Bernardo. Etnografia da leitura num grupo de estudos espírita. **Horiz. antropol.**, July/Dec. 2004a, vol.10, no.22, p.255-282. ISSN 0104-7183.

LEWGOY, Bernardo. **O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira**. Bauro, SP: EDUSC, 2004b.

LOCKE, Karen. **Grounded theory in management research** (SAGE Series in Management Research). London: Sage Publication, 2001.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A.. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARÇON, D. ; ESCRIVÃO FILHO, E. . Gestão das organizações do terceiro setor: um repensar sobre as teorias organizacionais.. In: **Encontro Nacional da ANPAD, 2001**, Campinas. XXV ANPAD. Campinas : ANPAD, 2001.

PANDIT, N. R. The creation of theory: a recent application of the grounded theory method. **The Qualitative Reporty**. 2 n.4, December. 1996. Disponível em:<<http://www.nova.edu/ssss/QR/QR2-4/pandit.html>>. Acesso em: 08 mar 2008.

PIETRUKOWICZ, Marcia Cristina Leal Cypriano. **Apoio social e religião: uma forma de enfrentamento dos problemas de saúde**. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2001. 117 p

SALAMON, Lester. Estratégias para o fortalecimento do terceiro setor. In: IOSCHPE, Evelyn Berg (org.). **3º Setor: desenvolvimento social sustentado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

SALAMON, Lester. The Rise of the Nonprofit Sector. **Foreign Affairs**, Volume 73, Number 4, July-August 1994, pp. 118-119

SALAMON, Lester; ANHEIER, Helmut. Social Origins Of Civil Society: Explaining the nonprofit sector cross-nationally. **Voluntas: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations**, Vol. 9, No. 3, 1998

SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. Campinas, SP: Editora Átomo, 2004.

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E TURISMO – SEDET. **Guia Oficial de Uberaba**. Disponível em < http://www.uberaba.mg.gov.br/sedet/downloads/guia_compacto_2006.pdf>. Acesso em 21 mai 2007.

SILVA, Raquel Marta da. **Chico Xavier: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Minas Gerais - Uberaba, 1959/2001**. 2002. 287 f. Dissertação (Mestrado em História)-Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

SILVEIRA, José Carlos da. (coordenador). **Serviço de assistência e promoção social espírita: manual de apoio**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006.

SOUTO MAIOR, Marcel. **As vidas de Chico Xavier**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

STOLL, Sandra Jacqueline. Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação. **Estud. av.**, Dec. 2004, vol.18, no.52, p.181-199. ISSN 0103-4014.

STOLL, Sandra Jacqueline. Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil. **Rev. Antropol.**, 2002, vol.45, no.2, p.361-402. ISSN 0034-7701.

STRAUSS, Anselm L.; CORBIN, Juliet M.. **Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing grounded theory**. 2nd ed. Thousand Oaks: Sage Publications, c1998.

TENÓRIO, Fernando Guilherme. **Um espectro ronda o terceiro setor, o espectro do mercado: ensaios de gestão social**. 2ª. ed. rev. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

TEODÓSIO, A. S. S. Por uma agenda crítica de estudos sobre terceiro setor: um ensaio crítico para além da crítica. In: **Integração**. Disponível em: <http://integracao.fgvsp.br>, a partir de 06/08/2005.

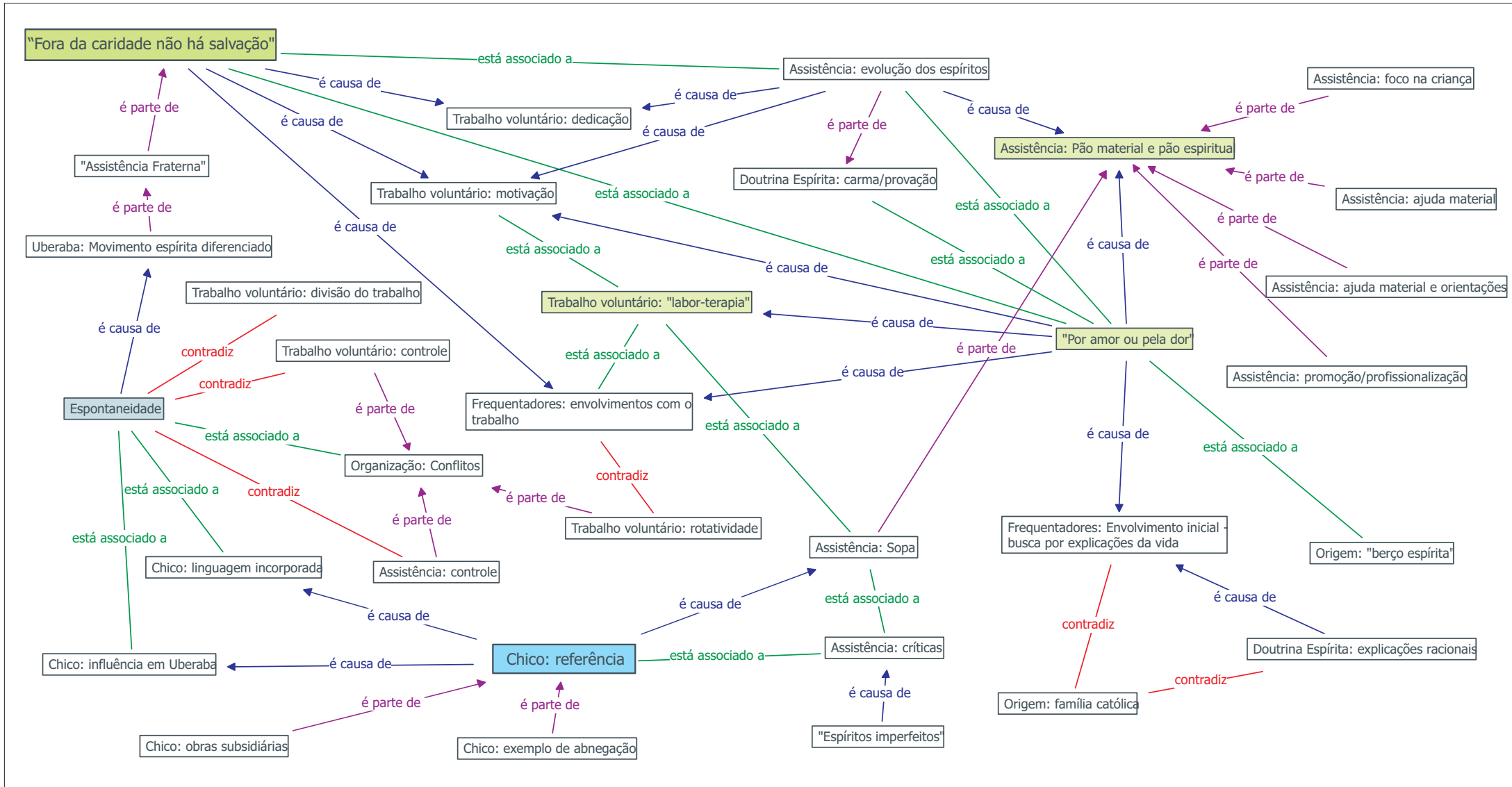
THOMPSON, Andrés A. Do compromisso à eficiência? Os caminhos do terceiro setor na América Latina. In: IOSCHPE, Evelyn Berg (org.). **3º Setor: desenvolvimento social sustentado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GLOSSÁRIO

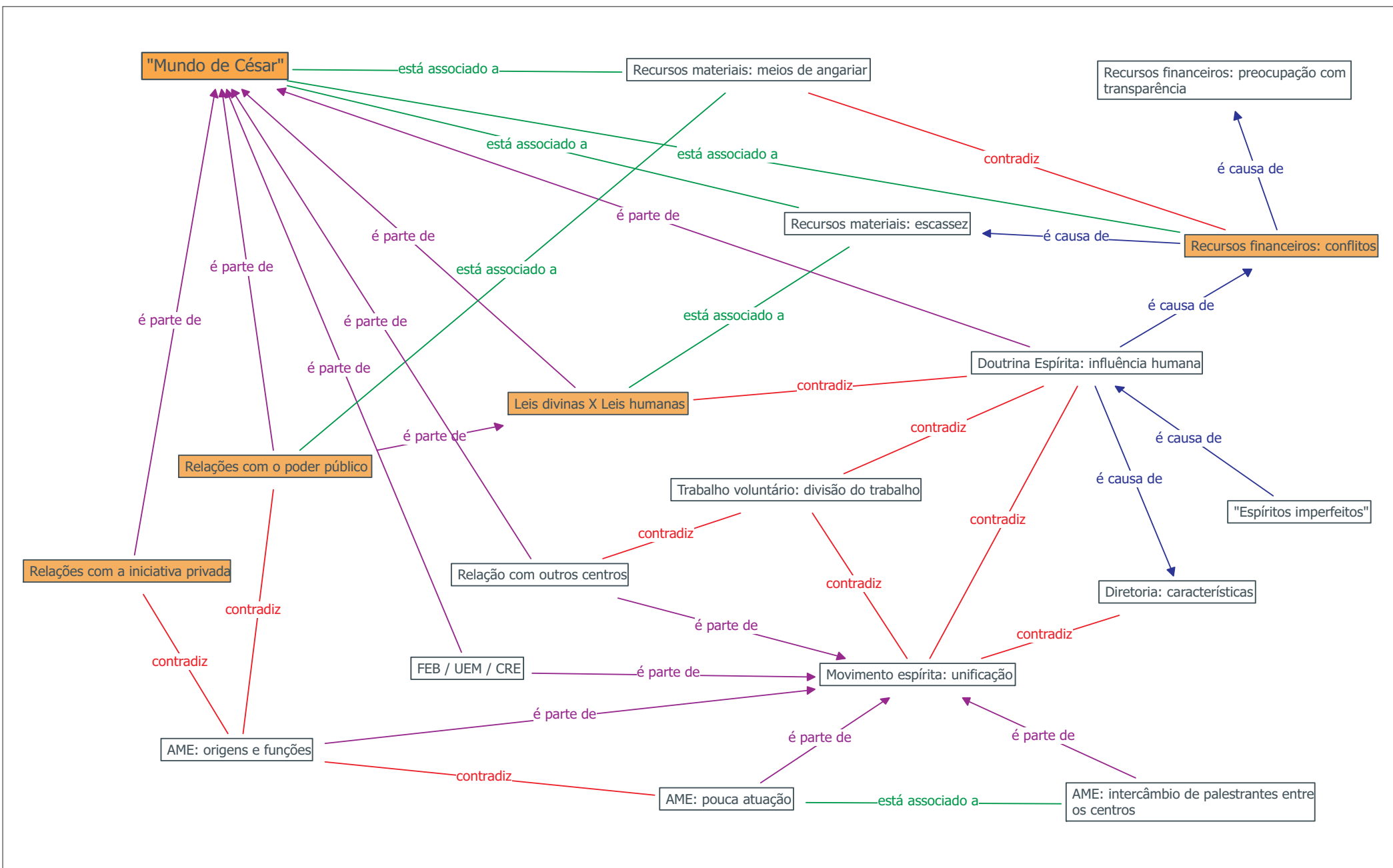
Carma	O carma ou a “lei da causalidade cósmica” é essa balança na qual nenhum fato significativo do ponto de vista moral se perde. Desse modo, cada espírito produziria o seu carma e, inexoravelmente, com ele se enfrentaria a cada nova encarnação. (CAVALCANTI, 2005, p.9)
Codificação	Em Paris, Allan Kardec, pedagogo formado numa tradição cientificista e liberal, fez os seus primeiros estudos do Espiritismo. Em sua residência, junto com um pequeno grupo, interrogou os espíritos, anotou e ordenou os dados que obteve. Por isso é chamado de o “Codificador do Espiritismo”. O resultado dessas sessões foi o lançamento de “O Livro dos Espíritos”, em 18 de abril de 1857, em Paris, constituindo-se por “um conjunto de verdade comunicadas diretamente do mundo espiritual, por intermédio de vários médiuns, ou seja, pessoas por meio das quais os espíritos se manifestavam” (SANTOS, 2004, p.10).
Desobsessão	A sessão de desobsessão encena justamente o drama vivido por um espírito desencarnado que, por não aceitar a sua própria morte/desencarnação, obseda um vivente com o desejo último de substituir o corpo que ele não aceita ter perdido pelo de outrem. (CAVALCANTI, 2005, p.18)
Determinismo	1. Princípio segundo o qual todos os fenômenos da natureza estão ligados entre si por rígidas relações de causalidade e leis universais que excluem o acaso e a indeterminação, de tal forma que uma inteligência capaz de conhecer o estado presente do universo necessariamente estaria apta tb. a prever o futuro e reconstituir o passado. 1.1- Princípio segundo o qual tudo no universo, até mesmo a vontade humana, está submetido a leis necessárias e imutáveis, de tal forma que o comportamento humano está totalmente predeterminado pela natureza, e o sentimento de liberdade não passa de uma ilusão subjetiva. (HOUAISS, 2002)
Encarnação, Desencarnação e Reencarnação	A idéia estrita de morte desaparece, pois esta é apenas o processo que os espíritos chamam de desencarnação, condição na qual o espírito deixa, em caráter definitivo, o seu corpo físico (carne). Logo, a encarnação liga-se ao nascimento e a reencarnação é a sucessão de existências físicas. O objetivo da reencarnação é a evolução, ou seja, os espíritos reencarnam tantas vezes quantas forem necessárias ao seu aprimoramento. (SANTOS, 2004)
Kardecismo	A utilização do termo “Espiritismo kardecista” ou Kardecismo é uma forma de distinção em relação a outras formas religiosas que não se declaram afiliadas a Allan Kardec e aos livros por ele codificados, apesar de se caracterizarem também como “espíritas” ou “espiritualistas”.
Livre-arbítrio	Possibilidade de decidir, escolher em função da própria vontade, isenta de qualquer condicionamento, motivo ou causa determinante. (HOUAISS, 2002)
Médium	A noção de reencarnação (...) implica, por sua vez, a noção da mediunidade, pois como espírito encarnado, um ser humano é sempre um médium, canal de contato permanente entre mundos diversos. (CAVALCANTI, 2005, p.4-5)
Mediunidade	Diferentes formas da comunicação espiritual entre espíritos encarnados e desencarnados (...). Espírito encarnado comunica-se permanentemente (voluntária ou involuntariamente) com os espíritos desencarnados. (CAVALCANTI, 2005, p.7) Com a mediunidade, a sociedade de “Além túmulo” e a sociedade terrena integram-se efetivamente como uma única e compacta sociedade. Os espíritos, encarnados ou desencarnados, comunicam-se permanentemente. Por meio da comunicação espiritual, os dois mundos se fundem numa ativa rede de interações. Como todo ser humano é um espírito encarnado, a mediunidade seria um “dom orgânico inato”. (CAVALCANTI, 2005, p.16)
Mesas girantes	Consistiam na reunião de um grupo de pessoas que, em torno de uma mesa, colocavam as mãos sobre ela e se concentravam. Supunha-se que a manifestação dos espíritos acontecia por meio do deslocamento da mesa, e, portanto, a partir desse movimento, era possível receber informações e respostas a questões formuladas aos espíritos.

Obras básicas	Allan Kardec publicou o que hoje se conhece como “obras básicas” do Espiritismo: O que é o Espiritismo (1859), O Livro dos Médiuns (1861), O Evangelho segundo o Espiritismo (1864), O Céu e o Inferno (1865) e A Gênese (1868).
Obsessão	A obsessão é o modelo exemplar da mediunidade negativa. Ela consiste no fracionamento, digamos assim, da unidade espírito + corpo da encarnação. Com ela, um homem tem o espírito aniquilado e o corpo subjugado pela vontade de um espírito desencarnado. (CAVALCANTI, 2005, p.17)
Passe	Nesse caso, as mãos de um “médium” servem de veículo para os “fluídos” de “espíritos superiores”, os quais têm a propriedade de trazer alívio a sofrimentos físicos ou morais. Oferecida no centro espírita, a sessão de passes pode ser coletiva – aberta ao público – ou individual; nesse caso, o indivíduo passa por uma entrevista e depois é atendido várias vezes por um “médium”, em aposentos especiais chamados de “câmara de passe” (GIUMBELLI, 1995, p.47)
Psicografia	Relatos nos quais, por meio [da escrita] do médium, espíritos desencarnados comunicam-se com os encarnados. Destacam-se as narrativas de um espírito desencarnado, recebidas pelo médium, que testemunham e descrevem, com riqueza de detalhes sensíveis, a existência do Além e da vida pós-morte, e afirmam a morte como experiência de passagem. De outro lado, há um outro tipo de relato, em que um espírito desencarnado relata através do médium suas muitas vidas encarnadas, cheias de detalhes históricos e lições doutrinárias. (CAVALCANTI, 2005, p.13)

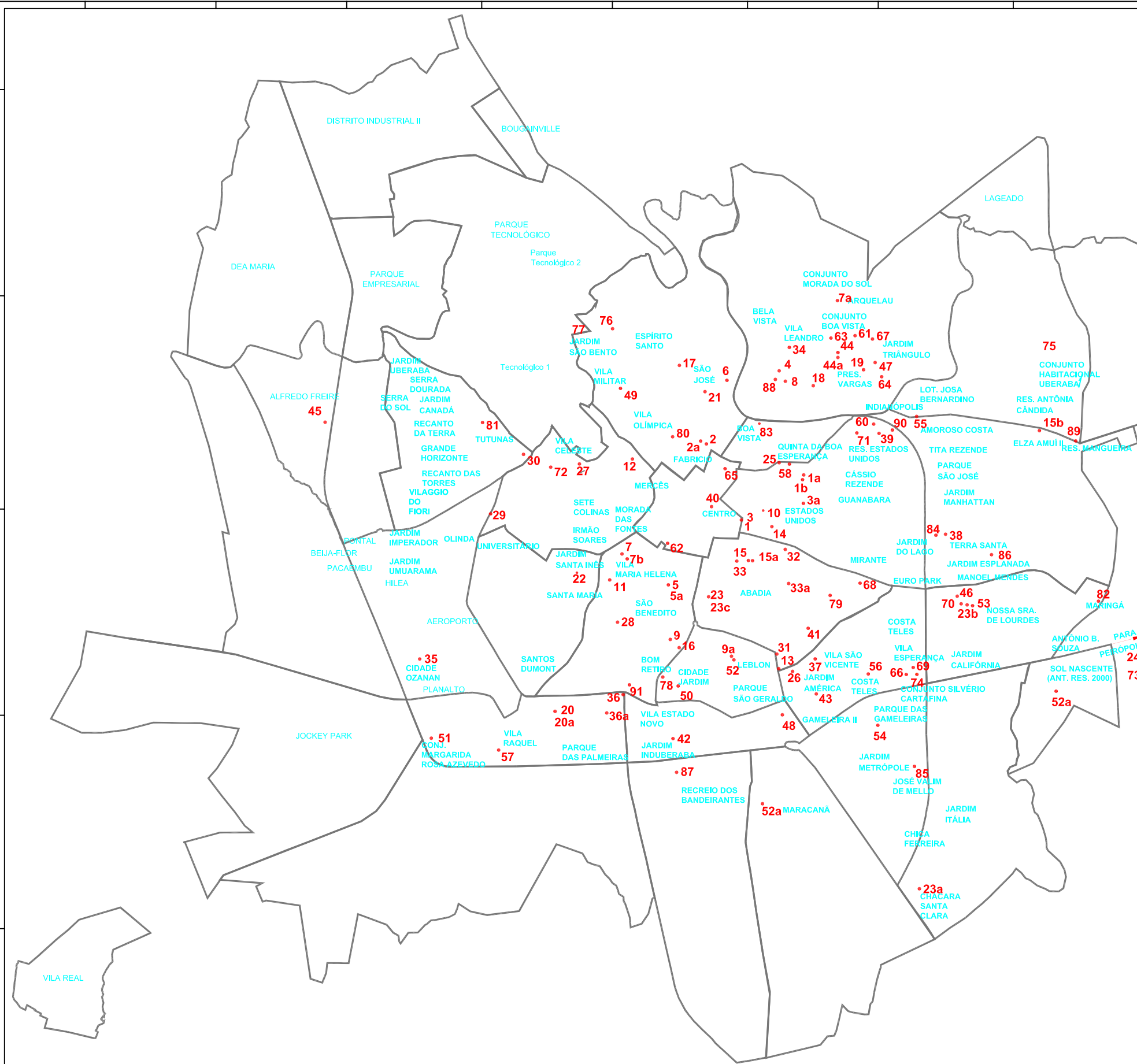
Apêndice A - Rede de relacionamento de códigos: “Fora da caridade não há salvação”



Apêndice B - Rede de relacionamento de códigos: “Mundo de César”



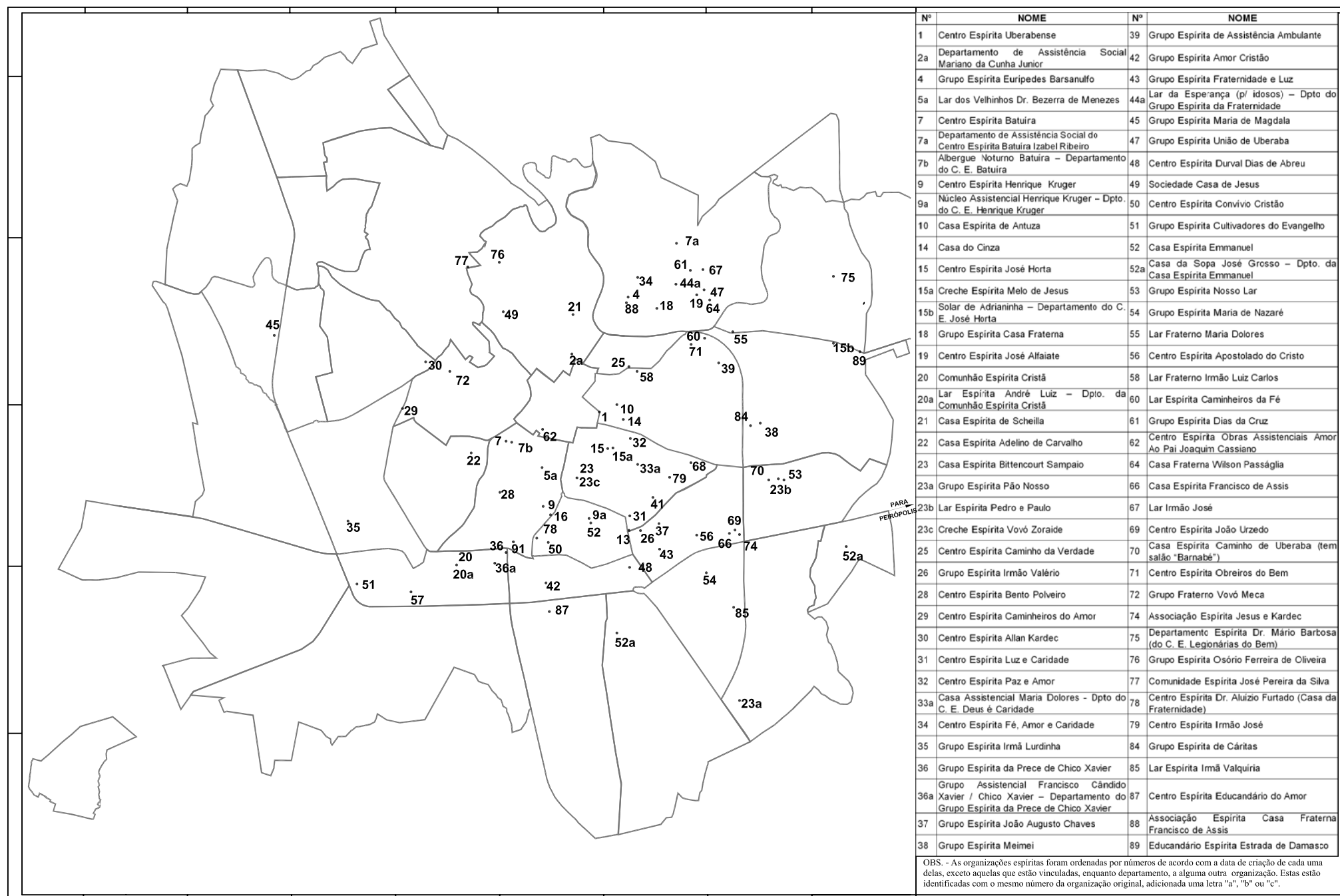
Apêndice C - MAPA 1 - GLOBAL - INCLUI TODAS AS ORGANIZAÇÕES ESPÍRITAS DE UBERABA, VINCULADAS À AME



Nº	NOME	CRIADO EM	BAIRRO	Nº	NOME	CRIADO EM	BAIRRO
1	Centro Espirita Uberabense	1911	ESTADOS UNIDOS	40	Grupo Espirita Mercedes Chaves	1976	CENTRO
1a	Sanatório Espirita de Uberaba – Departamento do C. E. Uberabense	1933	ESTADOS UNIDOS	41	Centro Espirita Lar da Paz de Jesus	1980	ABADIA
1b	Posto Espirital Mº Modesto Cravo - Casa Espirita do Jardim – Anexo ao Sanatório	1933	ESTADOS UNIDOS	42	Grupo Espirita Amor Cristão	1981	JD. INDEUBERABA
2	Centro Espirita Aurélio Agostinho	1920	FABRÍCIO	43	Grupo Espirita Fraternidade e Luz	1981	PQ. DAS GAMELEIRAS
2a	Departamento de Assistência Social Mariano da Cunha Junior	s.c.	FABRÍCIO	44	Grupo Espirita da Fraternidade	1982	BOA VISTA
3	União da Mocidade Espirita de Uberaba	1940	ESTADOS UNIDOS	44a	La' da Esperança (p/ idosos) – Dpto do Grupo Espirita da Fraternidade	s.d.	BOA VISTA
3a	Lar Espirita de Uberaba	1949	ESTADOS UNIDOS	45	Grupo Espirita Maria de Magdala	1982	ALFREDO FREIRE
4	Grupo Espirita Euclides Barsanufio	1941	BOA VISTA	46	La' Espirita Maria de Nazaré	1982	LOURDES
5	Centro Espirita Vicente de Paulo	1942	CENTRO	47	Grupo Espirita União de Uberaba	1983	JD. TRIÂNGULO
5a	Lar dos Velhinhos Dr. Bezerra de Menezes	1942	CENTRO	48	Centro Espirita Durval Dias de Abreu	1984	PQ. DAS GAMELEIRAS
6	Associação Casa Espirita Legionárias do Bem	1947	FABRÍCIO	49	Sociedade Casa de Jesus	1985	VILA MILITAR
7	Centro Espirita Bataíra	1949	SÃO BENEDITO	50	Centro Espirita Convívio Cristão	1986	PQ. SÃO GERALDO
7a	Departamento de Assistência Social do Centro Espirita Bataíra Izabel Ribeiro	1981	VILA ARQUELAU	51	Grupo Espirita Cultivadores do Evangelho	1986	CONJ. GRANDE VOLTA
7b	Albergo Noturno Bataíra – Departamento do C. E. Bataíra	s.c.	SÃO BENEDITO	52	Casa Espirita Emmanuel	1986	LEBLON
8	Centro Espirita João Batista	1949	BOA VISTA	52a	Casa da Sopa José Grosso – Departamento da Casa Espirita Emmanuel	2002 (1ª sopa)	RESIDENCIAL 2000
9	Centro Espirita Henrique Kruger	1951	SÃO BENEDITO	53	Grupo Espirita Nosso Lar	1986	LOURDES
9a	Núcleo Assistencial Henrique Kruger – Departamento do C. E. Henrique Kruger	1951	LEBLON	54	Grupo Espirita Maria de Nazaré	1987	PQ. DAS GAMELEIRAS
10	Casa Espirita de Antuca	1952	ESTADOS UNIDOS	55	La' Fraterno Maria Dolores	1987	AMOROSO COSTA
11	Centro Espirita Bezerra de Menezes	1952	SÃO BENEDITO	56	Centro Espirita Apostolado do Cristo	1988	CONJ. COSTA TELLES
12	Centro Espirita Caminho da Luz	1952	MERCÊS	57	Grupo Espirita Assistencial Herculano Pires	1988	PQ. DAS AMÉRICAS
13	Lar Espirita de Lázaro	1953	ABADIA	58	La' Fraterno Irmão Luiz Carlos	1988	ESTADOS UNIDOS
14	Casa do Cruz	1955	ESTADOS UNIDOS	60	La' Espirita Caminhos da Fé	1990	RESIDENCIAL ESTADOS UNIDOS
15	Centro Espirita José Horta	1957	ABADIA	61	Grupo Espirita Dias da Cruz	1990	VILA NOVA MOGIANA DE
15a	Creche Espirita Melo de Jesus	1989	ABADIA	62	Centro Espirita Obras Assistenciais Amor Ao Pai Joaquim Cassiano	1990	SÃO BENEDITO
15b	Solar de Adrianinha – Departamento do C. E. José Horta	1957	RESIDENCIAL MANGUEIRA	63	Cantinho Fraterno André e Graziela	1991	BOA VISTA
16	Centro Espirita Poder Divino	1957	BOM RETIRO	64	Casa Fraterna Wilson Passaglia	1991	JD. TRIÂNGULO
17	Casa Espirita André Luiz	1958	VILA SÃO JOSÉ	65	Grupo Espirita Caibar Schutel	1991	CENTRO
18	Grupo Espirita Casa Fraterna	1958	BOA VISTA	66	Casa Espirita Francisco de Assis	1991	VILA ESPERANÇA
19	Centro Espirita José Alfaiate	1958	AMOROSO COSTA	67	La' Irmão José	1991	JD. TRIÂNGULO
20	Comunhão Espirita Cristã	1959	PQ. DAS AMÉRICAS	68	Casa Espirita Maria Modesto	1991	ABADIA
20a	Lar Espirita André Luiz – Departamento da Comunhão Espirita Cristã	1986	PQ. DAS AMÉRICAS	69	Centro Espirita João Urzêdo	1993	VILA ESPERANÇA
21	Casa Espirita de Schella	1960	VILA SÃO JOSÉ	70	Casa Espirita Caminho de Uberaba (tem um salão chamado "Barnabé")	1994	LOURDES
22	Casa Espirita Adelino de Carvalho	1961	SANTA MARIA	71	Centro Espirita Obeiros do Bem	1994	RESIDENCIAL ESTADOS UNIDOS
23	Casa Espirita Bittencourt Sampaio	1961	ABADIA	72	Grupo Fraterno Vovô Meca	1995	TUTUNAS
23a	Grupo Espirita Pão Nosso	1979	JD. AMÉRICA	73	Centro Espirita Frederico Peiró	1995	PEIRÓPOLIS
23b	Lar Espirita Pedro e Paulo	1985(+/-)	LOURDES	74	Associação Espirita Jesus e Kardec	1995	LOURDES
23c	Creche Espirita Vovô Zorade	1961	ABADIA	75	Departamento Espirita Dr. Mário Barbosa (do C. E. Legionárias do Bem)	1996	JD. PRIMAVERA
24	Centro Espirita Euclides Barsanufio - Peirópolis	1961	PEIRÓPOLIS	76	Grupo Espirita Osório Ferreira de Oliveira	1996	JD. ESPÍRITO SANTO
25	Centro Espirita Caminho da Verdade	1962	QUINTA DA ESPERANÇA	77	Comunidade Espirita José Pereira da Silva	1997	VILA MILITAR
26	Grupo Espirita Irmão Valério	1964	JD. AMÉRICA	78	Centro Espirita Dr. Aluizio Furtado (Casa da Fraternidade)	1998	PQ. SÃO GERALDO
27	Centro Espirita Jesus de Nazaré	1964	VILA CELESTE	79	Centro Espirita Irmão José	1998	ABADIA
28	Centro Espirita Bento Polveiro	1965	SÃO BENEDITO	80	Casa Fraterna de Jesus e Francisco de Assis	1998	FABRÍCIO
29	Centro Espirita Caminhos do Amor	1965	MERCÊS	81	Casa Espirita Paulo, O Apóstolo	1998	TUTUNAS
30	Centro Espirita Allan Kardec	1966	MERCÊS	82	Grupo Espirita Irmão X	2000	MARINÁS
31	Centro Espirita Luz e Caridade	1970	ABADIA	83	Educandário Espirita Portal da Luz	2000	BOA VISTA
32	Centro Espirita Paz e Amor	1973	ABADIA	84	Grupo Espirita de Caritas	2001	JD. MANHATAN
33	Grupo Espirita Deus é Caridade	1975	ABADIA	85	La' Espirita Irmã Valquíria	2002	CONJ. VALIM DE MELO
33a	Casa Assistencial Maria Dolores – Departamento do C. E. Deus é Caridade	1987	ABADIA	86	Associação Espirita União e Prece	2002	CONJ. MENDES MANOEL
34	Centro Espirita Fé, Amor e Caridade	1975	BOA VISTA	87	Centro Espirita Educandário do Amor	2003	RECREIO BANDEIRANTES DOS
35	Grupo Espirita Irmã Lurdinha	1975	OZANÁ	88	Associação Espirita Casa Fraterna Francisco de Assis	2004	BOA VISTA
36	Grupo Espirita da Prece de Chico Xavier	1975	PQ. DAS AMÉRICAS	89	Educandário Espirita Estrada de Damasco	2004	AMOROSO COSTA
36a	Grupo Assistencial Francisco Cândido Xavier– Dpto. do Grupo Espirita da Prece de Chico Xavier	s.c.	PQ. DAS AMÉRICAS	90	Casa Espirita Fé e Esperança	s.d.	RESIDENCIAL ESTADOS UNIDOS
37	Grupo Espirita João Augusto Chaves	1976	ABADIA	91	Grupo Espirita Irmão Franklin	s.d.	PQ. DAS AMÉRICAS
38	Grupo Espirita Meime	1977	LOURDES				
39	Grupo Espirita de Assistência Ambulante	1978	RESIDENCIAL ESTADOS UNIDOS				

OBS.: (1) As organizações espíritas foram ordenadas por números de acordo com a data de criação de cada uma delas, exceto aquelas que estão vinculadas, enquanto departamento, a alguma outra organização. Estas estão identificadas com o mesmo número da organização original, adicionada uma letra "a", "b" ou "c". (2) Para algumas organizações não foi possível acrescentar a data de criação, por isso o "s.d.". Essas informações não constam nos dados fornecidos pela AME e foram feitas tentativas de se confirmar com representantes dessas organizações, mas os mesmos não sabiam precisar.

Apêndice D - MAPA 2 - ALIMENTOS - INCLUI SOMENTE ORGANIZAÇÕES ESPÍRITAS DE UBERABA, VINCULADAS À AME, QUE DISTRIBUEM ALIMENTOS



Apêndice E – Quadro 07: Atividades de Assistência Social

		CATEGORIA	ATIVIDADE (GIUMBELLI, 1995)	OBSERVAÇÕES SOBRE UBERABA
ATIVIDADES DE ASSISTÊNCIA SOCIAL	“Pão Espiritual”		Escolarização de crianças	“Qualquer centro espírita ele tem que ter o que nós chamamos de departamento de assistência social. É OBRIGADO a ter. Se ele for um centro espírita, ele tem que ter um departamento de assistência social. Este departamento de assistência social ele se divide em vários setores. Tem o setor da sopa fraterna, que em alguns centros é uma vez por semana, tem centro que é três vezes por semana e tem centro que é todo o dia. Dependendo de onde o centro está alocado, dependendo da população que está ao redor deste centro, então vai de conformidade com a demanda. Então nós temos a sopa fraterna, a parte de assistência à gestante, que além do enxoval inclui (...) uma orientação quanto à educação da criança, com a formação moral desta criança, da própria mãe. Depois nós temos as campanhas sazonais que é: a campanha de inverno, a campanha do dia das crianças, a campanha de Natal, a gente tem várias campanhas durante o ano que a gente chama campanha sazonal. Geralmente, são três ou quatro campanhas. Temos ainda uma campanha próxima ao aniversário do centro como uma forma de comemorar o aniversário do centro desta forma. E aí temos também o departamento, as pessoas que ficam encarregadas de costura, a gente ganha roupa usada conserta essas roupas, faz enxovaizinhos, faz paletozinho de flanela, existe o departamento de assistência fraterna, esse departamento é dividido, e existem as pessoas que são responsáveis por cada grupo.” (REPRESENTANTE A-CEU-07)
			Alfabetização de adultos	
			Manutenção de creche, lactário ou algo similar	
			Assistência materno-infantil	
			Promoção humana (Não se trata, nesse caso, de uma atividade propriamente dita, mas de um conceito que comporta várias atividades – escolarização, profissionalização, evangelização – que visam a ressocialização de crianças e adolescentes abandonados e/ou marginalizados)	
			Formação e capacitação para o trabalho	
			Central de oportunidades (Serviço que centraliza informações sobre ofertas de emprego, vagas em escolas etc e pessoas interessadas em ajudar instituições e indivíduos em situação de necessidade)	
	“Pão Material”		Fornecimento de refeições	“O trabalho da sopa aos domingos. Eu não participo da sopa, mas cada domingo tem uma equipe escalada. E faz a sopa lá para 150, 200, 300 pessoas, conforme o número de pessoas presentes. Tem uma equipe que trabalha e cada equipe consegue seu próprio mantimento. Tem uns que levam verdura, outros levam arroz, macarrão... alguns ganham isso daí outros trazem, compram com seus próprios recursos” (REPRESENTANTE A-CEU-01)
			Distribuição de alimentos	
			Assistência médico-odontológica	
			Distribuição de agasalhos durante o inverno	
			Distribuição de roupas, em geral usadas	
			Campanhas de arrecadação e distribuição de víveres, roupas etc (Por ocasião de datas especiais, tais como Natal)	
	“Pão material” e “Pão espiritual”		Assistência jurídica (Orientação para retirada de documentos, prestação de serviços de defensoria etc)	“Na quinta feira de manhã, tem o nosso médico aqui (...) que faz um trabalho médico voluntário. Ele atende as pessoas aqui na nossa sede. Então, ele atende do ponto de vista médico e tem pessoas que atendem espiritualmente, médiuns que são capacitados para dar algum aconselhamento para a pessoa, respeitando-se, obviamente, o atendimento MÉDICO e o atendimento espiritual. Nós não interferimos no tratamento médico. Na Terra, médico da Terra é que tem que cuidar. Nós apenas tratamos de questões espirituais. Nós não receitamos remédio para ninguém, a não ser que seja na presença do (...) médico habilitado para isso.” (REPRESENTANTE A-CEU-01)
			Visitas a doentes, idosos e a instituições de caridade	
			Programa de amparo a famílias cadastradas	
			Amparo a grupos específicos (gestantes, idosos, deficientes, toxicômanos etc)	

Fonte: Adaptado de GIUMBELLI, 1995, p. 47

Apêndice F – Quadro 08: Atividades Religiosas

	ATIVIDADE	DESCRIÇÃO (GIUMBELLI, 1995)	OBSERVAÇÕES SOBRE UBERABA
ATIVIDADES RELIGIOSAS	Reuniões públicas doutrinárias	Sessões abertas, destinadas à leitura e comentários de obras doutrinárias do Espiritismo ou do Evangelho	Para a realização das palestras das reuniões públicas doutrinárias, é feita uma escala de trabalho envolvendo não só indivíduos do centro em questão, como também comparecem palestrantes de outras casas espíritas, convidados. Essas reuniões acontecem, normalmente, em um salão ou na maior sala disponível do centro, para comportar diversas cadeiras destinadas ao público freqüentador. Em alguns centros uberabenses acontece, simultaneamente às reuniões doutrinárias, o trabalho de psicografia de um médium. Ou seja, ao mesmo tempo que as palestras explanatórias acontecem, as pessoas aguardam por notícias de pessoas falecidas, por meio de cartas espirituais.
	Evangelização de crianças e jovens	Encontros realizados na própria sede ou em local externo visando o ensinamento da “moral cristã” por meio da leitura e do comentário dos Evangelhos	“O trabalho mais importante de QUALQUER centro espírita é o que nós chamamos de EVANGELIZAÇÃO DA CRIANÇA, não é torná-la espírita não, é torná-la um homem íntegro. Então o Espiritismo trabalha sempre com os olhos no futuro. Para nós, é muito mais importante formar estes jovens do que ficar mil vezes oferecendo esmolas, esmola é uma palavra pejorativa, você entendeu o que eu quis dizer? A prática da caridade é importante porque quem tem fome tem pressa. Mas se eu pego uma criança e tiro ela da escuridão da ignorância e mostro para ela o caminho profissionalizante e mostro para ela que ela pode ser alguém na vida, eu dou instrução a esta criança, nós temos trabalho de reforço escolar, então o que acontece? Eu estou dando oportunidade para aquela pessoa no futuro não ser mais um na vida, mas ser ALGUÉM que faça a diferença. Então os mentores [espíritas] advertem isso diariamente: a prioridade absoluta no centro, não é trabalho de desobsessão, como muitos centros insistem em dizer, que é o trabalho de cura dos espíritos enfermos e das pessoas que são influenciadas por esses espíritos, não é nada disso. O trabalho mais importante são das crianças, formar os homens do amanhã, é a evangelização das crianças.” (REPRESENTANTE A-CEU-07)
	Treinamento mediúnico	Reuniões e práticas que servem para o desenvolvimento de faculdades associadas à mediunidade e o aprimoramento moral do “médium”	A palavra “treinamento” talvez não seja a mais adequada para o caso uberabense. Mencionou-se a existência de um “Departamento de estudos mediúnicos”, que, segundo o entrevistado, é um “pilar da doutrina espírita” (REPRESENTANTE A-AME). Já outro entrevistado demonstra a preocupação que há em se entender a mediunidade do indivíduo que procura o centro espírita: “primeiro temos que ver o estado em que se encontra a sua mediunidade. Se já for médium desenvolvido, médium equilibrado, ele tem mais facilidade do que aquele que chega pela dor, direto, que já precisa do, como se diz, é como se fosse uma criança, no colo, depois no chão, depois dar os primeiros passos, até que ele possa caminhar completamente com seus pés. Então nós acompanhamos a evolução, isso é uma evolução gradativamente, porque mediunidade não é enfermidade, é compromisso que nós recebemos quando nós encarnamos. (...) Aqui, por exemplo, todos os trabalhos mediúnicos, nós só organizamos, nós, encarnados, montamos as equipes e organizamos, os trabalhos são orientados e dirigidos pelo alto, pela a espiritualidade maior. Nós somos apenas os meios para que eles possam trabalhar.” (REPRESENTANTE CEU-05)
	Reuniões privadas de estudos	Sessões restritas aos colaboradores e trabalhadores do centro espírita dedicadas ao estudo sistemático da doutrina por meio de suas obras	Ao longo das entrevistas realizadas em Uberaba não se comentou amplamente a respeito das reuniões privadas de estudos doutrinários. Foram feitos apenas alguns comentários sobre as reuniões de jovens para fins de estudos das obras kardecistas.

Fonte: Adaptado de GIUMBELLI, 1995, p. 47

Apêndice G – Quadro 09: Atividades de Assistência Espiritual

ATIVIDADES DE ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL	ATIVIDADE	DESCRIÇÃO (GIUMBELLI, 1995)	OBSERVAÇÕES SOBRE UBERABA
	Higiene mental	Sessões em geral fechadas cujo objetivo é promover uma “limpeza psíquica”, harmonizando espiritualmente os indivíduos pela influência benfazeja de “espíritos superiores”	O termo “higiene mental” não foi utilizado em momento algum. Um entrevistado, no entanto, descreveu as atividades das reuniões de materialização voltadas para a cura física de indivíduos que procuram o centro para tal fim e que em muito se assemelham com a descrição de Giumbelli (1995)
	Reuniões de desobsessão	A desobsessão é a prática terapêutica que mais recebeu investimentos por parte dos espíritas. Parte da divisão básica entre “corpo” e “espírito” e da possibilidade de que existam desordens específicas à segunda daquelas dimensões. Assim, problemas mentais sem causa orgânica são assimilados a casos de “obsessão”, em que o “espírito” de um indivíduo passa a ser assediado pelo “espírito” de uma pessoa falecida, decorrendo dessa intervenção perturbações de ordem moral, comportamental e física. A desobsessão consiste basicamente em uma dupla “moralização”: a do espírita “obsessor”, que deve ser demovido da perseguição que enceta, convencendo-se de que isso prejudica sua evolução espiritual; a do indivíduo “obsidiado”, que deve tomar consciência do motivo que deu chances para aquela intervenção maléfica e se transformar moralmente	“Na quarta feira nós temos um trabalho à noite que é privativo do grupo, que trata de atendimentos espirituais. As pessoas que têm quaisquer problemas, qualquer desequilíbrio de natureza espiritual é feito na quarta feira à noite. É um trabalho privativo.” (REPRESENTANTE A-CEU-01)
	Operações espirituais	Trata-se de uma metáfora da cirurgia médica, que envolve a intervenção de “espíritos superiores”, com o concurso de “médiums”, visando a cura de alguma doença. Pode ser feita na sede do Centro, onde haverá um ambiente adequado, ou na própria residência do enfermo.	Apenas o Representante CEU-03 mencionou, aliás, por diversas vezes, as operações espirituais, exemplificando com casos concretos de cura por ele vivenciados e ainda citando um médium que estava em Uberaba, que incorporava o Dr. Fritz, que estava atraindo, segundo ele, uma multidão. Nenhum outro entrevistado não fez menção a essa atividade.
	Receituário médico	Um indivíduo, servindo de “médium” para o espírito de um médico já falecido, diagnostica enfermidades (que podem ter origem física ou espiritual) e indica medicamentos que podem ser alopáticos ou homeopáticos. Vários centros possuem serviços de distribuição gratuita de remédios, independentemente da presença da “mediunidade receitista”.	“O medicamento fitoterápico é feito lá, são dezessete litros de medicamentos, todos com plantas calmantes, com açúcar mascavo, mel, é uma receita psicografada. Trinta dias não está dando, de tanta depressão.” (REPRESENTANTE CEU-04)
	Passes	Nesse caso, as mãos de um “médium” servem de veículo para os “fluídos” de “espíritos superiores”, os quais têm a propriedade de trazer alívio a sofrimentos físicos ou morais. Oferecida no centro espírita, a sessão de passes pode ser coletiva – aberta ao público – ou individual; nesse caso, o indivíduo passa por uma entrevista e depois é atendido várias vezes por um “médium”, em aposentos especiais chamados de “câmara de passe”	Percebeu-se que, de acordo com os entrevistados, o “passe” é uma das atividades mais populares das instituições espíritas. Para se ter a dimensão de quantas pessoas freqüentam o centro para esse fim, o Representante A-CEU-01 fez o seguinte cálculo: “Para você ter uma idéia, esse ano [2006] nós compramos 40 mil copos descartáveis de café, que a gente dá um pouquinho de água para a pessoa, que nós chamamos de água fluidificada. Já tem mais 10 mil que nós compramos, porque não foi suficiente. Então, esse ano já passou pelo centro mais de 40 mil pessoas. (...) Com esses outros que a gente já comprou, deve passar mais de 50 mil pessoas. Tomando passe, ou quaisquer outros tipos de atividades. Talvez podem ser as mesmas pessoas que repetem semanalmente. Não quer dizer que sejam 50 mil pessoas diferentes. Somando esse número de pessoas, a gente estima esse número de 50 mil pessoas que tenham passado aqui pela casa.”

Fonte: Adaptado de GIUMBELLI, 1995, p. 47

Apêndice H – Quadro 10: Distribuição das atividades assistenciais em Uberaba (periodicidade)

PERIODICIDADE ATIVIDADE	DOMINGO		2ª-FEIRA		3ª-FEIRA		4ª-FEIRA		5ª-FEIRA		6ª-FEIRA		SÁBADO		MENSAL	NATAL	ANUAL
	DIA	NOITE	DIA	NOITE	DIA	NOITE	DIA	NOITE	DIA	NOITE	DIA	NOITE	DIA	NOITE			
Sopa	45	1	1		4		5		2	1			26	3			
Pães							1				1		6				
Almoço fraterno	2												2			1	
Almoço fraterno (para doentes)	1		1		1		1		1		1		1				
Macarronada	1																
Almoço/ galinhada	1												1				
Cestas básicas															13	4	
Atendimento médico	1		1		1		2		1		1		3				
Atendimento médico/odontológico - ambulatório dentário			1		1		1		1		1						
Farmácia						1	1						2				
Atendimento farmácia homeopática					1				2		1						
Atendimento fitoterápico							2						2				
Atendimento fraterno						1		1	1	1							
Assistência a doentes mentais	1																
Assistência a gestantes			1														
Banhos													1				
Visita ao hospital Hélio Angotti																	
Costura			3		8		10		3				1				
Campanha rua															1		
Corte cabelo	8		1			1		1					1				
Enxoval bebê																	
Peregrinação	2			6		3		4				1		2			
Família/reunião com pais															1		
Distribuição natal																8	
Bazar permanente							1										
Mutirão projeto "João de Barro"													1				
Distribuição cobertores e agasalhos	1																1
Doação de roupas	1				1				3								
Aula de crochê							1										
Aula de pintura em tecido							1		1		1						

Obs.: Os números referem-se à quantidade de centros/instituições espíritas que realizam a atividade assistencial na periodicidade assinalada

Fonte: Dados da pesquisa